

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANO
SEXTA-FEIRA, 25 DE SETEMBRO DE 1970

DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
N.º 17 157 ANO 50.º PREÇO 1\$50

ATENÇÃO

A MOSCA

PICA AOS SÁBADOS



O TEATRO AVENIDA VAI SER DEMOLIDO

Como a imagem documenta, começou a construção do tapume que permitirá o início das obras de demolição do edifício do Teatro Avenida e do prédio que lhe fica ao lado. Recorde-se que aquele teatro foi destruído por um incêndio, faz em Dezembro três anos, quando ali actuava a companhia da actriz Amélia Rey Colaço. Foi o terceiro teatro destruído pelo fogo em cerca de dois anos.

Como a imagem documenta, começou a construção do tapume que permitirá o início das obras de demolição do edifício do Teatro Avenida e do prédio que lhe fica ao lado. Recorde-se que aquele teatro foi destruído por um incêndio, faz em Dezembro três anos, quando ali actuava a companhia da actriz Amélia Rey Colaço. Foi o terceiro teatro destruído pelo fogo em cerca de dois anos.

Libertados alguns dos reféns pelas tropas de Hussein

BEIRUTE, 25 — (R.) — Rádio Amã anunciou que as tropas jordanas libertaram, hoje, das mãos dos guerrilheiros da Palestina, alguns dos 54 reféns dos aviões assaltados.

HOJE 32 PÁGS.—VISADO PELA CENSURA

Prioridade nas ordens de pagamento emitidas em Angola e Moçambique em casos de desequilíbrio na balança de pagamentos externos (Pág. 7)

O comunicado da Rádio, da autoria do marechal Majali, não revelava o número de reféns libertados nem as condições em que a acção tinha decorrido. A sorte dos restantes também não foi mencionada.

ENCONTRO

Entretanto, o comando da Fatah em Damasco anunciou que o chefe dos guerrilheiros, Yasser Arafat, se avistou hoje, numa cozinha de Amã, com o pre-

sidente do Sudão, Al-Nimeiry, chefe de uma missão de paz árabe.

A missão tinha-se avisado ontem com o rei Hussein, e aguardava-se ansiosamente o resultado deste último encontro para saber se ambas as partes tinham, finalmente, chegado a acordo, após nove dias de sangrenta luta. Porém, Damasco limitou-se a anun-

(Continua na 14.ª página)

Decisões dos tribunais arbitrais

A semana de 44 horas para todos os caixeiros

A redução da semana de trabalho de 48 para 44 horas em todos os novos contratos que abrangem a actividade dos caixeiros de Lisboa, foi decidida pelos Tribunais Arbitrais — segundo informação feita à classe pelo respectivo sindicato

Os Tribunais pronunciaram-se ainda acerca de outros pontos em debate, como os subsídios de férias e de Natal, e o montante de vencimentos.

O subsídio de férias fica dependente do escalão de tempo a que o empregado tem direito, e da antiguidade profissional (esta no ramo de Tecidos).

Na definição dos novos vencimentos influi a categoria da respectiva empresa, em função dos rendimentos colectáveis. (Ler notícia detalhada no suplemento Mesa-Redonda)

Sofia Loren a seis mil pessoas:

«O AMOR DÁ GOSTO AO MOLHO DE SPAGHETTI»



«Mulher ideal é a que, sendo inteligente, sabe esconder a inteligência se a tiver em abundância» — diz Sofia

NOVA YORK, 25 — (F. P. e R.) — O amor faz os casamentos durarem, faz uma mulher sentir-se realizada e até contribui para dar melhor sabor ao molho do «spaghetti» — declarou a actriz Sofia Loren, perante 6000 pessoas.

Em frente da audiência que se preparava para ver a primeira exibição do seu último filme, «Os Girassóis», Sofia conversou com centenas de jornalistas.

Ao perguntarem-lhe se estava disposta a aparecer num filme ela viu-se e comentou: «Não me parece que isso seja coisa que se pergunte a uma mulher em frente de seis mil pessoas».

Sofia Loren, que trajava túnica cor de cereja e calça preta, declarou, ainda, que «uma mulher nunca deveria esquecer os seus deveres e as suas responsabilidades de mulher. A mulher ideal é a que cuida de si própria, que não é maquiadora, que se mostra inteligente, mas que sabe esconder a sua inteligência se a tiver em abundância».

DE ONTEM PARA HOJE

APARECER ANTES DO INIMIGO

«Temos de estar sempre preparados para aparecer antes do inimigo onde quer que seja» — afirmou o general Sá Viana Rebelo, ministro da Defesa Nacional, no acto de investidura do novo vice-chefe do Estado-Maior do Exército, general António Augusto dos Santos. Aquele membro do Governo, depois de definir as funções do E. M. E., e dirigindo-se ao empossado, disse: «Recomendo-lhe o melhor interesse para a Instrução de Aperfeiçoamento Operacional. Ela é de excepcional importância, e cada vez há menos onde a fazer adequadamente no Portugal europeu. Grande parte das matas e pinhais do País onde tal instrução se tem feito, estão hoje cada vez mais ocupados por empreendimentos turísticos, explorações agrícolas e florestais, ou estradas e caminhos, que deixam pouco espaço onde se possa encontrar um ambiente semelhante ao que encontra em África. Dai a necessidade de transportar gradualmente a I. A. O. para África, e para tanto já este mês parte para a Guiné o primeiro contingente, aliviando de certo modo os quartéis da metrópole.» Falando, por último, sobre o aspecto da organização — organização territorial da Metrópole e do Ultramar e organização das unidades — disse o ministro: «A organização deverá processar-se dentro de moldes económicos. É preciso terminar com empolamentos desnecessários nas tropas e nos serviços, cortar aquilo que for dispensável e aproveitar só o indispensável. Têm sido raros nos últimos anos as propostas que comportem diminuição de encargos; esperava que elas passassem a ser mais numerosas, por todas as razões.» O general Augusto dos Santos, por sua vez, afirmou nomeadamente: «A luta em que estamos empenhados para dominar a agressão de que somos alvo no Ultramar tem consumido vidas e energias de portugueses; mas dá-nos também, a par do orgulho de quem sabe estar a cumprir um dever inalienável, uma experiência das mais válidas na nossa longa história militar e ensinamentos preciosos que têm de continuar a ser aproveitados no aperfeiçoamento da preparação dos nossos soldados. Tal aproveitamento só é possível, uma vez mais, pela conjugação dos esforços de todos os intervenientes nessa preparação. Nas funções que vou desempenhar terei sempre presente esta necessidade permanente de cooperação. Dá-la-ei espontânea e lealmente e estou certo de ir recebê-la daqueles que vão ser os meus companheiros de trabalho nas tarefas específicas que me vão competir.»



Na sede dos Transportes Aéreos Portugueses, o secretário de Estado do Trabalho e Previdência homologou o acordo coletivo de trabalho celebrado entre aquela empresa e os 19 sindicatos nacionais pelos quais se distribuem os seus seis mil empregados da área da Metrópole. Presentes, os vices Vaz Pinto e Mendes Barbosa, respectivamente presidente e vice-presidente do conselho de administração da TAP

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

A melhoria de alguns elementos em serviço, obriga a interrupções de fornecimento para a sua efectivação. Assim, no próximo Domingo, cortar-se-á a corrente nos seguintes Sectores e Zonas:

Concelho de Lisboa:
1.º Sector — Rua do Galvão, L. do Galvão, Trav. do Galvão, Rua Domingos Tendeiro, Trav. Domingos Tendeiro, Beco Domingos Tendeiro, Rua da Correnteza e imediações. (Das 8 às 12 horas).
Concelho de Oeiras:
1.º Zona — TERCEIRA: Rua S. João de Deus, Rua S. Francisco Xavier, Rua Padre Anchieta, Trav. Santo António, Av. S. António de Tercena. (Das 8 às 15 horas).

Concelho de Sintra:
2.º Zona — MERCES: Parte Sul do Caminho de Ferro das Mercês e Casas de Mem Martins. (Das 8 às 15 horas).
3.º Zona — LINHÓ: (Das 8 às 15 horas).
4.º Zona — CACÉM, CACÉM DE CIMA, Bairro Alegre e imediações. (Das 7 às 17 horas).
Concelho de Cascais:
5.º Zona — TIRES. (Das 8 às 15 horas).
6.º Zona — REBELVA. (Das 7 às 17 horas).
Concelho de Loures:
7.º Zona — Toda a zona industrial e Camarária entre S. João da Talha e Verdinha. (Das 7 às 14 horas).
Concelho de V. F. de Xira:
8.º Zona — PÓVOA DE SANT'ÁRIA, VIALONGA, BOR-

GADOS, ALPRIATE, GRANJA DE ALPRIATE, QUINTA-NILHO, SANTA CRUZ, MOGOS, SANTA EULÁLIA, VERDELHA DO RUIVO, BOCA DA LAPA. (Das 7 às 14 horas).
Concelho de Alenquer:
9.º Zona — ABRIGADA. (Das 7 às 14 horas).

LEGIAO PORTUGUESA

No salão nobre do comando-geral da Legião Portuguesa, o almirante Henrique Tenreiro, presidente da respectiva Junta Central, conferiu posse ao brigadeiro Noveais Gonçalves de segundo-comandante da organização, para as actividades ligadas à Defesa Civil do Território.

ASFIXIADO

Em Moita (Anadia) faleceu, dentro de um lagar de vinho, vítima de asfixia, o proprietário sr. Amaro Correia da Costa, de 69 anos, casado.

POSSE

O secretário-geral do Ministério do Ultramar conferiu posse do cargo de inspetor superior de Administração Ultramarina ao dr. Júlio Monteiro.

VIAÇÃO PERIGOSA

Por ter chocado com um automóvel, entre Lavariz e Capinhonha do Campo, na estrada da Figueira da Foz, o motociclista António Simões Ribeiro, de 25 anos, agricultor, natural de Meão, Montemor-o-Velho, veio a falecer a caminho dos Hospitais da Universidade de Coimbra. Outro acidente ocorreu na estrada de Moncorvo para Alfândega da Fé, quando uma camioneta se voltou, falcando o passageiro sr. Alberto da Silva Zallano e ficando feridas cinco pessoas.

GENERAL SPINOLA

O governador da Guiné, general António Spínola, visitou o Hospital do Ultramar, o Hospital Militar e o Hospital da Marinha.

ENSINO LICEAL

As provas orais dos exames começam na segunda-feira

Começam na próxima segunda-feira, nos liceus, as provas orais dos exames da 2.ª época dos 5.º e 7.º anos, cujas escritas se concluíram ontem.

Deverão, em princípio, estar concluídas até ao dia 30, dado que o novo ano lectivo começa, oficialmente, no próximo dia 1 de Outubro.

Ainda em diversos estabelecimentos de ensino se encontram também afixadas as

listas dos alunos a que foram concedidas isenções de propinas, bem assim como daqueles que foram transferidos, por ordem superior, para escola diversa daquela em que se inscreveram.

Exames de Estado

Como oportunamente noticiámos, já este ano se fazem em novos moldes — que em primeira mão demos — os

exames de estado nos ensinos liceal e técnico, conforme despacho do ministro da Educação Nacional de 31 de Agosto último. No preâmbulo do despacho justificam-se devidamente as inovações introduzidas naqueles exames, para os quais a inscrição terminou em 15 de Setembro, e que devem estar concluídos até 5 de Dezembro.

Autorização prévia do Banco de Portugal para operações cambiais no Continente e nas Ilhas

Um despacho do Ministério das Finanças dá nova redacção à secção 6.ª do despacho ministerial de 21 de Fevereiro de 1963, que estabelece os princípios reguladores das operações cambiais realizadas no Continente e Ilhas Adjacentes.

É o seguinte o texto do referido despacho, publicado hoje no «Diário do Governo» (1.ª série):

«1 — A prestação de garantias bancárias respeitantes a obrigações em que figurem, como sujeito activo ou pas-

sivo, residentes ou domiciliados no estrangeiro dependerá de autorização especial e prévia do Banco de Portugal. Para a concessão da autorização poderá o Banco de Portugal exigir do interessado, se for caso disso, que obtenha previamente o boletim de autorização de exportação ou importação de capitais, referente ao cumprimento da obrigação a que a garantia bancária se referir.

«2 — A aceitação, por parte de instituições de crédito autorizadas a exercer o comércio de câmbios, de quaisquer garantias prestadas por residentes ou domiciliados no estrangeiro e de garantias prestadas por residentes ou domiciliados no continente e ilhas adjacentes, estas últimas quando respeitantes a obrigações em que figurem, como sujeito activo ou passivo, residentes ou domiciliados no estrangeiro dependerá, igualmente, de autorização especial e prévia do Banco de Portugal. Para a concessão da autorização poderá o Banco de Portugal exigir do interessado, se for caso disso, que obtenha previamente o boletim de autorização de exportação ou importação de capitais, referente ao cumprimento da obrigação a que a garantia se referir.

«3 — A prorrogação de garantia, decorrente ou não de prorrogação da obrigação principal, é considerada como prestação de nova garantia.»

A reciprocidade das cartas de condução de automóveis Inglaterra-Portugal

Uma vez que as autoridades inglesas só conhecem, no seu território, a validade das cartas portuguesas de condução de automóveis por um período de doze meses, o que é contrário ao regime de reciprocidade estabelecido sobre a utilização em Portugal das cartas de condução emitidas em Inglaterra, impõe-se, em tais circunstâncias, rectificar o despacho que estabelece tal reciprocidade.

Assim, segundo aviso oficial, às cartas de condução de automóveis emitidas em Inglaterra só é reconhecida validade em Portugal durante igual prazo de doze meses, devendo, findo este, os seus titulares obter, mediante exame, a carta de condução portuguesa, caso pretendam continuar a conduzir no País.

ANTÓNIO MACEDO E FRANCISCO DE CASTRO DISTINGUIDOS

O arq.º António Macedo e o produtor Francisco de Castro receberam, ontem, das mãos do secretário de Estado da Informação e Turismo, dr. Moreira Baptista, a «Espiga de Ouro» da XV Semana Internacional de Cinema Religioso e de Valores Humanos de Valladolid, pelo seu documentário «Alma da Negreiros, vivo hoje».

O júri internacional que conferiu o galardão foi presidido por Mário Verdone, representante da Itália.

Num gesto simbólico, António Macedo pediu ao dr. Moreira Baptista que acesse o troféu, como oferta ao País de um testemunho do excepcional artista que foi Almada Negreiros.



DELFIN FERREIRA

Delfim Ferreira

MORREU HÁ 10 ANOS

Completam-se hoje dez anos sobre a data da morte de Delfim Ferreira. Em 25 de Setembro de 1960 faleceu um homem de acção, decidido e ousado, que havia de marcar com o seu nome uma obra, destinada, pelos seus próprios fundamentos, a projectar-se no futuro, para além da vida do seu criador, como uma continuação de si mesmo.

Delfim Ferreira, pioneiro de uma época industrial caracterizada pelo arranque de novas iniciativas, imprimiu invulgar dinamismo a toda uma série de realizações sérias e válidas, que ainda hoje se afirmam no quadro económico-industrial do País, graças à continuidade que lhes dá seu filho, dr. Alexandre Ferreira, que prossegue devotadamente os caminhos encetados por seu pai.

Uma década volvida sobre o desaparecimento de Delfim Ferreira, a sua memória é recordada por quantos lhe conheceram o seu poder realizador, o seu trabalho persistente e a magnanimidade do seu coração de homem bom.

A data de hoje é de saudade e de homenagem íntima.

CENTRO INTERNACIONAL DE LÍNGUAS

Director: PROF. VASCO BOTELHO DE AMARAL

80 MINUTOS de ENSINO: LIÇÃO EM CLASSE (50 minutos) +

ESTUDO NOS LABORATÓRIOS (30 minutos)

LÍCOES INDIVIDUAIS em 6 modalidades

Todos os NÍVEIS R. Mouzinho da Silveira, 25 Tel. 538494

Livraria Quadrante

AGORA TAMBÉM

LIVROS ESCOLARES

Av. Luís Bivar, 85 - C — Tel. 534262-533766

Administração de Propriedades BANCO DO ALENTEJO

A Rússia Oriental está ao alcance das bombas chinesas

WASHINGTON — Segundo fontes americanas dignas de crédito, a China está a produzir um bombardeiro bimotor a jacto, com capacidade para transportar armas nucleares a uma distância de 2500 km do território chinês.

O aparelho é uma cópia do TU-16 russo «Badger», que tem estado em serviço nas forças aéreas soviéticas, desde 1955.

As versões iniciais do avião — o primeiro bombardeiro a jacto produzido na China — foram recentemente descobertas por voos de reconhecimento norte-americanos («U-2» e satélites).

Os peritos americanos entendem que a China está apta a produzir, no máximo, 4 ou 5 «TU-16», por mês, mas dizem que é ainda cedo para se saber se os chineses introduziram melhoramentos na versão russa.

O «TU-16» voa a 944 km por hora. Contudo, pelos padrões ocidentais, o «Badger» é considerado obsoleto. Ser-lhe-ia difícil vencer quaisquer sistemas modernos de defesa aérea composto de caças de alta velocidade e de mísseis solo-ar. No entanto, os aparelhos que conseguissem vencer esse sistema poderiam causar danos consideráveis. O «Badger» pode transportar uma carga de 10 t, no seu reservatório de bombas, o que significa que cada

aparelho pode provavelmente dispor de várias armas nucleares que, no seu total, terão um poder explosivo equivalente ao da bomba que os americanos lançaram, em 1945, sobre Nagasaki.

Embora o avião não constitua qualquer ameaça para os E. U. A. ou para a Europa ocidental, há várias cidades importantes da Rússia Oriental que ficam ao seu alcance, o mesmo aconte-

dispunham de cerca de 150 obsoletos caças ligeiros «Beagle», de fabrico soviético para transporte e lançamento de armas nucleares.

Entregues antes de 1960, estes aparelhos já têm quase 20 anos, voam a velocidade quase idêntica à dos «Badger» e têm capacidade de carga equivalente a um quarto da capacidade destes.

Os chineses têm procurado igualmente fabricar mísseis balísticos de médio alcance e intercontinentais;

por MICHAEL GETLER

(Exclusivo «The Washington Post»-«D. L.»)

tecendo com as concentrações militares soviéticas situadas ao longo da fronteira sino-soviética (numa extensão de 6720 km). Todo o Sudoeste Asiático, Japão, Coreia, Taiwan e as Filipinas, fica igualmente no seu raio de acção.

O Instituto Britânico de Estudos Estratégicos calculou recentemente que os chineses têm material nuclear bastante para fabricarem cerca de 150 bombas atómicas.

Irónicamente foram os russos que meteram Pequim no segredo do «Badger», pois lhe forneceram alguns «TU-16», nos fins dos anos 50 e os auxiliaram a construir uma fábrica para os produzir.

Depois de os técnicos soviéticos se terem retirado, em 1960, os chineses, ao que parece, tiveram grande dificuldade em dominar as técnicas de produção de aviões grandes e conheceram sérias preocupações financeiras.

Até agora, os chineses só

no entanto, ambos os programas têm enfrentado sérias dificuldades e nenhum deles está em fase operacional.

A princípio, os serviços de espionagem dos E. U. A. supunham que os chineses poderiam dispor de mísseis nucleares, de médio alcance, em 1967.

Mas o programa, que, em 1966, parecia estar em considerável progresso, encontra-se agora bastante atrasado, devido a dificuldades com o sistema de orientação de mísseis, com a interrupção do trabalho por altura da Revolução Cultural e com a decisão de abandonar a primeira versão em benefício de uma melhorada.

Fontes bem informadas creem, no entanto, que as principais dificuldades têm sido de ordem técnica. E que apesar dos atrasos, nesse programa e das realizações no domínio dos caças-bombardeiros, os chineses não abandonam o projecto de mísseis intercontinentais.

GRÊMIO DOS INDUSTRIAIS DE PANIFICAÇÃO DO PORTO O PROBLEMA DO PÃO

Reuniu extraordinariamente, em 21 do corrente, o Conselho Geral do Grémio dos Industriais de Panificação do Porto, tendo deliberado pedir a atenção do Governo para a difícil situação económica que a actividade defronta na iminência, ao que parece, de se agravar ainda mais e em termos incompressíveis.

Importa ter presente que a taxa de panificação se mantém inalterável desde há mais de 20 anos, não obstante os agravamentos máximos que desde então se têm vindo a processar, constantemente, em instalações, equipamento e mão-de-obra.

Perante esta situação clamorosa e tendo em conta, ainda, os vultuosos investimentos realizados pela indústria para dar cumprimento às determinações de remodelação de estruturas impostas pelo Regulamento promulgado pelo Decreto-Lei n.º 42 477, de 29 de Agosto de 1959, o Conselho Geral do Grémio exprime em telegramas expedidos para Suas Excelências e Presidente do Conselho e os Ministros da Economia e das Corporações e Previdência Social as suas preocupações alarmantes e a confiança de que venham a ser promulgadas disposições tendentes a salvaguardar a sobrevivência de uma actividade que sempre tem procurado bem servir a Nação, e em que labutam muitos milhares de trabalhadores a cuja justíssima melhoria de nível social a indústria desejaria satisfazer.

NOTA

O SENTIDO DAS PALAVRAS

A TRÊS DIAS DE DISTÂNCIA da data em que se fazem dois anos da permanência do prof. Marcello Caetano na presidência do Governo, o discurso que proferiu o ministro das Corporações e Previdência, na comemoração anual do «Estatuto do Trabalho Nacional», aparece como a definição relocada de alguns contornos da política que vem a ser praticada ou anunciada naquele sector, que não pode deixar de se entender como pedra de toque na análise que se tenta para o entendimento da evolução do regime. A leitura atenta que se fizer desse documento não pode fugir à conclusão de que se trata de um acto político de primeira importância, através do qual se podem surpreender, para além da informação de alguns dados concretos, as linhas de orientação que podem encerrar a resposta a algumas perguntas que o observador da conjuntura política formule nas suas próprias meditações.

No espírito e na letra do discurso julgamos possível assinalar três grandes razões primordiais. Diremos que a primeira é a que não está lá escrita nem dita e ela é precisamente a omissão de um certo tipo de vocabulário que era de uso ir buscar ao armazém (para não dizer arsenal) dos utensílios para sua exibição em momentos como o da comemoração a que o discurso se destinava. Não sabemos nem queremos fugir à interpretação de que tal omissão, praticada publicamente por um ministro que ao longo da sua carreira tem dado sinais repetidos da sua capacidade de se guiar por um evidente sentido político, não é, não pode ser um simples «lapsus», mas de manifesto um propósito. Diga-se o que se disser, pela nossa parte levamos isso à conta de importante contributo para um bem necessário e que se deseja progressivo saneamento da atmosfera política em que se tem vivido neste País. O segundo ponto a referir, que consideramos consequente do anterior e por isso se menciona pela ordem, é o da admissão permanente do conceito de revisão, de acordo com «o reconhecimento das mutações externas e internas a cujo devir é necessário ir fazendo corresponder a evolução» do sistema institucional estabelecido ao longo de anos e de acordo, porventura, com dados gerais que hoje se têm de considerar alterados. Como se entende e o ministro sublinhou, o mundo hoje é outro. E neste mundo outro que é o do dia de hoje aparecem-nos como evidências, postulados, axiomas, como se quiser, algumas ideias e situações que, não há muito tempo, apenas por alguns eram admitidas. Não há, porém, a possibilidade de encerrar situações novas em moldes legais ultrapassados. Como nos havemos de querer iludir? Entendê-lo, admiti-lo, confessá-lo parece-nos sinal de um realismo político que só se pode ter na conta de salutar.

O reconhecimento deste conjunto de circunstâncias que são as da realidade política portuguesa não é, entretanto, insusceptível de contestação ou resistências: «estes postulados para a acção, embora abster-se de delineados pareçam merecer uma aceitação quase pacífica, são por vezes contestados na actuação concreta», notou o dr. Rebelo de Sousa, que, aliás, para fiança do bom fundamento das posições até onde avançou, se fez prevalecer da fidelidade a pensamentos já expressos e orientações já definidas pelo prof. Marcello Caetano. E aí se repesca a designação de «Estado Social», lançada várias vezes à consideração pública e mais amplamente definida no discurso proferido o ano passado na Câmara do Porto: «É por isso que defendo o Estado Social — mas não socialista. Social na medida em que...» O resto resume-se. É o interesse de todos, é a razão colectiva, é «o acesso das camadas oprimidas da população», vocabulário esse que, nos tempos que vão correndo, cada vez mais difícil se torna deixar vazio de conteúdo.

Não há que duvidar que essas forças e esses movimentos são o próprio sinal da nossa época. Reconhecer isso mesmo, procurar não o iludir nem escamotear e ir ao encontro disso mesmo parece-nos índice de lucidez da parte do Poder. É a tal «nova visão da vida». Como e até onde? A grande regra será a de sempre procurar o justo mas com a noção perfeita de que é o justo. E aí adiantou o ministro o seu conceito: andar para a frente, «indiferentes a pressões, venham elas de onde vierem, sejam elas inspiradas por excessivas pretensões ou por intencionalmente receios». «Quantum mutatus ab illo»

NOVA MODALIDADE DE PRÉMIOS

causa sensação no comércio da Lotaria

Vem despertando sensação entre cambistas, comerciantes e revendedores da Lotaria Nacional — e, naturalmente, o assunto irá agora repercutir-se e especular-se na opinião pública — a decisão tomada pela Misericórdia de Lisboa de criar prémios a todos os números que difiram do da «taluda» quer no algarismo das unidades, ou no das dezenas, centenas, milhares ou dezenas de milhares. Isto significa, realmente, que quem tiver frações ou bilhetes com números diferentes, num algarismo, do que venha a ser contemplado com a sorte grande, também será premiado. Deste modo e habitualmente — convenha-se —, a Misericórdia vai calar a boca a todos quantos comentavam lamentosamente: — por um número, não fui premiado...

Modalidade revolucionária, esta, e que, experimentalmente, se aplicará já no sortelo de 3 de Outubro, próximo, na Lotaria do Outono. Assim, para aqueles que viam fugir-lhe os nove milhões do grande prémio, por diferença de um simples algarismo, restar-lhes-á a consoladora certeza de serem ain-

da bafejados pela sorte, ganhando uma quantia que é igual a dezasseis vezes o dinheiro que hajam despendido. Aponte-se, como curiosidade de cálculo, que, para cada número em que recaia a «taluda», haverá 42 outros números que dele diferem num dos algarismos. Isto, numa emissão de 70 000 bilhetes, como é o caso, na dita Lotaria do Outono. E vamos dar-lhe um exemplo, escolhendo o modo abreviado de designar a data de hoje (25/9/70). Seja, portanto, o 25970 que haja de beneficiar dos 9 mil combos do próximo sortelo. Neste exemplo, seriam contemplados com prémios diferidos os n.ºs:

5970,	15970,	20970,	21970,
22970,	23970,	24970,	25070,
25170,	25270,	25370,	25470,
25570,	25670,	25770,	25870,
25900,	25910,	25920,	25930,
25940,	25950,	25960,	25971,
25972,	25973,	25974,	25975,
25976,	25977,	25978,	25979,
25980,	25990,	26970,	27970,
28970,	29970,	35970,	45970,
55970	e 65970.		

Portanto, caro leitor, na próxima lotaria tem mais quarenta e duas probabilidades de ganhar dinheiro, à custa da sorte. E, isto, considerando ainda que a Lotaria do Outono tem a usual gama de prémios e que, no sortelo, serão contemplados todos os números cujos três ou dois últimos algarismos sejam iguais aos dos 1.º, 2.º ou 3.º prémios. Basta acrescentar que, nas duas séries da emissão, é de 24 958 o número de bilhetes a serem contemplados com o melhor de 23 436 combos.

MÓVEIS

Nórdicos e todos os estilos.
Estofos — Colchões — Matrapizes-cama

FACILIDADES DE PAGAMENTO E TROCA

MOFEL

MÓVEIS FERLIM, LDA.
Rua de S. Bento, 243
Telef. 67 62 69

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

NOVO CASINO ESTORIL
SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 AS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
MAQUINAS LIVRES
MAIORES DE 21 ANOS

BERTICE READING
VEGETA NORTE-AMERICANA da CANÇÃO

FREDIANI BROTHERS
ACROBATAS E FANTASISTAS

TEREZINHA ALVES
com ANTÓNIO LUÍS GOMES e RAUL SILVA

Les BALLETS de PIERRE FRANCK
em
Folies Royales

PRODUÇÃO DE
PIERRE FRANCK E PERRY MCCANN
JIRINÁS COMBO
"FORMA 5" com Vitor e Paul
FERRER TRINDADE
e sua orquestra

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE
AS 22.30 H. MAIORES DE 17 ANOS

NO WONDER BAR A 1.00 H.
MAIORES DE 21 ANOS

ROTA REAUMUR
SO NO WONDER BAR

NO CINEMA
As 17 e 21.30
AMOR BARREIRAS
(17 anos)

DOM PEPE
encerra
às 2^{as}-feiras

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize
os comboios eléctricos

ALEXANDRA STEWART

Um Amor para Carolina

2ª SEMANA

ADULTOS
estudio **444**

TEATRO ABC
Tel. 366745

HOJE: 2 SESSÕES:
As 20 e 45 e 23 h.
A FABULOSA
SUPER-REVISTA

ALTO LA COM ELAS!

O MELHOR ESPECTÁCULO DO ANO
produção de JOSÉ MIGUEL

a voz de ouro de
TONY DE MATOS

a plástica sensacional de
IO APOLONI

LINDA SILVA

ORLANDO FERNANDES • VITOR ESPADINHA (no «compêre»)
30 MULHERES FASCINANTES!

FEIRA POPULAR DE LISBOA
A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

QUE SE ENCERRA NO DIA 30
CONTINUA A TER UM AMBIENTE DA MAIOR
ALEGRIA E DE FESTA DO POVO

SEMPRE NOVIDADES — AMBIENTE ACOLHEDOR
— LINDOS PAVILHÕES — ELEGANTES «STANDS»
— ORIGINAIS DIVERTIMENTOS — DE TUDO PARA
COMER E PARA BEBER — UM MUNDO DE COISAS
LINDAS

UMA FEIRA PARA TODOS
Abertura às 19 horas — Entrada 2 escudos

CURSOS TÉCNICOS DE

DECORAÇÃO • PINTURA
ARTES DECORATIVAS
CERÂMICA • ESMALTAGEM

ESTÃO ABERTAS AS MATRÍCULAS
ESCOLA PAIXÃO
AV. ALMIRANTE REIS, 56, 3.º E. — TELEF. 5 27 26

COLISEU HOJE
As 21 e 30
(MAIORES DE 6 ANOS)

INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA de CIRCO
1970-1971

GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL
AS MAIORES ATRAÇÕES
NÚMEROS DE SENSACÃO
PALHAÇOS

AMANHÃ
Promove espectáculos à tarde com entrada gratuita
às crianças até 10 anos
A NOITE, AS 21.30 (M. 6 ANOS)

TEATRO LAURA ALVES
Tel. 864756

HOJE às 21.45 horas
(Maiores de 7 anos)
VASCO MORGADO
apresenta a obra-prima de
ARTHUR MILLER
O PREÇO

magnificamente interpretado
por: Jacinto Ramos, Verela
Silva, Glória de Mattos e, em
reaparição **José Gembes**

Encenação de Jacinto Ramos
Cenário de João Vieira
Tradução de Mário Casais
Ribeiro

Domingos: à tarde, às 16 h.

VASCO MORGADO apresenta
327493 **TEATRO CAPITOLIO**

TODAS AS NOITES, AS 21.45 H.
SABADO, às 21 h. e às 23 horas
HA QUASE
1 ANO

(Maiores de 17 anos)

NO TEATRO **TEATRO MONUMENTAL**

HOJE, às 21.45 (ADULTOS)
EM 33.ª SEMANA
UMA DELICIOSA COMÉDIA
apresentada por
Vasco Morgado
com a querida atriz
LAURA ALVES
POBRE MILIONARIA

No elenco: Rui de Carvalho,
Canto e Castro, Armando
Correia, Carlos José Teixeira,
Fernanda Alves, Luis Pinhão,
Guida Maria, Carlos Paula e
António Semedo

Plateia, 30\$00 — Balcão, 5\$00
Domingos, à tarde, às 16 h.
2.ª feiras: descanso da C.

O VISON VOADOR
COM
RAUL SOLNADO
MARIA PAULA, FERNANDA BOR-
SATTI, YOLA, MARIA LAURENT,
GEORGINA CORDEIRO, MARIA
e ainda ARTUR SEMEDO, VASCO
DE LIMA COUTO, DAVID SILVA
e ROLANDO ALVES

«O VISON VOADOR»
É O FIM
DA GARGALHADA

Em FERREIRA DO ALEN-
TEJO o «DIÁRIO DE LISBOA»
é vendido por José Lopes.

Teatro TELEF. 717012
Maria Matos

TODAS AS NOITES
ÀS 21.45 HORAS
Sábados e Domingos
também às 16 horas

17 ÚLTIMOS DIAS
antes da partida para o
I FESTIVAL DE TEATRO
DE MADRID

A DIVERTESSÍSSIMA SATIRA

A RELÍQUIA
DE QUEIROZ

(Maiores de 7 anos)

SÁBADO, ÀS 16 HORAS
TARDE POPULAR

com a mesma tabela
das noites de quinta-feira

BALCÃO: 10\$, 15\$ e 30\$00
PLATEIA: 30\$00 e 50\$00

Os jovens dos 17 aos 24
anos têm, nas tardes de sá-
bado e nos 2 espectáculos
de domingo, 50% de des-
conto nas normas habituais

Paula Ribas no festival do Rio de Janeiro

Paula Ribas será — a final de contas — a intérprete da melodia portuguesa que vai desfilar no Maracanãzinho, no V Festival Internacional da Canção do Rio de Janeiro.

O convite oficial chegou esta manhã, por intermédio do representante da

organização do Festival no nosso País: o empresário Artur Pereira.

A composição que Paula Ribas vai «defender» no confronto com as de 45 outros países é da autoria de Jorge Costa Pinto, maestro que também orquestrou o trecho musical.



Em cima da hora, Paula Ribas ganha a viagem ao Brasil

John R. Hartley, do Liquor Control Board, de Ontário, regressou ao Canadá

Após alguns dias de permanência entre nós, regressou ontem ao seu país, acompanhado da esposa, o sr. John R. Hartley, alto funcionário do Liquor Control Board de Ontário, Canadá, que nos visitara a convite do Banco Fonsecas & Burnay.

Após alguns dias de permanência entre nós, regressou ontem ao seu país, acompanhado da esposa, o sr. John R. Hartley, alto funcionário do Liquor Control Board de Ontário, Canadá, que nos visitara a convite do Banco Fonsecas & Burnay.

No Porto, foi convidado de honra do Congresso da Imprensa Internacional Gastronómica e Vinícola, ali em curso, estando também convidado para o I Festival das Vindimas ao qual, porém, os seus afazeres no Canadá não lhe permitiram assistir.

Em sua honra, o Banco Fonsecas & Burnay ofereceu um jantar no Porto e outro em Lisboa, a que assistiram elementos da Embaixada do Canadá e de organismos oficiais, exportadores e membros da direcção daquele Banco.

Durante a sua estadia o sr. Hartley, que superintende nas compras de vinhos pelo Ontário, foi recebido na Junta Nacional do Vinho e no Instituto do Vinho do Porto, tendo também visitado diversas regiões vinícolas do nosso País, bem como alguns dos

Artes plásticas

Gottfried Tritten

no **Palácio Foz**

Na segunda-feira, às 18 horas, será inaugurada, numa das salas do Palácio Foz, uma exposição do artista suíço Gottfried Tritten.

Santana expõe no Estoril

Amanhã inaugura-se, na galeria de arte do Casino

Estoril, uma exposição de retratos-charge da autoria do posição de Mário Silva.

Salão de Arte Moderna da Costa do Sol

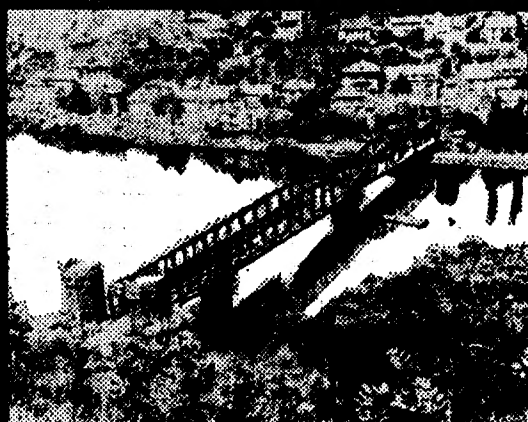
Foi prorrogado até 10 de Outubro, o prazo da entrega dos trabalhos destinados ao Salão de Arte Moderna, promovido pela Junta de Turis-

mo da Costa do Sol, o qual será inaugurado em 17 do mesmo mês.

Podem participar trabalhos nas seguintes modalidades: aguarela, cerâmica, desenho, escultura, esmalte, gravura, guache, mosaico, óleo, pastel, tapeçaria têmpora, colagem, vitral e joalharia.

**Os Alemães esqueceram
uma pequena ponte.**

**Sessenta e um dias depois
perderam a guerra.**



DAVID L. WOLPER APRESENTA



A PONTE DE REMAGEN

"THE BRIDGE AT REMAGEN"

GEORGE SEGAL / ROBERT VAUGHN / BEN GAZZARA / BRADFORD DILLMAN / ANNA GAEL e E. G. MARSHALL

Hoje, Grande Estreia no ROMA às 21,45

A receita do espectáculo de hoje reverte para o

'FUNDO DE ASSISTÊNCIA A ESTUDANTES, ORFÃOS DE MILITARES'

Patrocínio de "DIÁRIO DE NOTÍCIAS"



PANAVISION® COLOR Deluxe

argumento RICHARD YATES, WILLIAM ROBERTS

história ROGER HIRSON

produtor DAVID L. WOLPER

realizador JOHN GUILLERMIN

música ELMER BERNSTEIN

adultos

United
Artists

**CHAMAMOS A ATENÇÃO DO PÚBLICO PARA A ESPANTOSA
AUTENTICIDADE DESTA FILME, DE CERTO A MAIS REAL
RECONSTITUIÇÃO CONSEGUIDA ATÉ HOJE PELO CINEMA !**

Reunião em Lisboa dos componentes das novas comissões de distrito da Acção Nacional Popular

Deverá ser homologada a noite de hoje, ao fim da tarde, a comissão distrital de Lisboa da Acção Nacional Popular que será empossada em cerimónia a realizar depois de amanhã, segundo nos informou esta manhã da mesma organização. Os nomes dos respectivos componentes serão revelados à noite. Naquela cerimónia, tomarão posse também as restantes comissões de distrito já nomeadas. Os dirigentes designados para as constituírem reuniram-se em Lisboa a partir de amanhã, com a comissão executiva que preside o dr. Manuel Cotta Dias.

Entretanto, a A. N. P. divulgou a constituição de novas comissões de distrito.

BEJA — Presidente, o eng. António da Fonseca Leal de Oliveira; vogais, dr. António

Francisco Santos Escovay Lopes; Anselmo de Mira da Silva; Augusto Manuel de Oliveira Temudo e Melo, Candido de Oliveira Pombeiro, dr. Francisco Correia das Neves, eng. Francisco Nunes Garcia, dr. José Saturnino e eng. Mauricio Soares da Fonseca.

BRAGA — Presidente, o dr. José Maria Machado Rui; vogais eleitos, dr. Adélio de Oliveira Campos, dr. Agostinho de Rua Reis, Fernando da Costa Vilaça, dr. Joaquim António Saraiva de Almeida Coelho e dr. Ondina Clárisse de Moraes Barrosa; vogais nomeados pela Comissão Central, dr. Fernando Carvalho Dias Conceição, eng. Joaquim da Costa Vieira e eng. José António Pereira Rebelo Prezado.

CASTELO BRANCO — Presidente, o dr. José de Carva-

lho; vogais eleitos, eng. Albano Franco Frazão Castelo Branco, dr. Carlos Coelho, eng. agrón. João de Matos Romãozinho Belo, professor José Caramelo e José de Paiva Morão; vogais nomeados pela Comissão Central, Fernando de Melo Giraldes, dr. Luís da Fonseca Moraes Alçada e Sebastião Alves.

COIMBRA — Presidente, o dr. José dos Santos Bessa; vogais eleitos, dr. António Henriques, eng. Augusto Domingues Correia, dr. Fernando Amaral Gomes, dr. Francisco Augusto Cortês e José Alves Aldeia; vogais nomeados pela Comissão Central, dr. Alvaro Barbosa Ribeiro, eng. José Coelho Jordão e D. Maria de Lurdes Pereira de Almeida.

FARO — Presidente, o dr. Jorge Correia; vogais eleitos, dr. António Monteiro Baptista, dr. António de Sousa Calça, dr. João Bernardino Meneses de Sampaio Pimentel, dr. Leonel Rosa dos Santos Agostinho e dr. Manuel Pereira Fernandes Vargas; vogais nomeados pela Comissão Central, dr. Augusto Gamboa Leitão, dr. Manuel Rodrigues Pereira, Clárisse e dr. Maria de Lurdes Cardoso de Meneses Oliveira.

LEIRIA — Presidente, o dr. Tomás de Oliveira Dias; vogais eleitos, dr. António Debiano Carneira, António Reis Pinto, Eugénio Noronha de Oliveira, Francisco Miguel Lacerda de Figueiredo e dr. Manuel Valente Sanches; vogais nomeados pela Comissão Central, dr. António Jacinto Rijo Martins, Manuel Moraes Barbosa e dr. Mário da Rocha Cupido.

PORTALEGRE — Presidente, o dr. Armando Francisco Coelho Sampaio; vogais eleitos, eng. António Albano Fraga do Amaral, professor Dionísio da Graça Bicho Ceibola, dr. Manuel José Fernandes e Mariano Costa Pinto; vogais nomeados pela Comissão Central, Domingos Accaioli Sá Nogueira, eng. José Vicente Cordeiro Malato Beliz e Manuel de Jesus Mendes.

VISEU — Presidente, o dr. Albano Vaz Pinto Alves; vogais eleitos, dr. Amadeu Fonseca Sargento, dr. António Abranches Soveral, dr. António Pinho Bandeira, dr. Manuel da Costa e dr. Ricardo Cabral Campos; vogais nomeados pela Comissão Cen-

tral, António Moura Guedes Correia de Magalhães Montenegro, dr. João Duarte de Oliveira e João Manuel Alves.

VILA REAL — Presidente, o eng. Humberto Cardoso de Carvalho; vogais eleitos, dr. Augusto César Alves Ferrelra de Brito, Fernando Augusto Bandeira, Francisco Smicht Dias, Manuel Jesus de Almeida e Silva e Nuno Henrique Martins Ferreira Botelho; vogais nomeados pela Comissão Central, eng. Francisco José Torres Fontes de Sousa Campos, dr. João António Teixeira Camedo e dr. Miguel José Brás.

ASSEMBLEIA GERAL DE ALUNOS E DIPLOMADOS DO INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIAIS

A hora do nosso jornal circular, está a decorrer a segunda assembleia geral dos estudantes e diplomados do Instituto de Estudos Sociais, convocada pela Comissão de

Diplomados e Corpo de Delegados.

PROTECÇÃO DA CAÇA

Foi oficialmente proibido o exercício da caça até final da época de 1972-1973, em determinadas zonas, para efeitos de repovoamento nos concelhos de Mesão Frio, Mogadouro, Monção, Oliveira de Azeméis, Vila do Conde, Vila da Felra e Vila Nova de Gaia.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Fizeram transcrições do «Diário de Lisboa» ou referências ao nosso jornal, entre outros os prezados colegas «Comércio do Funchal», «Diário de Luanda» e «O Lobito», de Angola.

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Estes	Compra	Venda	Ultramarinas	Estes	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	—	—	500\$	Bur.	80\$	79\$5	81\$
Consolidado 3%	—	—	509\$	Cabinda	—	216\$	220\$
Consolidado 3 1/2%	—	612\$	—	Camões, Angola	—	2.470\$	2.490\$
Centenários 4%	—	—	1.440\$	1. e Revue	—	—	750\$
Ouro Tesouro 5%	1.000\$	—	1.000\$	1. do Príncipe	—	—	000\$
Extremo 1.ª Série	—	700\$	—	Mocimboa	—	185\$	88\$
Extremo 2.ª Série	—	—	—	Santa R.	—	420\$	—
Extremo 3.ª Série	—	780\$	780\$	Santa P.	—	420\$	44\$
Extremo 4.ª Série	—	—	145\$	Santa S.	—	78\$	79\$5
Cauféias 1.ª Série	—	—	—				
				Diversas			
BERGAMO				Alto	—	6.620\$	6.630\$
Agua Lisboa 5%	—	490\$	—	Alto	—	3.500\$	1.600\$
A. P. 1.ª Série	—	875\$	—	Alto	7.200\$	7.100\$	1.300\$
A. P. 2.ª Série	—	875\$	—	Alto	—	4.500\$	1.600\$
A. P. 3.ª Série	870\$	865\$	880\$	Alto	1.530\$	1.510\$	540\$
A. P. 4.ª Série	—	850\$	—	Alto	—	—	850\$
A. P. 5.ª Série	—	—	910\$	Alto	—	3.700\$	3.900\$
A. P. 6.ª Série	—	—	840\$	Alto	—	1.710\$	750\$
A. P. 7.ª Série	—	—	850\$	Alto	—	1.400\$	450\$
A. P. 8.ª Série	—	—	—	Alto	1.400\$	1.400\$	450\$
A. P. 9.ª Série	—	—	—	Alto	—	4.020\$	4.200\$
A. P. 10.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 11.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 12.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 13.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 14.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 15.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 16.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 17.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 18.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 19.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 20.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 21.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 22.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 23.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 24.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 25.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 26.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 27.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 28.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 29.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 30.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 31.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 32.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 33.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 34.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 35.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 36.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 37.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 38.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 39.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 40.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 41.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 42.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 43.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 44.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 45.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 46.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 47.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 48.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 49.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 50.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 51.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 52.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 53.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 54.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 55.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 56.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 57.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 58.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 59.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 60.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 61.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 62.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 63.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 64.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 65.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 66.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 67.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 68.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 69.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 70.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 71.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 72.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 73.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 74.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 75.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 76.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 77.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 78.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 79.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 80.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 81.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 82.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 83.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 84.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 85.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 86.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 87.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 88.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 89.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 90.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 91.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 92.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 93.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 94.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 95.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 96.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 97.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 98.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 99.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—
A. P. 100.ª Série	—	—	—	Alto	—	—	—

A Eva convida-o a passar o fim de ano na Madeira

Maravilhoso CRUZEIRO DE S. SILVESTRE a bordo do moderno e luxuoso navio N/T «FUNCHAL», de 28 de Dezembro de 1970 a 2 de Janeiro de 1971 (6 dias)

GRANDE CEIA DO FIM DO ANO

a bordo e assistência aos famosos fogos de artifício da noite de S. Silvestre

Excursões na Madeira

Assistência durante a viagem

Preço por pessoa, com tudo incluído, desde 2600\$00

PEÇA-NOS PROGRAMA DETALHADO

FÉRIAS PROGRAMADAS PARA TODO O MUNDO!!! CONSULTE-NOS...



Dr. José Soares da Fonseca

1.º ANIVERSÁRIO

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO participa que será mandada rezar missa por alma do Dr. José Soares da Fonseca, que foi Presidente do Conselho de Administração desta Companhia, amanhã dia 26, às 12.45 horas, na Basílica da Estrela.

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS
Rua do Ouro, 52-54 — Lisboa — Tel. 866066/7
Telex: ALMEIRO — Telex. 1471, ALBAP/ P

ACCIONES	Estes	Compra	Venda
Agriculture	—	2.280\$	2.300\$
Alentejo	1.165\$	1.165\$	1.165\$
Angola	—	3.600\$	3.650\$
Burmas	—	8.700\$	—
Cred. Predial	20.800\$	20.750\$	20.900\$
E. Santo	—	—	21.000\$
Fonseca S. A.	—	2.600\$	—
Fomento	—	6.750\$	6.750\$
L. & Açores	6.730\$	6.700\$	—
L. & Açores P.	—	5.500\$	5.510\$
Portugal P.	3.280\$	3.200\$	3.300\$
Portugal P.	4.380\$	4.300\$	4.400\$
Totta Alentejo	—	5.880\$	5.950\$
Ultramarina P.	—	3.445\$	3.460\$
Ultramarina P.	—	3.840\$	3.830\$
Seguro	—	—	—
Alentejo	161\$	160\$	161\$
Douro	—	1.500\$	—
Mundul	980\$	980\$	985\$
Sagres	—	—	2.200\$
Tranquilidade	—	55.000\$	65.000\$
Ultramarina	—	25.000\$	—
Ultramarinas			
Agúcar de Angola	—	770\$	775\$
Ag. Cascaes	675\$	675\$	685\$
Ag. Incomat	—	—	—
Ag. Neves	—	—	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	300\$	290\$	310\$
Boror	—	—	—

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTACAO DAS ACCOES (Base Dez. 75 100)

	17/9/70	23/9/70	24/9/70
GERAL	149,5	149,7	149,8
MEIROPOL	142,3	142,2	142,3
ULTRAM.	202,6	204,3	204,4

PAISES	COMPRAS	VENIDAS
África do Sul — Rand	345\$0	37\$00
Alemanha — Marco	7\$75	8\$05
América		
— Dólares de 1 e 2..	28\$20	28\$70
— Dólares de 5 a 1000	28\$50	28\$90
Argentina — Peso Novo	5\$00	8\$00
Austria — Schilling	\$10	\$16
Bélgica — Franco	\$56	\$59
Brasil — Cruzeiro	4\$50	6\$00
Canadá — Dólar	27\$70	28\$20
Dinamarca — Coroa	3\$70	4\$0

O decreto sobre as transferências de Angola e Moçambique

Um decreto-lei, pelo Ministério do Ultramar («Diário do Governo» de hoje, 1.º de Setembro), determina que quando a balança de pagamentos externos de qualquer território nacional se registarem desequilíbrios fundamentais, referidos no artigo 51.º do Decreto-Lei n.º 44.016, podem ser estabelecidas permutações para a liquidação das ordens de pagamento emitidas nesse território.

Reza o preâmbulo do referido diploma:

«O esforço de desenvolvimento que se vem processando em todo o ultramar, implicando um desgaste continuado e persistente das reservas em meios de pagamento ao exterior existentes em cada uma das províncias ultramarinas, tem impedido a realização pontual de operações de transferência ordenadas por alguns daqueles territórios.

Assim, vêm-se registando, no âmbito do sistema de compensação e de pagamentos interterritoriais, iniciado em Março de 1963, atrasos sensíveis na execução de ordens de pagamento emitidas em Angola e Moçambique, criando problemas particularmente graves a determinados beneficiários das ordens aguardando cobertura.

Reconhecendo-se a necessidade de dotar o actual sistema de um mecanismo com a maleabilidade suficiente para que, em casos de desequilíbrios persistentes nos pagamentos externos de algum território nacional, torne possível uma intervenção, em tempo oportuno, tendente a minorar dificuldades reconhecidas como mais prementes», assim é promulgada a referida lei:

«Artigo 1.º Quando na balança de pagamentos externos de qualquer território nacional se registarem desequilíbrios fundamentais referidos no artigo 51.º do Decreto-Lei n.º 44.016, de 8 de Novembro de 1961, poderão ser estabelecidas prioridades para a liquidação das ordens de pagamento emitidas nesse território.

Art. 2.º — 1. Os ministros das Finanças e do Ultramar estabelecerão, por despacho, a lista das rubricas em que se deverão conter as operações de transferência beneficiárias de liquidação prioritária e os condicionaisismos a que as mesmas operações deverão obedecer.

2. Na lista referida no número anterior poderão ser estabelecidos limites máximos às transferências a efectuar prioritariamente.

At. 3.º A autoridade cambial do território ordenador da operação apreciará, caso por caso, a licitude da atribuição de transferência prioritária e assinalará as ordens de pagamento beneficiárias desse regime.

Art. 4.º Em casos de reconhecidas dificuldades económicas, sociais ou políticas de

um dado território nacional poderá, por despacho dos ministros das Finanças e do Ul-

tramar, ser autorizada a afectação de determinados quantitativos da conta de

UMA POUSADA EM ESTREMOZ

O Presidente da República desloca-se, amanhã, a Estremoz, onde inaugurará às 18 horas, a Pousada da Rainha Santa Isabel instalada nos Paços Reais daquela cidade, que sofreram importantes obras de adaptação, respeitando-se, embora, tanto quanto possível, o traçado do antigo

palácio joanino.

A nova unidade hoteleira dispõe de 23 quartos todos com instalações sanitárias privativas, tendo-se aproveitado para o efeito, a alcáçova do castelo, distribuindo-se ao nível do rés-do-chão as zonas de recepção, de estar e refeições.

AVISO

O IMPOSTO COMPLEMENTAR estará a pagamento no próximo mês de Outubro.

Contactando-nos já, poderá pagar o seu imposto em 12 mensalidades suaves.

Peça um impresso explicativo deste serviço que o Banco criou para si.



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta.

EMPRÉSTIMO PARA UM FILME

Foi dada, na Geral de Depósitos, utilização de uma importância de 200 contos do Fundo do Cinema Nacional para a realização de um empréstimo à firma Espectáculos Rivos, Lda, para a produção do filme de longa metragem «Lotação Esgotada».



ALFACINHA

(Aux fines Herbes)

Não há dúvida de que os técnicos estrangeiros são cada vez mais necessários a vida desta nossa cidade que já foi capital de Império e é hoje capital de províncias de várias espécies. Eu, que sou de Arroios, não podia viver sem eles. Confesso este facto com toda a humildade até porque sem meia dúzia de estrangeiros não conseguiria resolver os problemas do trânsito cada vez mais intenso do meu bairro onde, a partir das onze da noite, é quase impossível andar de automóvel. Infelizmente, porém, sou incompetente nestas coisas, porque ainda há dias disse a um amigo que se queixava do tempo que lhe levava a subir a Alameda das Linhas de Torres todas as manhãs, que uma solução para o problema era, por exemplo, acelerar ligeiramente as obras da azinhaga onde há meses se não pode passar por motivos que só nesta cidade se compreendem. É claro que outra solução seria a da construção duma estrada de desvio que está planeada e que, a levar tanto tempo a construir como está levando a concluir as obras da azinhaga, vai ter por função demonstrar aos vindouros que nos preocupamos e sacrificamos por eles. Dir-se-ia que estas minhas opiniões são sensatas mas a verdade é que o não são única e exclusivamente porque eu não sou estrangeiro. Cheguei a esta conclusão ao ler as opiniões do abalizado professor Kurt Leibbrand, um técnico da O. C. D. E., que ao pronunciar-se sobre a Baixa Pombalina, afirmou indiretamente que vai ser necessário mentalizar os habitantes de Cascais a não trazerem os seus carros até Lisboa. Subitamente, inesperadamente, fez-se luz no meu

espírito: a solução para o problema da Alameda das Linhas de Torres é só uma — mentalizar os habitantes de Loures, da Malveira, de Torres, de Óbidos etc. a deixarem os seus carros na terra e a virem até Lisboa a pé. É claro que se eu fosse estrangeiro em lugar de ter nascido em Arroios, tinha nascido com este saber todo na pinha e não tinha de aprender estas coisas nos jornais. O que me custa é saber que os nossos técnicos raras vezes (como eu hoje estou bem educado...) são convidados a deslocarem-se até aos países dos Kurts a fim de resolverem os seus problemas. Mas que não fiquem a pensar que não lhes pagamos os conselhos. O referido professor Kurt Leibbrand que se na Baixa Pombalina «existirem universidades ou indústrias que obriguem a inevitável locomoção de milhares de pessoas, tais estabelecimentos terão de ser afastados para os subúrbios». Para lhe demonstrar que também por cá temos técnicos capazes de se pronunciarem sobre os problemas dos seus países aqui vai o que eu diria se fosse convidado a pronunciar-me sobre os problemas da sua cidade: «se a mesma estiver repleta de marcianos agressivos dispostos a matar os indígenas que andarem pelas ruas, vai ser necessário devolvê-los à procedência».

Universidades e indústrias na Baixa Pombalina!

O que eu dava para ser um técnico estrangeiro... é que para usar «fines herbes» «à la Kurt» é preciso, realmente, ser um técnico estrangeiro.

P. S. — Do que nós precisamos é de técnicos estrangeiros — que venham mais — quantos mais melhor para ver se os nossos restaurantes típicos ganham «algum» que a indústria está em baixo. E para tecnicarem a gente, está de ver...



LENÇOL DE ÓLEO NO TEJO

A Polícia Marítima está a investigar um caso de poluição

— Não sabemos ainda a quem cabe a responsabilidade da última poluição das águas do Tejo — disse-nos, esta manhã, um elemento da Polícia Marítima.

Na madrugada do dia 23, grandes toalhadas negras de óleo atingiram as margens de Belém e Trafaria, danificando gravemente as embarcações.

Anteriormente, como referimos, dois navios-tanques estrangeiros — o finlandês «Saija» e o norueguês «Besna» — lançaram ao rio resíduos de nafta dos respectivos depósitos. Ao armador do

primeiro daqueles navios foi aplicada a multa de quarenta contos.

— Desta vez — afirmou a Polícia Marítima — não sabemos ainda se a falta foi cometida por um carqueiro ou por alguma firma petrolífera.

— Alguma firma petrolífera...?

— Sim. Há tempos, a Petroquímica despejou para o Tejo uma grande quantidade de nafta.

Vai até com contos a multa a aplicar a infrações deste tipo.

TAUROMAQUIA

SETE TOIROS PARA SETE CAVALEIROS

Com a presença do Chefe do Estado, saudado pelo público com palmas e brindado pelos lidadores, tivemos, ontem, à noite, no Campo Pequeno, um festival a favor da Liga dos Combatentes. Sete touros da sr.^a D. Maria Manuela de Andrade Salgueiro para sete cavaleiros: João Branco Núncio, Manuel Conde, Luís Miguel da Veiga, Fernando de Andrade Salgueiro, Gustav Zenkle, Frederico da Cunha e Sommer de Andrade. E dois grupos de forcados, o de Santarém e o de Montemor, e espectacular e brilhante exibição da Cavalaria da G. N. R.

maquero voltou ao primitivo, e vai mal para o que depois nasceu a pé.

Felizmente que na próxima corrida do Campo Pequeno veremos os dois «espadas» que mais interessam na actualidade, «Paqueria» e Dámaso Gonzalez, e os nossos dois cavaleiros em foco, José Mestre Batista e Luís Miguel da Veiga. Assim está bem dois cavaleiros em competição, que sete são muitos, e muitos juntos não se salvam. Mestre Batista e Luís Miguel dão-a-mão, paixão e discussão.

A colhida de Luís Miguel

A falsa notícia da colhida de Luís Miguel Dominguin não chegou só a Portugal, mas também a França, Itália, Alemanha e Suíça — é Lucia Bosé quem o diz numa entrevista publicada no diário «Pueblo», de Madrid, acrescentando que não se preocupou, porque sabia que ele não tinha toureado. Nós também sabemos... «EL T. P.»

Porque todos actuaram generosamente, omitimos referências críticas a cada qual, e até a composição do cartaz, especificamente destes tempos do reinado da Cavalaria, em Portugal e em Espanha. Para Espanha seguimos terminado o festival de ontem no Campo Pequeno, e vamos, talvez, encontrar-nos com mais senhores cavaleiros, que o peninsular espectáculo tauro-

Em FERREIRA DO ALentejo o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Lopes.

BOM APETITE

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE

Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211

**JANTARES
DANÇANTES
AOS SABADOS
E DOMINGOS**
c/ conjunto privativo
AMBIENTE
DISTINTAMENTE
FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)
Premiado pelo S. N. L.

**JANTE NA
TARANTELA**

EM AMBIENTE FAMILIAR
Largo D. Estefânia, 22

SALA NO 1.º ANDAR PARA
LANCHES DE CASAMENTOS

O mais típico restaurante
do Algarve é

A Toca do Caracol
em ALCANTARILHA

(a 2 km de Armação do Pêra)
— Cozinha regional —

**TONY
DOS BIFES**

AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA

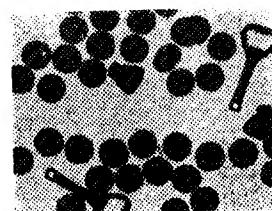
SEGUNDA-FEIRA
DOBRADA À TONI

ENCERRADO AOS
DOMINGOS DURANTE
O MÊS DE SETEMBRO

19.ª COLECÇÃO

LISBOA DIA E NOITE

Boletim do dia 25 de Setembro de 1970



APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ



POESIA NA VOZ DE CORREIA DA SILVA

Correia da Silva está no «Nocturno», onde diz poesia europeia e brasileira. No activo do jovem declamador conta-se a presença num par de filmes («O Diabo era o outro» e «Bonanza e C.»), a figura de «Cristo» numa película para a TV alemã («Barrabás»), um mês numa «boite» de Leon (Espanha) e longas actuações no «Tosco», «Tágide» e «Bico Dourado». Agora, entre outros planos, tem o propósito de gravar dois discos de 45 rotações com versos de poetas portugueses.

SOLNADO: DISCO INFANTIL

Raul Solnado, o da expressão pamplesca, sem dúvida dos casos mais sérios de popularidade que se têm registado em Portugal, realizou, ontem, uma experiência que há muito o atraía: gravou um disco especialmente dedicado à gente miúda. Efectivamente, interpretou textos e poemas infantis de Matilde Rosa Araújo, a registar num disco para a etiqueta «Zip».

* aceite o nosso CONVITE *

Centenas de concorrentes já premiados

São já muitas as centenas de concorrentes contemplados na nossa iniciativa, através dos sorteios semanais que promovemos e lhes oferecemos a possibilidade de jantar, ouvir o fado ou dançar num restaurante típico (ou «boite») sem que isso signifique qualquer despesa.

Uma noite agradável no ambiente acolhedor de um dos melhores restaurantes típicos e «boites» de Lisboa, Sintra e Costa do Sol, está per-

feitamente ao seu alcance. Basta colecionar os cupões que publicamos de segunda a sábado, juntar-lhes os boletins de identificação que publicamos também ao sábado, e devem ser preenchidos com letra bem legível, enviando-os depois para os nossos serviços administrativos: R. Castilho, 185, 1.º, em Lisboa. Assim ficará habilitado a um dos sorteios semanais que lhe permitirá divertir-se sem gastar dinheiro.

Accepte o nosso convite.

LINA MORGADO

Lina Morgado, a jovem corista que foi distinguida com o «Prémio Beatriz Costa» como «a melhor «girl» na última temporada teatral», obteve os melhores favores da crítica após a sua promoção à fila de discipulas (no Teatro ABC, revista «Alto lá com elas»). Lina interpreta, nessa produção de José Miguel, as figuras de «Estoril», «Costureira da vedeta italiana» e «Entrevistadora no Cais das Colunas». Uma bela carreira em perspectiva, sem sombra de dúvida.



CELESTE MARINA —primeiro disco

«Sózinha» (de Artur Fonseca) e «Não temos solidão» (da dupla Carlos Canelhas-Sousa Freitas), são dois dos trechos que Celeste Marina vai incluir no seu primeiro disco comercial. Além destas composições, Celeste Marina (que esteve recentemente no cartaz do Casino Peninsular, da Figueira da Foz) gravará músicas de Manuel Páido com versos de Eduardo Damas.

A REABERTURA da «ADEGA MESQUITA»

Com fundas raízes nas tradições do velho Bairro Alto, a popularíssima Adegas Mesquita encerrou ao cabo de 32 anos de actividade, para sofrer necessárias obras de beneficiação. Pois agora, o antigo recinto típico vai reabrir muito brevemente, mantendo as suas características fundamentais — qualidades que o torna-

ram popular. Assim, a nova gerência da Adegas Mesquita afirma-se disposta a não fazer transigências que possam desvirtuar o ambiente sinceramente popular, ou abastardar a expressão castiça da casa que Domingos e Adelina Mesquita (a «Tia» Adelina dos famosos petiscos) fundaram no Bairro Alto.

O FADO E O FOLCLORE, EM LISBOA: RESTAURANTES TÍPICOS

PARREIRINHA DE ALFAMA

cantam: Maria do R., Argentina Santos, João Pires, Lina Morgado, Alves, Natalino Duarte, Flora Pereira e Susana da Conceição. Tocam: António Proença e Miguel Ramos. Cons. min. 50\$00. Beca de Sapinho Santo. 1.º. Telef. 865209.

TAVERNA DO EMBUCADO

Elenco: João Ferreira Rosa, V. cente da Câmara, João Braga, Ana Rosmaninho e António de Mello. Tocam: Fontes Rocha, José Luis Nobre Costa e Pedro Leão. Encerra aos domingos. Consumo mn 90\$00. Beca dos Certumes 10. Telef. 860816.

MARCIA CONDESSA

cantam: Teresa Nunes, Norberto Martins, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidados: Beatriz Fragas, e ruqueta Maria Tocam: Alberto Vitor e António Passos. P. de Alegria, 58. Telef. 367098. Encerra à segunda-feira.

GUITARRA DA MADRAGÇA

cantam: Maria Emilia, Ana Madalena e José Teixeira. Tocam: António Parreira e José Inácio. Rua da Esperança 174. Telef. 661915. Cons. min 50\$00.

SOLAR DO MINHO

cantam: Eduardo Maria, Natália dos Anjos, Tucha Mascarenhas, Rosário Lima, João Nunes, e Artur dos Santos. Tocam: Hermenegildo Lopes e José Marques. Rua de Vigário 60. Telef. 866811.

FOLCLORE

elenco: Aminda V. da, Fernando Guerra, Julieta Brigue, Lídia Ribeiro, Mariana Rosa, Amélia Lima, António Chaimão, Fernando Ribeiro, José Maria Nóbrega, Álvaro Rodrigues, Fernanda Matos e Grupo de baile constituído por 9 elementos e dirigido pelo Coreógrafo António Gonçalves. Cons. mínim. 120\$00. Taxas incluídas. Rua Nova da Trindade, 22-A. Telef. 35007-323406. Encerra ao domingo.

TIMPANAS

cantam: In. Odemira, Alcindo de Carvalho, Emilia Reis, Luís Braga e Benvidas Cruz. Tocam: Armando Ferreira e Torquato Lopes. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Joaquim Barreiros. Cons. min. 61\$50 (taxas incl.). Rua Gilberto Rolz 24. Telefones 676655-67341.

A SEVERA

cantam: Flórida Maria, Maria Amomom, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aguardeiros de Portugal». Rua das Gáveas, 57. Telef. 34006. Encerra à quinta-feira.

MIL E UM

cantam: Mafalda Campelos, Maria Eva, Beatriz Fragas, Adriana Franco, José de Barros, Maria de Fátima, Henrique Manuel, Lucrecia Gonçalves. Tocam: Hermenegildo Lopes e Joaquim Pinto. Cons. min 40\$00. Travessa da Espera, 8. Telef. 35464. Encerra às 5 da madrugada.

LUSO

Elenco: Inês da Silva, Fernando Pinto, Glória Maria, Augusta Ermida, Victor Duarte, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra), Pedro Caldeira Cabral (guitarra), Fernando Alvim (viola). Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha. Trav. da Quelmeda, 10-16. Telef. 362889-328503.

FRAGATA REAL

cantam: Celeste Rodrigues, Maria José Ramos, Fernando Maurício e Conceição Martins. Tocam: João Alberto e Manuel Martins. Cons. min. 50\$00. Travessa de S. Miguel, 22. Alfama. Telef. 868552.

VIELA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz da Conceição, Beatriz Ferreira e Conceição Tavares. Tocam: Domingos Camaninha e Joaquim do Vale. Cons. min. 50\$00. R. das Taipas, 14. Telef. 327256.

«KAVERNA

cantam: Tina Santos e Celeste Maria. Tocam: Amândio Maia e José Maria Carvalho. Cons.

min. 90\$00. Travessa dos Fiéis de Deus, 37. Telef. 35593.

LAR PORTUGUES

cantam: José Borges, Nuno de Aguiar, Amândio Miranda, Florêncio pelo Conjunto Típico do «Lar Português». Tocam: António Bessa e Fernando Reis. Cons. min. 50\$00. Rua de Barraca, 133. Telef. 36960 e 30532. Encerra às Terças-feiras.

SOLAR DA MADRAGÇA

cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Judite Teixeira. Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias. Cons. min. 30\$00. Rua das Trinas, 67. Telef. 669857. Encerra ao domingo.

«ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amado, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, José Coimbra por João Juarez. Tocam: Melodia Fancanga pelo Grupo de Vila Franca de Xira. Tocam: Jorge Fontes e Américo Silva. Cons. min. 70\$00. Rua do Norte, 91. Telef. 30095-328713. Encerra à segunda-feira.

O ACARITA DE ALFAMA

Encerra aos domingos. Cons. min 40\$00. Rua da Adifa, 9. Telef. 86345.

O FORCADO

cantam: António Rocha, Mariana Silva, Cecília de Jesus, Miguel Silva e João Sobreiro. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva. Cons. min 40\$00. Rua da Rosa, 219. Telef. 368579.

GUITARRA DE ALFAMA

cantam: Vitorino dos Santos, Tucha Mascarenhas e José Manuel Osório. Tocam: António Bessa, Fernando Reis. Encerra ao domingo. Cons. min 35\$00. Largo do Penafre 7 (Alfama). Telef. 868505.

BALEEIRA

cantam: Filipe Duarte, Julieta Reis e Adriana Franco. Tocam: Acácio Rocha e Amândio Silva. Encerra aos domingos. Cons. min. 40\$00. Av. Marginal, 21-22. DAFUNDO. Telef. 213259.

RESTAURANTES, BARES — «BOITES» E «DANCINGS»

HIPPOPOTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A. Telef. 48384. Mário Simões e o seu conjunto. Encerrado aos domingos.

NOCTURNO

Travessa Fiéis de Deus, 28. Telef. 370889. Poesia com Correia da Silva. Encerra às 3 e 30.

POP-FADO

R. Ferreira Lapa, 38-D. T. 561949.

MAXIME

Conjunto 6. Reação e Maximiliano. «Show» turístico. Variedades Internacionais. Praça da Alegria, 58. Telef. 55366.

ARCHOTE-CLUB

Discos. Rua D. Filipe de Villena.

TERRAÇO DAS ESTRELAS

(HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Manuel Viegas. Avenida Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.

SANZALA

Av. Marechal Camêna, 2. Campo Grande. Telef. 790172. Encerra às 3,30.

BAIUÇA

R. da Barroca, 86. Telef. 34700.

LORD

Rua Victor Gordon, 14-A. Telef. 323098.

GALERIA REAL

Estrada de São Pedro. SINTRA. Telef. 981661. Encerra à meia-noite.

BONAPART CLUBE

Últimas novidades em discos, recebidos directamente dos E. U. A. R. de S. Miguel, 70 (Alfama). Telef. 872761. 6-D.

FLOR DE LIS

Bor, M/17, Rua de Atalaia, 18 (Bairro Alto). Telef. 367136. Encerra às 3 horas.

TAGIDE

Variedades Internacionais. Largo

da Biblioteca, 18-22. Aberto ao domingo.

SNOB

Rua de «O Século», 178. Telef. 33723.

TAMILA

Murão e s/ Conjunto, Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117. Matinéis todos os dias. Encerra aos domingos.

ADÁGGIO

Apresentação de Teresa Paula Brito e Carlos Portugal no seu novo

reportório. Discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil. Rua Carlos Reis 51-A. Telef. 775695.

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado. Variedades Internacionais. Telef. 264521, 264526, 264596, 264621, 26494.

FORTE VELHO

Pago. S. João. do Estoril. Telef. 261337.



A imagem ilustra bem a imprevidência e o desrespeito pelos preceitos do Código da Estrada que caracterizam tantos dos condutores portugueses e explicam a elevada percentagem de acidentes entre nós registada todos os dias. É que, para além do que a lei diz, este condutor de motociclo deveria ter a elemental precaução de evitar o transporte de carga tão volumosa em veículo de duas rodas. Assim, põe em perigo não só a própria vida e os seus bens, mas também as vidas e os bens dos outros que nenhuma culpa têm da sua leviandade

Fechou a Academia de Arte de Cascais actualmente frequentada por duzentos alunos

Comunicou-nos o director da Academia de Arte de Cascais, eng. José Eurico Lisboa, que «por motivos alheios à nossa vontade, vimos-nos forçados a suspender temporariamente as nossas actividades».

A causa da suspensão das actividades, segundo informações posteriores, é, pura e simplesmente, «falta de auxílio».

Efectivamente, durante os quatro anos de existência da Academia, unicamente a Fundação Gulbenkian contribuiu com três donativos. Este ano, porém, a mesma Fundação «já não concedeu qualquer subsídio».

O director, eng. José Eurico Lisboa, que já despendeu «com o estabelecimento cerca de 500 contos», viu-se, assim, obrigado a suspender as actividades da Academia.

**POR FAVOR:
NÃO ESQUEÇA
NÃO CONFUNDA**

A GRANDE OURIVARIA DA MODA é na RUA DA PRATA, 257, com mais de meio século de existência

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

A Academia era frequentada no presente momento, por 200 alunos de piano, solfejo, música e movimento, violão e violoncelo, guitarra clássica, teatro, «ballet», etc.

TELEVISORES

Desde 98\$80 Mensais, oferta da antena para os dois programas

FRIGORÍFICOS

Desde 98\$80 Mensais, oferta da Dispensa JOVICA

ESQUENTADORES

Desde 98\$80 Mensais, com montagem incluída

MAQUINAS DE LAVAR ROUPA

Oferta de 24 pacotes SKIP

MAQUINAS DE LAVAR LOIÇA

Oferta de 16 embalagens SUN

SEM ENTRADA FIADOR

JOVICA

LISBOA | Avenida 5 de Outubro, 53-C — Telef. 47769
Largo de D. Estefânia, 12-D — Telef. 534536
CACÉM — CASCAIS — SINTRA — VENDA NOVA

O PROBLEMA DA MULHER NA AMÉRICA — I

EM BUSCA DA

Por INGRID CARLANDER

«Há três elementos difíceis de domar: os índios, as mulheres e os oceanos; não tivemos ainda qualquer êxito com os dois primeiros» — declarava recentemente o inefável vice-presidente dos E. U. A., sr. Spiro Agnew. É certo que, segundo o Departamento Federal da Mão-de-Obra, o movimento feminino constitui uma autêntica revolução. As mulheres americanas clamam, aliás, pela boca da poetisa Robin Morgan: «Er-gemo-nos com uma fúria mais antiga e mais poderosa que a de qualquer outra força histórica, e, desta vez, ou conseguiremos, finalmente, a nossa liberdade ou ninguém ficará vivo».



Os americanos têm uma compreensão muito limitada da natureza feminina...

O sociólogo Lionel Tiger, por sua vez, está persuadido de que as mulheres farão sepultar concepções tão enraizadas no domínio da biologia e da economia, que, comparado com isto, o problema negro parecerá coisa fácil. Esta convicção avança com a mesma força que o movimento pela conservação da natureza e beneficia do seu impacto. A dinâmica das for-

ças sociais americanas assim o quer. Duas profundas correntes, a consciência social convergiram assim durante os anos 60: luta pelas liberdades civis dos negros no Sul, busca do êxtase íntimo pelas drogas, combate contra a aliança do Pentágono e das firmas gigantes. Para muitos parece agora inevitável uma explosão, depois do silên-



Nada de actividades sujeitas a

cio da década anterior, em que as fronteiras do céu e da terra eram virgens e o P. N. B. estava em plena ascensão, enquanto a população devorava em segredo, o espaço vital. Quem, a não ser Huxley, pronunciava então a palavra «ecologia», hoje de boca em boca? Todos os valores brilhavam no firmamento. O «sonho americano» estava ainda intacto. As mulheres, talvez mais que ninguém ignorância a duvida.

COMPANHEIRAS HERÓICAS

Em 1865 havia uma mulher para 20 homens, no Colorado. As americanas da fronteira eram corajosas e dominadoras; na ausência do marido reinavam na fazenda isolada e atiravam contra os índios. Os homens tinham cortado as amarras. *Don't fence me in* (não me maces) cantavam os cow-boys. As companheiras desses homens devia, pois, incumbir a criação, peça a peça, de uma tradição. Foi com mão de ferro que elas impuseram a ordem nesta anarquia, enquanto John Wane se batia contra os fora-da-lei. Eram magníficas, promovidas ao papel de guardiãs da vida espiritual de todos os requintados, transformadas em consciência religiosa, em professoras. Mães, modelavam a energia dos filhos numa concorrência sem-mercê. Foram elas os verdadeiros arquitectos do sonho americano. Para Carl Sandburg, o biógrafo de Lincoln, «a Mãe tinha visões, tinha esperanças. Quando eu inclinava a cabeça sobre o livro, ela dizia-me: «o futuro será teu», e o seu rosto iluminava-se. Mas o Velho Homem, esse lançava-se contra mim: «Para que te serve esse alfarrábio?» dizia ele. E eu não gostava nada que ele me falasse assim».

Estas companheiras heróicas foram obrigadas a

impor gida, apetito, plonel, contra mo in petcos, chegad, da e «ção do se tor

—As nas n no en cumbi-me t em 19 cana, glur-s familli rece mente lhos.

Nas a riva e rape der o para siste apren ambic estimi dando abrir

A e superi te jul dão l «vida: presa: carrei risco se lho mas e me er organ tivida trové consis yório «alian que é

O e como O seu dade «gria, Iorque quenta ras di de a munda ra o tather ca de

Cofres de aluguel
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

DA LIBERDADE



Leitas a controvérsia — um acessório no êxito do casal

jogo? Porque quem recusa as regras não voltará a ser convidado para parte nenhuma. E então, vem-se com a sua causa na algibeira e troca-se com a do próximo, talvez isto seja uma nova alegria de viver, já não é possível viver egoisticamente, em circuito fechado: há que lutar, sem desengrenar. O aspecto financeiro é desolador, mas as intenções são generosas.

FRONTEIRAS ENTRE OS SEXOS

A conversação entre homens e mulheres parecem um jogo de bilhar eléctrico: troca de fórmulas muitas vezes cintilantes, em glória do belo dito, e em prol da marcação de pontos. Perigosas as verdadeiras distâncias de salão estão à espera das idéias dos outros. Ou então a conversa apresenta-se como uma série de provocações, segundo as regras da operação militar «Learch and Destroy» para obrigar o adversário a entrincheirar-se. Aliás, como tudo é movimento, não pode haver marchas atrás nem divagações. E isto joga também contra as mulheres, esses seres divagantes, por excelência! Ainda por cima, a eloquência é de mau gosto nos salões! O seu fraco prestígio é prejudicial às mulheres que adorem exprimir-se! Outro obstáculo à conversação entre os dois sexos é o ar de comando ostentado pelos homens: a tática de sedução é boa para os negócios; na intimidade estão ansiosos de se libertarem dela: «Aceite-me como sou». A sós com o sexo oposto, o americano não está à vontade. Fica na defensiva, porque sempre lhe ensinaram a não mostrar necessidade afectiva de outra pessoa. O seu ideal é ser duro e permanecer só: *the lone ranger*, o aventureiro solitário. Aliás, a sua força de carácter é notável. Erik Erikson nota que «os pioneiros desenvolveram até aos seus limites extremos a imagem do homem sem raízes, órfão e sem mulher». A ternura é considerada um defeito. O sexo forte recela ferir-se, conversando na intimidade. O teólogo Harvey Cox escreve que «lhe ensinaram o medo de se juntar a uma mulher». A escritora Marya Mannes, por sua vez, crê que «a sedução é considerada uma falta de maturidade nos homens e de equilíbrio nas mulheres. A igreja e os psiquiatras fizeram os possíveis para desacreditar as paixões e em consequência disso, os americanos têm todos uma compreensão muito limitada da natureza feminina». Quanto às maravilhosas fronteiras entre a amizade e o amor são demasiado vagas para não suscitar desconfianças. Qual é, pois, a nova arte de amar? É uma

pergunta que se faz por toda a parte. Parece que o sonho mais caro dos bons celibatários de Nova Iorque é «uma boa noite de sono», diz Gloria Steinem. Certos autores, como Norman Mailer, praticam uma ginástica viril, agarrados ao exemplo de Hemingway.

Em certos sectores é de bom tom atribuir a aventura militar da Indochina à obcecção da virilidade. «Newsweek» faz notar que «para algumas pessoas, ao proferir o discurso sobre o Camboja, Nixon parecia um homem acochado, que tomara o desafio estrangeiro como um teste da virilidade presidencial».

Quando não tem razão para desconfiar de uma mulher o americano dá-lhe a sua «chance» como nenhum outro o fez, e admira-a sem essa ingenuidade que os europeus erradamente lhe atribuem.

IDEAL IMPOSSÍVEL: O CASAMENTO À AMERICANA

As samoanas do Pacífico Sul, foram, há alguns anos, objecto de estudos muito aprofundados pelos especialistas antropológicos, para a maior glória desse axioma freudiano: «O destino da mulher é função da sua anatomia». Isso criou a desastrosa «mistica da feminilidade» que Betty Friedan descreveu. Os estrangeiros ficam surpreendidos: porque é que os americanos terão tantos problemas? O culpado que todos apontam aqui é o célebre pediatra Spock: que os maridos escalem os seus Himalaias, diz ele, e que as esposas escutem a sua natureza passiva e se entreguem totalmente aos filhos. Estes fazem parte do «sonho americano», porque a família está virada para o futuro, cuja força é irresistível. Desde que a americana fechou a porta ao mundo exterior para se entregar às alegrias da maternidade criadora, passou a sentir-se isolada na sua casa dos arrabaldes verdes. Se se aborrece, o psiquiatra («gendarme da sociedade», como diz Rollo May), remete-a para os tratados de Spock, para o lar-officina equipado de robots que ela gere como um grande empresário. Enquanto a Imprensa, a TV, os sociólogos e os psiquiatras se concentram para lhe atacar os apetites sexuais, o sexo-religião transforma-se em competição nacional. Para fazerem triunfar a mística, os educadores dos colleges universitários oferecem às raparigas um *pot-pourri* de cursos, ao lado das disciplinas clássicas, tais como «escolha de um cônjuge» ou «como se habitar ao casamento».

Próximo artigo:

«As novas feministas...»

Dois jornalistas eleitos para o Conselho da Corporação da Imprensa e Artes Gráficas

Reuniu-se extraordinariamente o Conselho da Corporação da Imprensa e Artes Gráficas, para proceder à eleição para os cargos da Corporação que se encontravam vagos e à discussão, modificação ou aprovação de um orçamento suplementar.

Iniciados os trabalhos, sob a orientação do presidente da direcção, dr. Luís Borges de Castro, secretariado pelos srs. José Fernando Pimenta Mendes, da Federação Nacional dos Sindicatos dos Tipógrafos, Litógrafos e Oficinas Correlativas, e Alberto Campos Aço, do Grémio dos Industriais de Cartonagens, Sobrescritos, Sacos de Papel e Correlativos do Sul, foi aproveitado o período de antes da ordem da convocatória para apreciação de vários assuntos. Assim, foram elogiados, pelo sr. David Jacinto, da Federação Nacional dos Sindicatos dos Tipógrafos, Litógrafos e Oficinas Correlativas, os órgãos de divulgação noticiosa, com referência para a Imprensa, pela difusão que têm vindo a dar há vida da Corporação. Esse elogio foi pela assembleia tornado extensivo à direcção da Corporação pelo seu zelo naquelas relações.

Procedeu-se, de seguida, à chamada dos presentes, verificando-se poderem ser utilizados 182 votos, após o que se entrou na apreciação das matérias da convocatória.

O presidente, após ter falado sobre a finalidade das

eleições que se iam efectuar, solicitou aos membros presentes do Conselho a apresentação de listas para preenchimento dos lugares vagos e a promover dura a sessão.

Feita a votação, por escrutínio secreto, verificou-se terem sido eleitos, por unanimidade, os jornalistas Luís da Silva Duarte, para o Conselho da Secção da Imprensa, e Manuel da Silva Costa, para a Junta Disciplinar do mesmo Conselho.

O presidente, após ter agido cumprimentos de felicitação pela escolha, deu graças aos nossos camaradas eleitos providos nos cargos.

Na sequência da ordem convocatória entrou-se na discussão do orçamento suplementar para o ano de 1971 para ser modificado ou aprovado; foram prestados vários esclarecimentos sobre algumas das rubricas, após o que se fez a sua aprovação, por unanimidade.

O jornalista Silva Costa agradeceu as palavras de felicitação e ao seu colega Luís da Silva Duarte.

Por último, o sr. António Fernandes Felício, do Sindicato Nacional dos Empregados de Administração e Recursos da Imprensa do Norte, congratulou-se com os resultados da eleição e a forma construtiva como decorreram os trabalhos, após o que encerrada a sessão.



O administrador-delegado da Telecine-Africa, sr. Galveias Rodrigues, ao cumprimentar o dr. Pinheiro da Silva, secretário provincial da Educação de Angola, na recepção que, há dias, ofereceu em Luanda para assinalar a criação, na província, daquela empresa produtora de filmes. Foi exibido um documentário especialmente dedicado ao dia — «Postal de Luanda».

UM PORTUGAL DESCONHECIDO

No decurso da XI Feira Internacional de Lisboa efectuou-se um curioso Concurso integrado na Campanha de Turismo Interno «UM PORTUGAL DESCONHECIDO» e que visava a identificação de uma série de 20 fotografias expostas no Pavilhão da Secretaria de Estado de Informação e Turismo.

O Sorteio deste Concurso que teve o patrocínio da Secretaria de Estado de Informação e Turismo, Direcção-Geral de Turismo e da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, efectuar-se-á amanhã, sábado, dia 26, pelas 11 horas, numa das salas do Palácio Fox.

E A DONA-DE-CASA?

O encanto da anfitriã, como tal, pouco importa. O seu pedestal? A actividade do lar. Nada de alegria gratuita: em Nova Iorque não é muito frequente ir passar umas horas divertidas numa roda de amigos. As relações mundanas orientam-se para o útil. Jantar de mil talheres a 100 dólares (cerca de 2800\$00), por pessoa:

um grupo de amigos marcou mesa para 10. Ou «buffet» de 80 pessoas com surpresa no fim. Surpresa deste género: a criada negra interpela uma convidada branca, inactiva, com violência, atira a travessa ao chão. Uma algazarra. As pessoas voltam-se para trás: um drama racial! Alguém vai intervir, mas logo irrompem três rapazes, que imediatamente ferem as cordas das guitarras; um quarto faz um discurso para explicar o «happening» e apresentar o seu grupo de teatro: «Temos muito mérito, despejem a bolsa, meus amigos!» De outra vez é um jantar que se esperava íntimo — onde 150 pessoas se acobovelam à volta do rosnife; o convidado de honra encosta-se ao fogão de sala e começa a falar sobre o problema dos bebés-focas em situação crítica. Dão-se cartas de jogar. Grito de surpresa encantada do nosso anfitrião: «Um cheque de mil dólares! És uma pessoa tão direita, Steve!» Steve levanta-se e cora (ninguém vê o cheque). Murmúrios. A distribuidora das cartas, de coração empedernido, passa uma carta para as mãos de outro conviva. «Lamento, mas esqueci-me do livro de cheques».

Assim são os sereões, embaraçosos, displicentes. Para ir, pensa-se duas vezes: «Irei ou não? Por quanto me irá ficar?» Mesmo uma ceia em honra de um escritor célebre, por exemplo. O escritor está presente, mas a festa foi organizada em benefício de outra pessoa, que fica na sombra dos bastidores. Vejam, pois, onde se encontra o magnate com reputação de liberal: ao lado de um presidente da Universidade que lhe confia a sua necessidade urgente de um colega para os futuros embalsamadores. Se se tivesse anunciado o universitário, ninguém teria vindo. Porque é que as pessoas continuam a aceitar este



HOJE PODE VER...

O ÚLTIMO «YÔ-YÔ»

«Yô-Yô» despede-se hoje da circulação-TV. Teve apenas oito edições, este programa assinado por Armando Cortes, Francisco Nicholson, Maria Aurora, Paulo Medeiros e Angelo Granja, realizado por Félix Ferreira, com acompanhamento musical de um grupo dirigido por Santos Rosa.

Neste último «Yô-Yô» o índice de matérias tem atracções: reportagem sobre a primeira participação do nosso País num concurso internacional de moda masculina, dois trechos interpretados pela jovem soprano lírica Susete Dias (aluna da Faculdade de Letras de Lisboa e elemento da Companhia Portuguesa de Ópera), temas poéticos abordados por Hélio Correia (também aluno da Faculdade de Letras), fados na voz de Maria do Rosário Betencourt, música-pop no desempenho do Conjunto «Objectivo» e rábula cômica a cargo de Armando Cortes e Francisco Nicholson.

Mas, o sumário do derradeiro «Yô-Yô» é profuso

de assuntos. Aparecerá Júlia Babo, cantando numerosos populares e falando sobre as raízes musicais do folclore. Joaquim Meirim («prato de resistência» da imprensa, da rádio e da televisão, de há uns tempos a esta parte) fala de futebol, em entrevista onde lhe foi oferecida «redeia solta». E haverá, ainda, a chamada «vedeta internacional», representada na emergência pelo cancionista francês Max Pongier, intérprete distinguido com a «Taça da Europa» no certame musical desenvolvido em Berna, no início do ano corrente. Max Pongier é detentor, também, do «Urso de Prata», logrado noutro festival de canções. Autor da grande maioria dos trechos que canta, Pongier também inclui, no seu reportório versos de Verlaine, Coulonges e Aragon.

«Yô-Yô» diz esta noite, portanto, adeus ao público-TV. Programa «suspense» por ser pouco convencional (definição de R. T. P.) justificará hoje se valerá (ou não) regressar um dia.



Júlia Babo: a paixão do folclore

UMA PEÇA PORTUGUESA (DE LUIZ-FRANCISCO REBELLO) NA TELEVISÃO JUGOSLAVA

Depois de ter sido levada à cena no Teatro Valle, de Roma, em tradução de Arrigo Repetto, pela Companhia do Teatro Stabile Reggino, com o título «Il giorno dopo», a peça de Luiz-Francisco Rebello «O dia seguinte» foi encenada em Gand (Bélgica) em versão flamenga de Marcel de Backer, dirigida por Willy Verbeke, pelo Teatro de Câmara «Yver Doet Leven», com o título «Handen voor Morgen».

Entre outras referências críticas assinaláveis a esta representação, destaca-se a do crítico Rick Lamorock, que na conhecida revista «Théâtre de Belgique» escreveu nomeadamente: «Obra fascinante de estilo mágico-realista em que o autor procura sondar o próprio sentido da vida; tratada num tom impressionante, está recheada de espantosos achados».

Ainda a mesma peça de Luiz-Francisco Rebello, que em Portugal tem tido inúmeras encenações, foi

apresentada agora com o título «Nasledni Dan» na Televisão Jugoslava, em tradução de Dominika Pinjevec, adaptada à TV por Sasa Vrega.



Nicholson, Meirim e Angelo Granja: conversa (talvez) fora de tempo

«NÓS, AS MULHERES»

«Superstições e credulidades populares» é o tema abordado hoje (às 19 e 45) no programa feminino «Nós, as mulheres». Na sua discussão intervêm Ana Maria Va-

rela Cid, Viviana Regueiras Leal, Lurdes Quaresma e as dr.^{as} Natália Sanches Ferreira e Maria Olívia Magalhães.

BRASIL EM TV JUVENIL

O 35.º programa da série «TV Juvenil» foca, em «Os homens, os livros e as coisas» (de Joaquim Manuel Magalhães) o brasileiro Carlos Drumond de Andrade, nascido há 68 anos numa cidadezinha do Estado de Minas Gerais.

Romancista, poeta e contista, Carlos Drumond de Andrade ocupa lugar marcante na literatura de língua portuguesa. «TV Juvenil» mostrará porquê.

PROGRAMA DE HOJE

1.º Programa — As 19: TV Juvenil; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Nós as mulheres; 20 e 15: Cartaz TV; 20 e 30: Ao serviço da Nação; 20 e 55: Segredos do mar; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 22: «Departamento 5»; 23 e 5: Fados por Beatriz da Conceição; 23 e 20: Marcha do Mundo; 23 e 30: Fecho

2.º Programa — As 21 e 30: Telejornal; 22: Noite de cinema «Tenacidade»; 23 e 45: Fecho

SIEMENS ESTORIL

AMANHÃ — 1.º Período — As 2 e 45: Desenhos animados; 13 e 45: O caso da semana; 13 e 15: «Casamento de Conveniência»; 13 e 45: Telejornal; 14: Festival Mundial de Acrobacias Aéreas; e às 15 e 05: Fecho. 2.º Período — As 17 e 25: Programa realizado no 90.º Aniversário de Robert Stolz; 19 e 45: «E a vida continua...»; 20: Teledesperto; 29 e 30: TV 7; 21: «Skippy»; 21 e 30: Telejornal; 22: «Os Cavaleiros do Céu»; 22 e 30: Variedades; 22 e 20: Marcha do Mundo, Meditação e Fecho.

II PROGRAMA — As 21 e 30: Telejornal; 22: Estúdio C; 22 e 20: Missão Impossível; 23 e 15: Concerto e Fecho.

TUDOR

pilhas para força motriz

CINEMA/2.º CANAL

JAMES STEWART é o principal intérprete da película de longa-metragem «Tenacidade» que preenche a programação do segundo «canal». Com Stewart estarão outros veteranos: June Allyson, Frank Morgan e Bill Dickey.

Este filme foi exibido a 26 de Setembro do ano transacto, no chamado «primeiro programa».

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSIONA — 1.º Programa 451 m — 665 kc/s. — As 16: Noticiário; 16 e 05: O Orfeão dos C. T. T. do Porto; 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 05: No mundo da canção; 18 e 20: Uma Gota de Sangue e Renascença Vida, programa do Instituto Nacional de Sangue; 18 e 30: No mundo da canção; 19 e 30: Rádio Rural — Música; 45: Rádio Rural — Música; 20 e 30: Melodias por O. Questras; 20 e 30: 19.º Episódio do Folhetim «A Pedra de Urso»; 21 e 05: Canções portuguesas; 21 e 30: Novidades em Discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 22 e 05: O Homem e a Sociedade, pelo prof. dr. Ferreira de Almeida; 22 e 30: Fados, por Natália Bizarra e Renato Mota; 22 e 50: Música, só música; 23 e 05: Programa da noite; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — As 16: Folclore do Mundo; Música de Maracás — Música do México; 16 e 25: Curiosidades musicais; 17 e 05: Música de câmara; 18: Música Portuguesa — Obras de Jorge Croner de Vasconcelos; 18 e 53: Duas peças de Charles Ives; 19: O Canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 19 e 45: Música de Arco; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música de Piano de Schubert, por István Nados; 20 e 40: Música de câmara; 21: Música Simfónica; 22: Teatro dos Nossos Dias: «O Simbolismo na Dramaturgia de Eugénio de Castro», pelo dr. Leopoldo de

Araújo; 22 e 41: Solo de cravo; 22 e 58: Fecho.

Programa MF 2 — As 23: A Ópera em Três Actos: «Vozzerk» (Alban Berg); 0 e 40: Sonata em mi bemol maior (Haydn) Piano, Ingrid Hoebner; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 21: Dois ritmos; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: 45 rotações; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Canções de Portugal; 21 e 08: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Música para meditar; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Taksimá.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s. — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa à GA-G8; 0 e 02: Em órbita-02; 1 e 02: Banda Sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 mc/s. — 782 kc/s. — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinista teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunção; 19 e 30: Estúdio 64; 20 e 10: Nor-te-dia a dia; 21 e 05: Sétimo Rádio; 21 e 40: Orquestras; 21 e 45: Mensageiro do Evangelho; 22 e 02: Primeiro piano; 22 e 15: Novas de alegria; 22

e 30: Corrossel-3; 23 e 04: Clube da Juventude

RÁDIO RENAASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s. — As 16: Radiograma; 18: Os Blue Mink; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica do Montfort; 19 e 05: Uma missão da extracção da história da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa; 19 e 15: Música seleccionada; 19 e 30: Página 1, 2 e 55: Meulando; 1: Programa das «scis»; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª Hora e Fecho

EMISSIONES ASSOCIADAS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 544 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 às 8, das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22: **Rádio Voz de Lisboa** — Das 17 às 19 e 30 e das 22 às 2; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 10 às 12 e das 22 às 2; **Rádio Graça** — Das 12 às 14 e 30

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE
Estabelecimentos
**VALENTIM
DE CARVALHO**
Comércio e Indústria, S. A.
R. L. — 95, Rua Nova do
Almada, 99 — LISBOA

Os Peanuts

14 30 ANOS

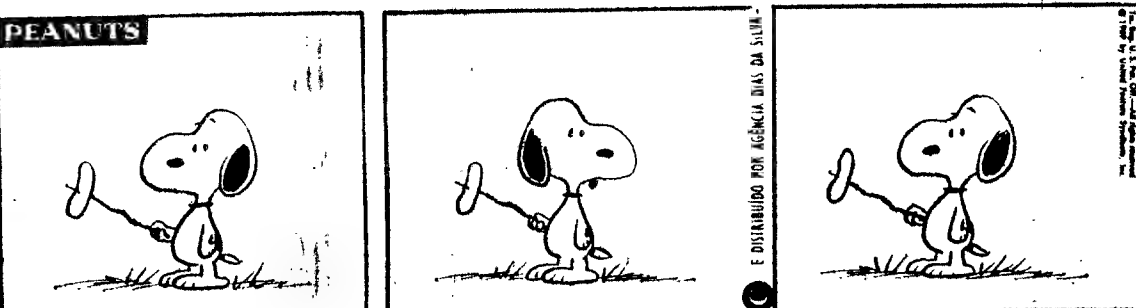
O «Diário de Lisboa» de 25 de Setembro de 1940 publicava:

«CHANGAI, 25 — Comunicam de Tóquio, de fonte autorizada, que o Japão e a Alemanha chegaram a acordo, em princípio, para o estabelecimento de uma aliança defensiva, que se tornará efectiva no caso de haver uma colaboração anglo-norte-americana no que diz respeito à base naval de Singapura. Se tal colaboração se registar, o Japão abandonará imediatamente a sua política de neutralidade e passará a ser um país beligerante.»

Carol Day



Aventuras do Rio Carlos



S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de Licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Lagos, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve para o estabelecimento na freguesia de Odeáxere, no concelho de um posto de transformação de 110 kV da linha aérea a 30 kW para alimentação do posto de transformação n.º 1 da Companhia de Lagos, com 3.234 metros, do apoio n.º 37 da linha Porto de Lagos-Portelas ao apoio n.º 21; e linha aérea a 30 kW, com 250 metros, do apoio n.º 21 da linha acima referida ao posto de transformação n.º 2 da Companhia de Lagos.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Replicação de Licenciamento, em 19 de Setembro de 1970.

PELO ENGENHEIRO CHEFE
João Gonçalves dos Santos

Carreira Coruche-Portalegre

A Empresa JOÃO CANDIDO BELO & C., LDA., com sede em Vila Fresca de Azeitão, informa os s/ Ex.ºs Clientes que inicia em 11 do corrente uma carreira entre PORTALEGRE e CORUCHE com ligação para LISBOA, com o seguinte horário:

Partida de PORTALEGRE às 06 e 15 e chegada a LISBOA às 11:40 horas; e partida de LISBOA, às 13 e 35 e chegada a PORTALEGRE às 19 e 50 horas.

Esta carreira serve entre outras localidades Crato, Alter do Chão, Seda, Benavita, Avis, Pavia e Mora.

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de Licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve para o estabelecimento na freguesia de Sobral da Adiga, concelho de Moura, de uma linha aérea a 30 kW, com 471 metros, do apoio n.º 135 da linha Moura-Sobral da Adiga ao posto de transformação do Lago da Cooperativa Agrícola de Moura e Barrancos.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Replicação de Licenciamento, em 19 de Setembro de 1970.

PELO ENGENHEIRO CHEFE
João Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de Licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve para o estabelecimento na freguesia de Quintos, concelho de Beja, de uma linha aérea a 15 kW com 450 metros, do apoio n.º 39 da linha para Quintos ao posto de transformação do Monte de Lobatinha.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Replicação de Licenciamento, em 19 de Setembro de 1970.

PELO ENGENHEIRO CHEFE
João Gonçalves dos Santos

Palavras cruzadas

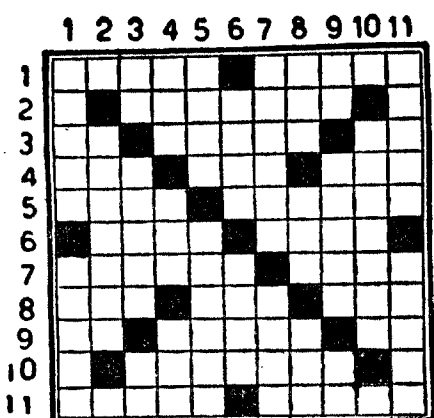
(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5667

HORIZONTAIS: 1 — Freguesia do concelho de Marvão, Jumentia 2 — Desmancho 3 — Viagem. Costa de uva (prov.) Conto e um em romano. 4 — Prefixo que designa terra íntima. Freguesia do concelho de Penafiel. 5 — Ilha do Pequeno Belt. Ouve. 6 — Um dos estados do Brasil. Classe de tropa. 7 — Penacho Palmeira do Brasil. 8 — Nome de letra Sistema montanhoso de Morrocos. Um milhar. 9 — Aqui, Marcam a peso da tara em. Ouro, s. q.). 10 — Adivinhos. 11 — Ocasões Árvore de Madeira branca em Timor.

VERTICAIS: 1 — Cidade de Portugal. Cento e noventa e quatro em romano. 2 — Conjunção. Tornava a abrir 3 — Idem. Verbais. Esquadra. 4 — Rente Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Agueda. O mesmo que três. 5 — Guardar de asos. Encantos. 6 — Equipa. Freguesia do concelho de Barcelos. 7 — Corajosa. Voz. 8 — Antigo indefinido. Acreditei. Reduz a família. 9 — Rádio (s. q.). Tomam a direcção de Solitário. 10 — Pesquisaria 11 — Aconselha Arrendo.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5666

HORIZONTAIS: 1 — Acaso. HOMEM. 2 — Colo. Remo. 3 — Aba. Aro. Sam. 4 — Te. Amola. Ló. 5 — Azota. Galão. 6 — Arcs. Arar. 7 — DE. O. 8 — Ave. MAR. Aze. 9 — São. Comas. El. 10 — Sane. Mára. 11 — Arom. Antrós.

VERTICAIS: 1 — Acata. Posso. 2 — CABEÇA. Voar. 3 — Aló. Arde. NO. 4 — São. Atoe. Cem. 5 — Amas. Mac. 6 — Irá. Aom. 7 — Olga. Roma. 8 — Or. Aaro. Sir. 9 — Més. Loça. AR. 10 — Emor. Mera. 11 — Mamão. Telos.

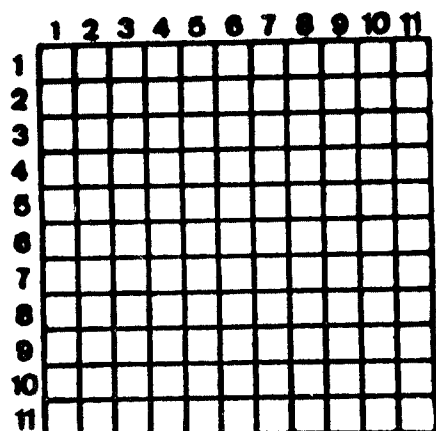
Provérbio: HOMEM DO MAR CABEÇA NO AR.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9510

HORIZONTAIS: 1 — Cidade de Portugal. Pães de milho. 2 — Grande xão de fila. Códex 3 — Vivei. Cidade da antiga Caldeia. 4 — Medida japonesa igual a dois decímetros. Patrões. Pedro de altar 5 — Ensejo. Aguçam. 6 — Acrescente. Rio da Suíça 7 — Grupos de três. Doutores. 8 — Marisco de Cabo Verde e do Senegal. Rio da China. Cobalto (s. q.). 9 — Pedra de moinho. Aguçavam. 10 — Nome de pássaro. Pisa no pilão. 11 — Limpar com areia. Pertencente cu referente ao Sol.

VERTICAIS: 1 — Nome de peixe. Prensa de penteiro. 2 — Líquido gorduroso. Seduzir. 3 — Freguesia do concelho de Penafiel. Transfere para outro dia. Nota musical. 4 — Pedra preciosa. Nome de mulher. 5 — Intimo. Mimar. 6 — Nome de jogo. Doença. 7 — Ardor. Mágoa. 8 — Rata. Trapa. 9 — Artigo definido. Camareiros. Reles. 10 — Sofrer. Corda de espanto para arrastar redes. 11 — Curam. Cidade de Portugal.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9509

HORIZONTAIS: 1 — Dama. Palos. 2 — Afro. Ofego. 3 — Lira. Rrom. 4 — Ga. Gbica. Ró. 5 — Aca. C. Rum. Essa. 7 — Amor. Aram. 8 — Acordar. 9 — Os. Amas. Co. 10 — Ave. Pua. Sol. 11 — Moura. Resma.

VERTICAIS: 1 — Salgar. Com. 2 — Anó. Ua. Sua. 3 — Mar. Mina. Eu. 4 — Odo. Maca. 5 — Sioba. Rampa. 6 — Ico. Rou. 7 — Porco. Adior. 8 — Aha. Eres. 9 — Lor. Uoar. SS. 10 — Agar. Sm. Com. 11 — Somada. Pola.

Actualidade internacional

MORREU O EDITOR ITALIANO
ANGELO RIZZOLI

MILÃO, 25 — (A. N. I. e F. P.) — Faleceu ontem à noite, em Milão, Angelo Rizzoli, proprietário da editorial que tem o seu nome. Contava 80 anos e foi vítima de uma infecção renal.

O seu império editorial inclui diversas revistas de enormes tiragens; nomeadamente a «Oggi», a «Europeo» e a «Annales». Livros dos mais variados géneros e numerosas edições especiais de clássicos e de histórias de terror.

Rizzoli foi igualmente produtor de numerosos filmes, incluindo alguns da série «D. Camillo», que retratam a figura de um padre anticomunista criado pelo jornalista, Giuseppe Guareschi.

O editor edificou a sua fortuna á custa de trabalho encarniçado. Primogênito de uma família numerosa e muito modesta, Rizoli entrou para um orfanato aos 6 anos. «Foi o dia mais feliz da minha vida, pois a pobreza em nossa casa andava de mãos dadas com a miséria».

Aos 20 anos, começou a trabalhar como tipógrafo em Milão, até que adquiriu com parcas economias uma pequena oficina da arte que se transformou, meio século depois, na grande casa editora europeia actual, com uma cifra anual de negócios da ordem dos 40 bilhões de liras, empregando quatro mil pessoas.

Pior do que a Talidomida: o fumo de cigarro

LONDRES, 25 — (A. N. I.) — O fumo do cigarro faz provavelmente pior às futuras mães do que a Talidomida — afirmou o ginecologista dr. John McGarry numa conferência realizada em Cardiff.

O fumo do cigarro durante a gravidez é a causa da «morte de milhares de crianças inglesas todos os anos e de muitas mais sofrerem de diversas doenças» — afirmou o médico.

Abortos, hemorragias, falta de peso, epilepsia e morte são mais comuns entre os filhos das mulheres que fumam — declarou o dr. McGarry, acrescentando que o problema do fumo durante a gravidez está a tomar «proporções alarmantes» para as quais as autoridades sanitárias devem chamar a atenção.

ALLON: Israel não tolerará um regresso à situação anterior à guerra civil

(Continuação da 1.ª página)

ciar que a reunião se tinha efectuado.

TRÉGUA

O marechal Majali decretou, hoje, em Amã, uma trégua de 24 horas, para permitir que a Cruz Vermelha recolha os feridos e envie medicamentos para os hospitais.

A ordem, emitida em Amã, decretava a trégua a partir das 7 horas da manhã.

O marechal Majali pôs o Exército à disposição da Cruz Vermelha, para auxiliar no que fosse possível, durante o período de cessar-fogo. No entanto, não

**EX-CURA CASA-SE
COM EX-FREIRA**

ALEXANDRIA 25 — (F. P.) — Dom Rino Monsini, antigo cura de Mombello-Monferrato e membro do «Grupo dos Padres Laicos do Piemonte» (contestatários), casou-se com uma ex-freira, Anna Venesia, e anunciou a Imprensa local, «Don Rino Monsini trabalha agora como electricista».

TEL-AVIV, 25 — (R.) — Israel preveniu o rei Hussein de que as suas forças atacarão a Jordânia se ele permitir que os guerrilheiros palestinos voltem a fazer incursões contra território israelita ao longo do vale do Jordão.

O vice-primeiro-ministro Yigal Allon disse ontem à noite que Israel não tolerará um regresso à situação que existia antes da guerra civil na Jordânia, quando os «feddayn» atacavam povoações fronteiriças israelitas.

Desta vez, Israel não se dará ao trabalho de estabelecer uma distinção entre os guerrilheiros e o Exército jordano — disse Allen, tornando bem claro

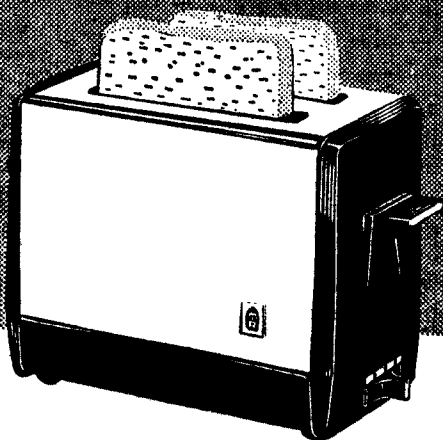
que não será tolerada uma situação em que o Governo jordano e os «feddayin» cheguem a uma solução de compromisso à custa da segurança israelita.

○ O general Allon referia-se à notícia de que um possível acordo de paz entre Hussein e os "feddayin" impediria os guerrilheiros de estabelecerem nas cidades jordanas mas, por outro lado, dar-lhes-ia pulso livre para actuarem na fronteira israelo-jordana.

Os observadores notam que as declarações de Ailon parecem indicar um endurecimento da política de Israel em relação a Hussein, que até agora era encarado com alguma simpatia pelos israelitas.

TORRADEIRA DE DISPARO AUTOMÁTICO DE CONCEPÇÃO MODERNA.

morphy-richards



MODÉLO

ATR

- **Regulação a seu gosto do grau de tostagem.**
- **Desliga automaticamente elevando simultaneamente as torradas.**
- **Tabuleiro de migalhas de fácil limpeza.**

REPRESENTANTES:

SOC. de REP. SIDA SUECA, LDA.
RUA DE S. NICOLAU, 44, 48 - LISBOA

Conta Juventude

BANCO DO ALENTEJO

REVIRAVOLTA NA JORDÂNIA

SITUAÇÃO DIFÍCIL
DO REI HUSSEIN

BEIRUTE, 25 — O destino da Jordânia e a continuação da guerra civil dependem hoje do resultado de um encontro secreto que se julga ter começado esta madrugada algures em Amã entre o chefe dos guerrilheiros, Yasser Arafat, e o presidente do Sudão, general Al-Nimeiry.

O encontro foi combinal do ontem à noite, através de uma troca dramática de mensagens pela Rádio, que foram escutadas em todos os países árabes.

As mensagens foram igualmente captadas em Israel, que tinha acabado de ameaçar o rei Hussein de represálias se ele chegasse a um acordo com os guerrilheiros permitindo-lhes voltarem a atacar posições israelitas na margem ocidental do Jordão.

Porém, até às 6 horas da manhã ninguém na capital jordana sabia se o encontro teve ou não lugar. A Rádio de Amã e a Rádio dos guerrilheiros mativeram-se em silêncio toda a noite desde que a hora e o local do encontro foram marcados por Arafat.

Ninguém aguarda o resultado das conversações com maior interesse do que o rei Hussein, que foi abandonado inesperadamente pelo seu primeiro-ministro, o brigadeiro Mohamed Daud, que apresentou ontem a sua demissão.

Numa sensacional reviravolta, o rei Hussein, que apenas 24 horas antes se gabara de que as suas tropas tinham repellido as forças sírias e causado pesadas baixas aos guerrilheiros, encontrou-se ontem à noite novamente em situação difícil, lutando para conservar o trono, enquanto se exerciam poderosas e contraditórias pressões de Israel e dos dirigentes árabes reunidos no Cairo.

Os observadores pensam que Hussein tem agora apenas uma alternativa: ou continua com a sua política firme, apoiando-se nos militares e entrega o governo a um «homem forte» capaz de guerrilheiros até ao fim, ou continuar a luta contra os cede à pressão dos outros chefes árabes e forma um governo nacional aceitável para os palestinianos.

A primeira hipótese a longo prazo colocará o rei num beco sem saída, pensam os observadores políticos, pois a violência com que o exército bombardeou Amã e a população civil para lutar contra os «feddayin», fez com que se afastassem de Hussein mesmo alguns dos seus aliados.

O presidente Nasser declarou-se muito preocupado com o facto e o próprio governo conservador do Kuwait seguiu o exemplo do regime revolucionário da Líbia, cortando o seu apoio financeiro à Jordânia.

Se o rei decidisse tentar obter uma vitória militar e prosseguir a luta causando mais sofrimentos à população civil, não poderia esperar apoio do mundo árabe contra os seus adversários, os guerrilheiros.

Mas mesmo que o soberano aceite formar um governo nacional representado também os palestinianos, nada garante que os «feddayin» aceitem. Apesar das baixas que têm sofrido em combate e da retirada para a Síria de algumas unidades blindadas que os apoiavam no Norte, os guerrilheiros sentem que o ven-

to mudou e sopra do Cairo a seu favor.

A simpatia pela causa dos «feddayin» aumenta rapidamente entre os dirigentes árabes reunidos no Cairo à medida que as tropas do rei continuam a bombardear campos de refúgios e outras zonas habitadas, apesar das repetidas promessas de Hussein sobre o acatamento do cessar-fogo pelas suas tropas.

Quanto à situação militar no Norte da Jordânia, continua confusa. Um cor-

respondente informou ontem à noite que a cidade de Irbid em poder dos «feddayin» estava a ser bombardeada pela artilharia e aviação, ao mesmo tempo que tanques jordanos tinham cortado a estrada Irbid-Mafraq.

Mais tarde, porém, o informador do Exército de Libertação da Palestina disse em Beirute que um contra-ataque dos «feddayin» tinha repellido as tropas jordanas, que batiam em retirada para o Sul.

A China lançará no dia 1
um míssil intercontinental
— revela o «Guardian»

LONDRES, 25 — (A. N. I.) — A China vai lançar um míssil intercontinental que seguirá uma trajetória planeada sobre o Oceano Índico até um ponto ao largo da costa da África Oriental — afirma o correspondente diplomático do «Guardian», Patrick Keatley, que acrescenta que a data provável para este lançamento é a próxima quinta-feira, dia 1 de Outubro, em que se comemora o 21.º aniversário da subida do ac-

tual regime comunista ao Poder.

Além desta novidade de carácter militar, Keatley afirma que haverá outra de carácter diplomático — muito provavelmente a revelação do itinerário do chefe do Governo, Chu En Lai, ao estrangeiro.

O correspondente afirma que Chu En Lai deve visitar algumas capitais africanas, mas é possível que vá também ao Médio Oriente e a duas capitais europeias.

POR 100\$00 ESCUDOS

DEFENDA-SE
DE
SALTEAMENTO
EM
PLENO VOO

Se o avião em que seguir for desviado da rota por salteamento pagamos-lhe 3.500\$00 por cada dia de cativo até ao máximo de 10 dias.

Se for viajar
consulte-nos imediatamente!

 **Crédito Universitário**
BANCO DO ALENTEJO

BATAS ESCOLARES

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA
Av. João XXI, 5-D — R. Infância 16, 53-C — LISBOA



MAXIME VAULTIER
(MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO)

SUA FAMÍLIA PARTICIPA QUE, ONTEM, DIA 24, FOI CELEBRADA MISSA, NA MAIS ESTRITA INTIMIDADE, NA IGREJA DE S. LUIS DOS FRANCESES.

AGÊNCIA SALGADO — TELEF. 48258

COMPANHIA DE SEGUROS TRANQUILIDADE
LISBOA: Av. da Liberdade, 242 Tel. 538866 • PORTO: Rua do Carmo, 105 Tel. 26572 • AEROPORTO DE LISBOA Tel. 20007

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO



**AGOSTINHO ENTRE OS «MAIORES»
NA RAMPA DE «MONTJUICH»**

Conforme noticiámos numa das nossas edições de ontem, o ciclista do Sporting, Joaquim Agostinho, classificou-se no 3.º lugar, entre 22 concorrentes, na famosa corrida «Rampa de Montjuich». Apenas «super» Eddy Merckx (vencedor) e o espanhol Ocaña puderam superar o magnífico corredor português, cuja popularidade internacional tem crescido ao ponto de estar a ser pretendido pelas mais famosas equipas de «marcas». Assim, é natural que Agostinho deixe este ano a «Frimatic» para representar outra equipa nas mais famosas competições de profissionais, para o que conta com

autorização do Sporting.

Firmino Bernardino foi o 18.º nesta «Rampa de Montjuich», em que participou pela primeira vez. Não é uma classificação brilhante, mas há que considerar a sua juventude e, principalmente, a categoria internacional de todos os concorrentes. Além dos melhores «trepadores» espanhóis foram convidados os mais famosos corredores da actualidade.

Bernardino e Agostinho regressam hoje a Lisboa, o primeiro por via aérea, acompanhado pelos dirigentes e treinador do Sporting. Agostinho fará a viagem no seu automóvel.

NA CHECOSLOVÁQUIA

Castigada a selecção de futebol por ter feito propaganda comercial

PRAGA, 25 — (F. P.) — Vinte jogadores da turma checoslovaca de futebol — a quase totalidade da selecção que participou no Campeonato do Mundo no México — vão ser afastados até ao fim de 1971.

Além disso, foi-lhes aplicada uma multa equivalente a 30 por cento do prémio que receberam por se haverem qualificado para a «Taça do Mundo». O treinador Marco foi suspenso das suas funções até final de 1970 e multado, tal como o seu adjunto Jan Hieko, que só ficou suspenso até fim de 1971.

Foram suspensos por 15 e 9 meses o director técnico da turma nacional de futebol.

Estas medidas draconianas foram decididas na quinta-feira pela Comissão de Disciplina da União de Futebol checoslovaca, na sequência de uma longa discussão celebrada nos diversos organismos da União sobre o caso «Puma-Adidas». Os componentes da turma nacional e os seus treinadores foram acusados de terem manchado o bom nome do futebol checoslovaco ao aceitarem fazer propaganda

para firmas estrangeiras.

A discussão desta questão começou em 5 de Setembro corrente, quando, após o desfecho França-Checoslováquia, em Marselha, Josef Rygr, novo treinador da selecção, acusou severamente os representantes de firmas comerciais de «haverem desviado a atenção dos jogadores checoslovacos antes do desafio com propostas que lhes foram apresentar, e que foram em grande parte aceites, apesar da formal proibição da União e do treinador».

«UM MODO DE VIDA...»

Garrincha: Golos de café

ROMA, 25 — (A. N. I.) — «Mané» Garrincha foi contratado pelo Instituto Brasileiro do Café para fazer a propaganda deste produto na Europa, a começar pela Alemanha, pela Suécia e pela Holanda.

Sorteio na A. F. L.

Na sede da Associação de Futebol de Lisboa realza-se esta noite o sorteio do campeonato distrital de juvenis.

Entretanto, o antigo futebolista deixa por uns dias Roma — onde vive com sua mulher, a cancionista Elza Soares — para ir ao Rio de Janeiro inaugurar o posto de Lotaria Desportiva (Totobola) que lhe foi dado.

Garrincha espera que esta agência e a propaganda do café lhe proporcionem, finalmente, um modo de vida, depois de muitos meses de peregrinação, a viver do que ele ganha nas salas de espectáculo italianas.



GARRINCHA

DUAS VITÓRIAS DOS XADREZISTAS PORTUGUESES

SIEGEN (Alemanha Federal), 25 — (A. N. I.) — A equipa que está a representar Portugal nas «Olimpíadas do Xadrez» (Campeonato Mundial por Equipas) averbou ontem duas vitórias, ambas por 3-1, contra a Irlanda, na 9.ª jornada, e contra o Luxemburgo, na 10.ª.

A equipa portuguesa está agora no 5.º lugar do Grupo D, com 19,5 pontos. Comanda a classificação deste grupo a Suíça, com 24,5 pontos.

051.º ANIVERSÁRIO DO BELENENSES

A sessão solene comemorativa do 51.º aniversário do Clube de Futebol «Os Belenenses» terá lugar hoje, pelas 21 e 30, no Salão de Conferências da Feira Internacional de Lisboa e será presidida pelo sr. dr. Afonso Marchueta, governador civil do distrito.

Momento especial, numa altura em que a popular colectividade do Restelo se encontra em pleno esforço de renovação e engrandecimento, a sessão servirá para distinguir os associados que completaram 50 e 25 anos de inscrição (a quem serão conferidas medalhas comemorativas) e distinguir os atletas do clube que, na época finda, conquistaram o título de campeões nacionais.

Propriedades

— VENDAS —

ANDARES

VENDEM-SE

A Encosta do Restelo — os 2 únicos que restam em prédio de construção e acabamentos o que há de melhor, lindas vistas sobre o Tejo, 5 assoalhos, 2 c. banho, cozinha, c. exaustores, caixa-lavaria em alumínio, etc. Ver Av. Ilha da Madeira, lote 5.

IRATA: A LUZAFRICA
Calçada do Carmo, 6-2.
Telefs. 368080-324524

Capitais

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?

ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A

ORCOSI

Telefs. 367444/323172

Rua 1.ª de Dezembro, 45

Contacto

H. NUNES



PUBLICIDADE
Telef. 847260

DINHEIRO

EMPRESTA-SE

com rapidez qualquer quantia em 1.ª ou 2.ª hipoteca, créditos, parte de prédios ou construção. TRATA LAIRES, Rua da Prata, 291, 2.ª -Dt. (junto à Praça da Figueira). Telefs.: 32 54 87 e 37 06 18.

Quintinha

para alugar

Vende-se com facilidades de pagamento a 20 km de Lisboa, tendo uma moradia de construção moderna c/ diversos divisões, água própria, etc. Área total, 3 hectares aproximadamente, muito bem localizada. Trata: F. Fernandes & Costa, Lda., Av. Almirante Reis, 104-2. — Telef. 536111/2/3.

CASAS

para alugar

Procure V. Ex. nos escritórios, onde temos sempre variados modelos. Não cobramos qualquer importância a título de comissão aos inquilinos. Trata: SOC. CONST. INVICTA, Rua do Ouro, 292, 1.ª — Telef. 36259-34755.

PRÉDIO AO CAMPO PEQUENO

Construção de cimento armado, revestido a decormel e mármore, composto de 8 pisos, hab. de 2 e 3 div. soalhadas, cozinha, casa de banho, despensa, marquise e hall. Alugado com rendas baixas.

Preço — 6.600 contos.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rossio, 3-2.º — Telefones 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

ANDE 1.000 KM. E PAGUE SÓ 250\$00

ALUGUE UM AUTOMÓVEL NA
AUTO-ARGUS. INTERNACIONAL



P. Olegário Mariano, 6-D — Telef. 553843
Av. da República — FARO — Telef. 05-23928

Automóveis

VENDAS: ALUGUER:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compe, sem consultar. Florindo M. Coelho — R. António Pedro, 40, cave, Tel. 44846.

Contacto
H. NUNES



Telef. 847260
PUBLICIDADE

Opel 1700, de 63, 32 c.; Opel Kadet de 65, 30 c.; Opel 1500, 20 c.; Austin 850 de 62, 20 contos; Austin 65, 24 c.; Wolksagen de 60, 20 c.; Tenho novas unidades. R. António Pedro, 40, c/v. Telef. 44 846.

AUTOMÓVEIS de todas as marcas aos melhores preços.

MAIA
Av. João XXI, 8-A



SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS/CONDUTOR:

- 534657 — L. St. Bárbara, 5-B
- 49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B
- 769848 — EUBOCAR — Av. Barbosa do Boque, 1
- 42890 — Taxis Universo, Lda. — Av. República, 26
- 727654 — Auto Monumental do Areeiro, Lda. — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E
- 539169/539345 — BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A
- 391 — OLIVACTO — Av. de Madrid, 16-B

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carva-Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeródromo, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de porto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião 64-66

RÁDIOS

Portáteis de mesa e de móvel, grande variedade de modelos das melhores marcas europeias em exposição na

IMPERLUZ



Avenida Almirante Reis, 172-A
Telef. 53 35 92

Sociedade Estoril

Venda de bilhetes
para os domingos

Aos sábados na estação do Cais do Sodré das 15 às 22 horas.

Em LAGOS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no Café Portugal.

PRÉMIO SIGNIFICATIVO

O Almada A. C. recebeu o troféu «Ricardo Ornellas»

No campo do Pragal, em Almada, realizou-se ontem, à noite, um festival desportivo que serviu para comemorar não só a inauguração da aparelhagem sonora como, ainda, a dos novos camarotes. Ficou assim enriquecido o património do clube, que, apesar dos inúmeros contratempos sofridos tem procurado superá-los com elevado espírito de sacrifício e grande determinação.

Serviu ainda o festival para que ao Almada Atlético Clube fosse entregue o troféu «Ricardo Ornellas», instituído pelo jornal «O Casapiano» e destinado a premiar o clube que na época oficial 1968-69 não teve atletas castigados.

Assistiram às cerimónias o sr. dr. Silveira Junior, presidente do conselho de Almada; José Feijado, pela F. P. F.; Gilberto Novais, pela direcção do Casa Pia; Augusto Polares, pelo jornal «O Casapiano» — além, é claro, da direcção do Almada.

Antes da cerimónia, bastante significativa, da entrega do troféu, realizou-se um encontro de futebol entre as equipas juvenis do Casa Pia

e do Almada, o qual terminou empatado a um golo.

Depois, com as equipas principais dos mesmos clubes alinhadas no terreno, foi entregue pelo sr. Augusto Polares ao «capitão» da equipa almadense o troféu «Ricardo Ornellas».

Para o encontro principal e sob a arbitragem de Cantelinas da Rosa, de Setúbal, as equipas alinharam:

ALMADA — Quim Pereira; Calbrito, Loureiro, Helder e Queirós; Leitão e Duarte Silva; Feiteira (Pedro), Seminário (Mário), Tito e Quim.

CASA PIA — Brás; Domingues I, Domingues II, Raul e Amorim; Godinho e Codesso II; Marques, Seminário (Vigário), Quim e Mário Jesus (José Luís).

Ao intervalo: 2-0. Gols de Leitão e Feiteira, respectivamente aos 35 e 42 minutos.

No segundo tempo, o Almada elevou a contagem para 5-0, com gols de Quim, Seminário e Tito, aos 16, 17 e 32 minutos, respectivamente.

M. R.

QUEM QUER PRATICAR DESPORTO?

Com frequência, os clubes abrem inscrições para novos praticantes de desporto, que os queiram representar em diversas modalidades. Tentamos dar, sempre que possível, notícia dessas iniciativas dos clubes, que procurando a sua própria valorização não deixam de prestar, ao mesmo tempo, um serviço

ao desporto e à juventude. Por hoje, temos:

Basquetebol no Cif

É para senhoras e meninas. As inscrições estão abertas e, quem quiser, mais não tem que ir ao Campo Grande. Os treinos terão início na próxima terça-feira, dia 29, pelas 19 e 15.

Ginástica no Sporting

Para todas as idades e compreendendo classes para ambos os sexos. As inscrições estão abertas na Rua do Passadiço, 86, entre as 18 e 30 e as 21 horas, e a actividade inicia-se no próximo dia 8 de Outubro. Campo de acção: os ginásios da Rua do Passadiço e do Estádio José Alvalade.

EM AVEIRO
UMA JORNADA
DE SOLIDARIEDADE

Os desportistas de Aveiro organizaram, para amanhã, uma carinhosa festa de beneficência a favor de uma popular figura daquela cidade: José da Silva Castro, o «Zé Maneta», que há mais de quarenta anos é vendedor de jornais e se tornou estimado pela população local.

Há muitos anos perdeu o braço esquerdo e vê-se agora privado da perna do mesmo lado. Esta a situação angustiante de um homem sem outras providências que não sejam o carinho dos muitos amigos que estarão amanhã à tarde no Estádio «Mário Duarte», onde a partir das 15 horas, se realizam três jogos de futebol: Beira-Mar-Gafanhos (juvenis); Oliveira do Bairro-Fermentelos (seniores); e Beira-Mar-F. C. Porto (antigos futebolistas).

UMA BOA TROCA SATISFAZ AS DUAS PARTES.

vá já com o seu carro usado ao concessionário

VAUXHALL



Agora que voltou de férias, é natural que queira mudar de carro. Nós percebemos o seu problema e aceitamos o negócio. Não lhe oferecemos apenas qualidade, a segurança, a econo-

mia do consumo, o espaço interior e de mala e a elegância de um carro para todas as estações. De facto oferecemos-lhe muito mais: O Vauxhall Viva.

PLANO ESPECIAL DE OUTONO



MARK OF EXCELLENCE



the stamp of quality

Um produto GENERAL MOTORS montado em PORTUGAL com assistência técnica em todo o

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

PAÇO DE ARCOS

APARTAMENTOS MOBILADOS

Rendas muito acessíveis

de vários tipos
prontos a habitar



Localização — A 100 metros da praia
— Muito próximo da Estação de C.
de Ferro

**Também possuímos lojas para qualquer ramo
de comércio**

Faça-nos uma visita e ficará deslumbrado

Preços desde 190 Contos

Informações para aluguer e venda:

j. pimenta, S. A. R. L.

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telef. 4 58 43/4 78 43

QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telef. 95 20 21/22

REBOLEIRA: Amadora — Telef. 93 36 70

PAÇO DE ARCOS: Bairro Comendador Joaquim Matias
Telef. 2 43 35 11

CASCAIS: Rua Regimento Infantaria 19, n.º 30 — Telef. 28 25 76
Conjunto Turístico da Pampilheira — Telef. 28 39 88

SUPREMO

TRIBUNAL MILITAR

Foi nomeado vogal do Supremo Tribunal Militar o sr. contra-almirante António Morgado Belo, em substituição do oficial da mesma patente sr. João Moreira Rato, que, por ter atingido o limite de idade, passou à situação de reforma e deixou o referido cargo.

CONVOCAÇÃO DE RECRUTAS

Os Distritos de Recrutamento e Mobilização estão a proceder à convocação de um determinado número de recrutas inspecionados no ano de 1970 do contingente geral. Os convocados terão de apresentar-se nos Centros de Instrução de Condução Auto para efeitos de provas de selecção psicotécnica. Os que sem motivo justificado, não efectuarem a apresentação atrás referida, serão notados refractários.

A duração destas provas de selecção não deve ultrapassar um dia, podendo os recrutas regressar às suas ocupações no dia seguinte à prestação das mesmas.

Os recrutas a quem este aviso disser respeito, não devem abandonar os respectivos empregos, pois só mais tarde serão efectivamente incorporados nas unidades de instrução.

HORÁRIO DOS COMBOIOS ZONA CENTRO LINHA DO LESTE E RAMAL DE CÁCERES

Previne-se o Público de que, a partir do dia 1 de Outubro de 1970 é restabelecida, entre Portalegre e Elvas, a circulação de comboio n.º 2325, com partida da estação de Portalegre às 23-22 horas e chegada à estação de Elvas às

MONTEMOR-O-NOVO



**Joaquim Rodrigues
Amaro
FALECEU**

Sua Família participa o seu falecimento e que o funeral se realizza amanhã, pelas 9 horas, da Basílica da Estrela para o cemitério de Montemor-o-Novo.

AGÊNCIA BARATA



NORMA

Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de Empresas S. A. R. L.

R. de Campo Alegre, 732, 6.º-A - PORTO

DEP. PSICOLOGIA APLICADA

**SELECIONAMOS
PARA
GRANDE EMPRESA TEXTIL
(NORTE DO PAÍS)**

CHEFE DO DEP.º DE TECELAGEM

LUGAR DE MUITA RESPONSABILIDADE PARA TÉCNICO TEXTIL COM

- idade entre 30 a 40 anos.
- bons conhecimentos mecânicos de teares SAURER e SULZER.

Respostas para a NORMA — Rua Campo Alegre, 732-6.º-A - PORTO • Indicar Ref.ola 169/P/DPA (Confidencial).

MORADIA

SÃO JOÃO DO ESTORIL

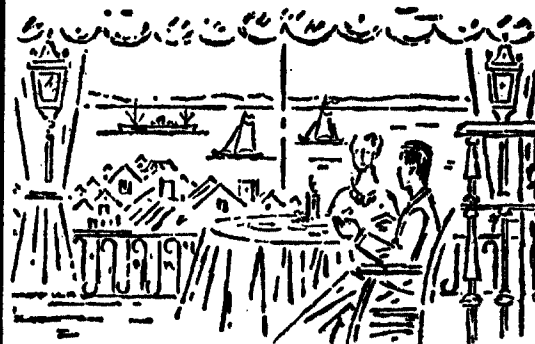
Junto à Marginal, construção antiga em bom estado, composta de r/c. e 1.º andar, com 7 div. soalhadas, cozinha, marquise, 2 casas de banho, quintal e jardim.

MOSTRA E TRATA:

«A CONFIDENTE»

Rossio, 3-2.º — Telef. 36 93 84/5/6 - 32 82 32/3 - 36 17 56

Varanda do Chanceler



**AMANHÃ
RESERVADO
AO
JANTAR**

CARTAZ DOS CINEMAS



*** CONDES**
(Adultos) Tel. 322523
ESTREIA — Hoje, às 21.45
OS INTOCAVEIS

As 14.15 e 16.30 — Últimas
exibições de
«GRINGO NAO PERDOA»
(M. 12 anos)

*** IMPÉRIO**
(Adultos) Tels. 555134/5
As 15.15 e 21.30
3.ª SEMANA
METROCOLOR
OMAR SHARIF
e ANOUK AIMÉ
Acender o lume dele?
Provar o amor dela?

O RENDEZ-VOUS
Um filme de SIDNEY LUMET

*** ESTÚDIO**
As 15.30, 18.30 e 21.45
(M. 12 anos)

O filme de CARLOS SAURA
que obteve o Urso de Prata no
Festival de Berlim e premiado
em Veneza, S. Francisco, Aca-
pulco, etc.

A CAÇA

*** ESTÚDIO 444**
(Adultos) Tel. 779095
As 15.30, 18.30 e 21.45
EM 2.ª SEMANA

UM AMOR
PARA CAROLINA
Alexandra Stewart na notável
realização de Ron Kelly
EASTMANCOLOR

*** CHIADO TERRASSE**
As 15 e 21 h. (M. 12 anos)
POR QUEM OS SINOS
DOBRAM
UMA PISTOLA PARA
RINGO

*** LIDO**
(M. 17 anos) As 21.30 h.
4 Personagens, 4 Vidas Dife-
rentes, 4 Segredos íntimos!!

A VIDA ÍNTIMA
DE 4 MULHERES
Um filme maravilhoso com
Jean Fonda e Claire Bloom

ESTREIAS DE HOJE
«O Criado» — no S. LUIZ e ALVALADE
«Os Intocáveis» — no CONDES
«A Ponte de Remagem» — no ROMA

*** ROMA**
(Adultos) Tel. 727778

ESTREIA — As 21.45
A espantosa realização
A PONTE DE REMAGEN
com George Segal, Robert
Vaughn e Ben Gazzara
Panavision — Cor de Luxe

A receita de hoje reverte pa-
ra o Fundo de Assistência dos
estudantes órfãos de militares

*** ODEON**
(M. 17 anos) Tel. 326283

As 15.15, 18.15 e 21.30
**O CINEMA PORTUGUÊS EM
FESTA!**

**A MALUQUINHA
DE ARROIOS**

Realização de Henrique Campos
Segundo a famosa comédia
de André Bruu
com Alina Vaz, Ivone Silva,
Artur Semedo, Eugénio Salva-
dor, Linda Silva e Oscar Azeiteiro

*** EDEN**
PARA TODOS Tel. 328768

As 15.15, 18.30 e 21.45

**O MUNDO MARAVILHOSO
DE MICKEY**

Um mundo de graça e fanta-
sia, nos melhores desenhos de
sempre de Walt Disney, com
Rato Mickey, Pato Donald,
Pluto, etc.
TECNICOLOR

*** RESTELO**

(M. 17 anos) Tel. 610375

As 21.30
UM SONHO DE REIS
com Anthony Quinn

*** CASINO ESTORIL**

As 17 e 21.30 (M. 17 anos)
AMOR SEM BARREIRAS
com Natalie Wood

*** AVIS**
(Adultos) Tel. 47162

As 21.45 h.
O filme que enterneceu
o mundo inteiro!
A PRINCESA
Extraordinária interpretação
de GRYNET MOLVIG

*** MUNDIAL**
(Adultos) Tel. 538743

As 18.30 e 21.45
Bibi Andersson, Robert Stack,
Annie Girardot e James Faren-
tino numa alta comédia em ma-
ravilhoso technicolor

**A VIDA DE UMA
MULHER**

— O primeiro amor será de
facto o mais forte?...
AR CONDICIONADO

*** MONUMENTAL**
(M. 12 anos) Tel. 555131

As 15 e 21.30 h.

MY FAIR LADY

O filme de 8 «Oscars»
o de o melhor filme
com Audrey Hepburn
e Rex Harrison

*** EUROPA**
(M. 12 anos) Tel. 661016

As 21.30 — 70 mm
TECNICOLOR

Charlton Heston, Stephen
Boyd e Jack Hawkins

«BEN-HUR»

As 15.15 — última exibição

OS 5 AVISOS DE SATANÁS
(M. 12 anos)

*** LIZ**
(M. 17 anos) Tel. 48560

As 21 h.

JUSTINE

GULA PARA UM HOMEM
VOLUVEL

*** SÃO LUIZ**

(Adultos) Tel. 327172

ESTREIA — Hoje, finalmente,
a obra fundamental de
Joseph Losey

O CRIADO

As 15.15 e 18.15 — Últimas
exibições (Adultos)

**AMOR QUENTE, AMOR
FRIO**

*** ALVALADE**
(Adultos) Tel. 717480

ESTREIA — Hoje, finalmente,
a obra fundamental de
Joseph Losey

O CRIADO

*** POLITEAMA**
(M. 12 anos) Tel. 326305

As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30

UM ÊXITO EXCEPCIONAL
com o famoso idolo

JEAN-LOUIS TRINTIGNANT

O GRANDE SILENCIO

A HISTÓRIA DE UMA
IMPIEDOSA VINGANÇA

Eastmancolor

*** TIVOLI**

(M. 17 anos) Tel. 50596

As 3 e 6.15 da tarde (a p. r.)
e às 9.30 da noite

2 SEMANA

Um «Western» clássico
com Anthony Quinn, Henry
Fonda e Richard Widmark

**O HOMEM DAS PISTO-
LAS DE OURO**

*** VOX**
(Adultos) Tel. 720808

As 18.30 e 21.45 h.

DUSTIN HOFFMAN
e **MIA FARROW**

Os dois inesquecíveis prota-
gonistas da mais bela das histórias
de amor!

JOHN & MARY

Um filme de excepção
em Panavision e Technicolor

AR CONDICIONADO

*** LUMIAR**
Tel. 795296

As 21 h.

A MORTE E MULHER
OS COMPLEXOS

* outros espectáculos

• LISBOA

• TEATROS

ABC — As 20 e 45 e às 23 h.:
«Alto lá com elas» (Adultos).
CAPITÓLIO — As 21 e 45:
«Vozes da noite» (17 anos).
MARIA MATOS — As 21 e 45:
«A Relíquia» (17 anos).
LAURA ALVES — As 21 e 45:
«Pobre M'honra» (17 anos).

• CINEMAS

JARDIM — As 21: «Os 7 ande-
res da vida» (17 anos).
IDEAL — As 15 e 18 e às 21:
«No reino dos bikinis» (17 anos).
MOSCÁVIDE — As 21: «Operação
poker» (12 anos).
SALÃO LISBOA — As 21: «Fúria
Sanguinária» (17 anos).
PROMOTORA — As 21: «Viver,
amar, morrer» (17 anos).
ARCO-ÍRIS — As 21: «Adeus
amigo» (17 anos).
OLÍMPIA — As 21: «A morte
vem a cavalo» (17 anos).

• Linha de Cascais
ALGES — STADIUM — As 21 e
30: «Aquele dia frio no parque»
(17 anos).

OEIRAS — OEIRAS - CINE — As
21: «Os gloriosos calhambe-
ques» (12 anos).
PAREDE — ROYAL - CINE — As
21: «Jeff» (12 anos).
ESTORIL — CASINO — As 17 e
21 e 30: «Amor sem barreiras»
(17 anos).
CASCAIS — S. JOSE — As 21 e
30: «O faldado» (17 anos).

• Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — As 21
e 15: «O destino marca a hora»
(12 anos).
COSTA DA CAPARICA — CINE-
COPACABANA — As 21: «Na
pista dos diamantes» e «Os
teus, os meus e os nossos»
(12 anos).
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E
RECREIO — As 21 e 30: «Acom-
panha-me meu amor» (12 anos).

• Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPOR-
TIVOS — As 21 e 15: «O des-
tino marca a hora» (12 anos).

• PORTO
SÃO JOÃO — As 21 e 30: «Cho-
que» (17 anos).

COLISEU — As 21 e 30: «Amor
sem barreiras» (17 anos).
RIVOLI — As 21 e 30: «Mundo
Mulher» (17 anos).
BATALHA — As 21 e 30: «Um
sonho de res» (17 anos).
TRINDADE — As 21 e 30: «Easy
Riders» (17 anos).
ESTÚDIO — As 21 e 30: «Fúria
de viver» (17 anos).
OLÍMPIA — As 21 e 30: «O
campeão de fato cinzento» e
«O ursinho Puff e as suas
aventuras» (16 anos).
CARLOS ALBERTO — As 21: «A
ira dos deuses» (17 anos).
JULIO DINIS — As 21 e 30: «Na-
vado á tona» (17 anos).
CINEMA DO TERÇO — As 21 e 30:
«O vale do mistério» (12
anos).

• COIMBRA

GIL VICENTE — As 21 e 30:
«Os Comediantes» (17 anos).
AVENIDA — As 21 e 30: «O
Advogado» (17 anos).
TIVOLI — As 21 e 30: «Gunga-
la, a Virgem Selvagem» (17
anos).

VIÇO • FARMACIAS DE SERVIÇO • FARMACIAS DE SERVIÇO • FARMACIA

• LISBOA

ALCANTARA — Bairro,
Rua Prior do Crato, 25
(661321).
ALMIRANTE REIS —
Confiança, Av. Almirante
Reis, 46 (42453).
ALVALADE — Zil, Av.
da Igreja, 9-D (711780).
São João de Deus, R. Pe-
dro Ivo, 1-A e 1-B (725140).
AMOREIRAS — Britânica,
Travessa Léguas da Póvoa,
5 (689250).
ANJOS — Renascença, R.
Damasceno Monteiro, 104-
A-B (831504).
AREIRO — Roma, Av.
de Roma, 85-B (772466).
Garantia, Av. Padre Ma-
nuel da Nóbrega, 5-A e
5-B (727300).
Imperial,
Av. Guerra Junqueiro, 30-B
(726860).
ARROIOS — Verel, R.
Morais Soares, 109 (40632).
AVENIDAS NOVAS — Al-
cantara, Av. República, 74-
A-B (771379).
Vale, Av.
Marquês de Tomar, 45-49
(773043).
Delfa, Av. Du-
que d'Avila, 25 (45225).
S. Sebastião, Largo S.
Sebastião, 1-9 (48642).
BAIRRO ENCARNÇÃO —
Ascensão, R. 27, n.º 41
(31216).
BAIXA — Teixeira Lopes,
R. Aurea, 154 (324816).
Oliveira, R. da Prata, 240
(32145).

BELEM — Moura, I do
Memória, 95 (630944).
BENFICA — União, Est.
Benfica, 592 (700092).
Alegria, Est. Benfica, 80-
A-B (780511).
CAMÕES — Barreto, R.
Loreto 30 (327284).
CAMPO DE OURIQUE —
Label, R. Infante Santo, 16,
98-B (688807).
União, R.
Saraiva Carvalho, 119
(663643).
CAMPOLIDE — Solutar,
R. B. 75, A-B (Bairro da
Liberdade) — (683694).
Pinto, R. Campolide, 11
(682610).
CONDE REDONDO —
Sousa Martins, Rua Sousa
Martins, 25 (553468).
ESTEFÂNIA — Mundial,
L. D. Estefânia, 9 (45578).
ESTRELA E LAPA — An-
dreade Ribeiro, Av. Infante
Santo, 66-B (666971).
Palva de Costa, R. do La-
po, 105 (664414).
GRAÇA — Zifer, R. de
S. Tomás, 54-56 (664414).
LUMIAR — Central, R.
Lumiar, 77 (790480).
Douro, Al. Linhas de Torres,
93-A-B (791131).
OLIVAIS — R. Alves
Gouveia, 19 (311237).
Nascimento Costa, 16-A
(728395).
720703).
REGO — Baptista, Rua
Francisco Tomás da Costa,
3 (771873).

DE ST. APOLÓNIA AO
BEATO — Freitas, R. Zé-
lino Pedrosa, 1 (38136).
Benfica, Est. de Chelas,
173 (33224).
Frasão, Rua
Cruz de Santa Apolónia,
90-92, (847019).
SANTA MARTA — Fer-
nandes, Rua S. José, 187
(326476).
SANTO AMARO — Blati-
fer, Rua D. João de Castro,
27-B (638824).
Correio
Azevedo, Rua Luís de Ca-
mões 42-B (638625).
S. BENTO — Castro, Rua
S. Bento, 99 (660513).
MOSCÁVIDE — Benha,
Avenida Moscavide, 22
(2518518).

• Linha de Cascais

ALGES — Almeida Nito,
Av. Com. G. Guerra, 64
(T. 212070).
CAXIAS — Nova, Rua
Bernardim Ribeiro 1-A (T.
242839).
PAÇO DE ARCOS — Trin-
dade Brás — R. Costa Pin-
to, 86 (Telet. 2432034).
OEIRAS — Godinho, R.
Cândido dos Reis, 98 (Tel.
2430090).
PAREDE — Macau — R.
I. Elias Garcia, 62-B (Tel.
2471785).

ESTORIL — Parque —
Arcadas do Parque, 3 (Tel.
260791).
CASCAIS — Cordeiro,
Av. Com. G. Guerra, 40,
(Telet. 280170).
Nova, Es-
trada de Abade — Fonci-
nhos (Tel. 281044).
• Linha de Sintra
AMADORA — Amadora,
Praça 28 de Maio, 3
(Tel. 935518).
Carmelo,
Rua Elias Garcia, lote 28
(Tel. 933303).
Melância,
R. Elias Garcia, 2 (933613).
S. Jorge, R. Pedro del
Negro, 5 (Reboleira) (Tel.
938703).
DAMAIA — Damais —
P. Alexandre Gusmão, 9-A
(Tel. 970523).
QUELUZ — Gil — Av.
Miguel Bombarda, 28 (Tel.
950117).
Simões Lopes —
Av. Elias Garcia, 51 (Tel.
950043).
CACÉM — Central, Rua
Elias Garcia, 55 (2940034).
MEM MARTINS — Qui-
me, Est. Mem Martins 285
(Telet. 290012).
S. PEDRO DE SINTRA —
Valentim, (Telet. 980456).
SINTRA — Morreães —
L. Raimha D. Amélia, 20
(Telet. 980559).
VENDA NOVA — Nova,

Rua Elias Garcia, 10 (Tel.
933920).
COLARES — Colares,
Abreu (Tel. 299088).
• Outra Banda
ALCOCHETE — Nunes,
L. Coronel Ramos do Costa
10 (Tel. 234137).
ALHOS VEDROS — Gus-
mão, R. Cândido dos Reis,
30 (Telet. 224020).
ALMADA — Cristo Rei,
Av. Cristo Rei, 31-A (Tel.
273498).
BAIXA DA BANHEIRA —
Aliança — Estrada Na-
cional, 14 (224302).
BARREIRO — Soares,
Av. da República, 1 (Telet.
2273023).
COVA DA PIEDADE —
Cerqueira Afonso — P. 5
de Outubro, 18 (Telet.
270254).
MOITA — União Molten-
se, Av. Dr. Teófilo Braga
(Tel. 239025).
MONTIJO — Montepio —
R. Almirante Reis, 93
(Tel. 230035).
SESIMBRA — Lopes —
Rua Cândido dos Reis, 67
(Tel. 229028).
SETUBAL — Oliveira, L.
da Misericórdia (Tel. 22488).
SEIXAL — Godinho, L.
da Igreja 5 (T. 2218580).

• PORTO

Almeida Cunha, Lda., Rua
Formosa, 32 (Tel. 214874).
Antes Av. de F. Maga-
lães, 076 (Tel. 4158).
Barreiros, Rua de Serpa
Pinto 8 (Tel. 40053).
Clérigos, Rua dos Clérigos,
36 (Tel. 35394).
Gomes
Carmelo, Rua do Codotei-
to 848 (Tel. 23420).
Guerra, Rua Costa Cabral,
43 (Tel. 40470).
Guilme-
rões, R. de Francisco 37
(Tel. 60103).
Lidões,
Rua do Lidador, 71 (Tel.
683739).
Leusada, Largo
do Campo Lindo, 62 (Tel.
40353).
Oriental, Rua do
Bonjardim, 27 (Tel. 21378).
S. Roque de Lameira,
Rua de S. R. da Lameira,
1111 (Tel. 57799).
Soeira,
Rua de Santos Pousada, 71
(Tel. 53701).
Vasques,
R. dos Condemnados, 794
Campos, Rua P. e L. Ca-
bral, 943 — Foz (Tel.
680113).

• COIMBRA

Miranda, Praça do Co-
mércio (tel. 23261).
Vie-
gas & Coelho, Rua da So-
fia (tel. 22080).
Santa
Isabel — Avenida Sá da
Bandeira (tel. 24916).
Silva Soares, Rua Mouzi-
rão de Albuquerque (tel.
26554).

Diário de Lisboa Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho, 185-1.
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-6
End. Tel. DIBOA Telex 1363
Lisboa — Portugal

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava muito nublado na litoral para norte do Tejo e pouco nublado nas restantes regiões; o vento era fraco; havia neblina e nevoeiro em alguns locais do Norte e Centro.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Figueira de Castelo Rodrigo, 27°; mínima: Alvaide, 9°6'.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS DE HOJE — Coimbra, 15°; Faro, 21°; Funchal, 22°; Lisboa, 18°; Penhas Douradas, 17°; Portalegre, 19°; Porto, 14°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 18°3'; na água do mar, 17°.

PREVISÃO GERAL DE A MANHÃ

Regiões do Norte e Centro: possibilidades de agravamento do estado do tempo a partir da noite, com céu muito nublado, períodos de chuva fraca e chuviscos em especial na litoral para norte do Cabo Carvoeiro; vento fraco, tornando-se fraco a moderado do quadrante Oeste. Regiões do Sul: céu pouco nublado ou limpo e vento fraco.

Amanhã
Nascer às 7 e 27
Ocaso às 19 e 29

MARES:
PREIA-MAR: Hoje — 0 e 43 (3,1 m); 13 e 05 (3,5 m);
Dia 26 — 1 e 46 (3,3 m);
14 e 02 (3,6 m). Dia 27 —
2 e 30 (3,5 m); 14 e 38 (3,7 m).
BAIXA-MAR: Hoje — 6 e 39 (2,0 m); 19 e 30 (1,7 m);
Dia 26 — 7 e 33 (1,8 m);
20 e 04 (1,6 m). Dia 27 —
8 e 10 (1,6 m); 20 e 33 (1,4 m).

só a Iberia voa de Lisboa a Palma de Maiorca (via Madrid) diariamente (não é romântico?)

PARTIDAS DIARIAMENTE ÀS 18H00 COM CHEGADAS À PALMA DE MAIORCA ÀS 22H00

Preços: **Classificação**
Ida — Esc.1537-20

AUXÍLIO SOVIÉTICO AO TERRORISMO EM MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, 24 — (F. P.) — O Exército Português descobriu numa base terrorista, recentemente destruída no Norte de Moçambique, caixas onde se lia a inscrição: «Dádiva da Cruz Vermelha Soviética e das Sociedades do Crescente Vermelho».

As caixas faziam parte da reserva de armas e munições de que dispunha aquele refúgio de terroristas, designado pelo nome de «Manica e Sôfala». Os seus ocupantes, cerca de duzentos, fugiram para a Tanzânia quando foram atacados.

Ampliação do porto de Leixões

Foi declarada de utilidade pública e urgente a expropriação de três parcelas do plano de aquisição de terrenos necessários para a ampliação do porto comercial de Leixões, na freguesia e no concelho de Matosinhos.

1 Kg. EM BARRAS DE OURO
1.º prémio do concurso **VIGORMALTE**
+ 9 VALIOSOS PRÉMIOS
entregue as senhas até 10 de Outubro
Sorteio em 30 de Outubro

A SEMANA DE ESTUDOS SOBRE «FÉ E CONTESTAÇÃO»

AINDA HÁ EM FÁTIMA MUITO DE CULTO MÁGICO

—DISSE O BISPO DO PORTO

PORTO, 25 — Termina hoje, no Seminário da Boa Nova, em Valadares (Vila Nova de Gaia), a VIII Semana de Estudos Missionários que ali tem decorrido, como o «Diário de Lisboa» largamente se tem referido, subordinada ao tema geral: «Fé e Contestação».

Ontem, o rev. dr. Luís Moita tratou do tema «Profetismos e Missão» e acentuou:

«Não podemos ter ilusões: uma Igreja profética será uma Igreja perseguida e Jesus bem nos preparou para isso. Em algumas circunstâncias da história, a Igreja tem sido perseguida, muitas vezes por causa do amor ao Evangelho e muitas vezes por causa dos seus pecados. Não importam as perseguições, o que importa é que não seja calada a palavra da liberdade e da esperança!»

Vez-se ainda uma análise da Igreja em Portugal e abordado o tema «Mundo de contestação ideal», por frei Bento Domingos, professor do Instituto de Estudos Eclesiásticos e Psicologia Aplicada, assinalando que a contestação «aparece vulgarmente como solução ideal para a solução dos mais diferentes problemas e dizendo da necessidade de todos se interessarem por um mundo radicalmente novo».

Seguiu-se uma reunião de mesa-redonda, sob o tema «A crise da fé, na qual intervieram D. António Ferreira Gomes, bispo do Porto, co-

mo pensador e educador da fé; dr. Oscar Lopes, representante do Humanismo não Cristão; D. Luísa de Castro Cortes de Brito, pelo Apostolado Juvenil; rev. dr. Luís Moita, como teólogo, e rev. Teixeira Fernandes, como sociólogo; e os pastores metodistas Alberto Aspey, representante da Denominação Metodista, e Irineu Cunha, representante das outras denominações cristãs. Serviram de moderadores os revs. drs. Anselmo Borges e Agostinho Rodrigues.

Quem fez uma promessa fez um negócio por contrato
— disse bispo do Porto a propósito de Fátima

Nos trabalhos desta manhã, a sr.ª dr.ª Maria Santa Clara Gomes, falou sobre «Contestação e Fé Adulta», desenvolvendo o seguinte sumário: «Introdução — Perspectiva em que me situo; Relação a estabelecer entre uma contestação «adulta», informada pelas características próprias da maturidade e a fé do cristão adulto».

Na sessão que decorreu durante a tarde, o sr. D. António Ferreira Gomes, falando sobre «Contestação e Futuro da Igreja», desenvolveu amplamente o importante e flagrantemente tema; a sr.ª D. Luísa de Castro Cortes de Brito, chamou a atenção para a «Problemática da Juventude», que — disse — tem agora «mais tempo para pensar e se inserir no processo histórico», denotando uma «hipersensibilidade contra os condicionamentos alienantes das sociedades tradicionais; o pastor Alberto Aspey enunciou os seus pontos de vista e começou por elogiar o «ambiente aberto em que se encontrava, onde «mesmo um bispo pode falar à vontade».

Interrogando, o pastor Irineu Cunha, do Conselho Eclesiástico da Reconciliação, mostrou-se convicto de que a «salvação da Igreja no nos-

so tempo se revelava por um desejo de revisão actualizada. Muita fé — disse — encontra-se em crise por estar a ser desmitizada. A ciência desencadeou novas disciplinas teológicas. Até onde aceitar a desmitização?».

O bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes leu o extracto de uma carta que lhe dirigiu o dr. Oscar Lopes, manifestando o desejo de «descobrir o melhor de mim

no melhor catolicismo de hoje».

«Na rejeição de Fátima ainda há muito de culto mágico — disse depois o prelado para concretizar certas características da fé popular.

«Trata-se — acrescentou — de uma religião utilitária. Com a piedade do nosso povo isto não é religião nenhuma. Quem faz uma promessa fez um negócio por contrato».

FINALMENTE!...

A obra fundamental de **JOSEPH LOSEY**



**DIRK BOGARDE
SARAH MILES
JAMES FOX
WENDY CRAIG**

EM:

O CRIADO

(«THE SERVANT»)
PROD. E REAL.: JOSEPH LOSEY
ESCRITO POR: HAROLD PINTER
UM EXCL. RIVUS

MAIORES 17 ANOS

PELA SUA TEMÁTICA, PELA SUA ALTA QUALIDADE CINEMATOGRAFICA, ESTE FILME FOI SELECIONADO PARA A INAUGURAÇÃO DA ÉPOCA 70/71 DOS CINEMAS S. LUIZ E ALVALADE

HOJE ESTREIA

21.30 H.

SÃO LUIZ

HO

21.45 H.

ALVALADE

de grande classe

GRANDE NOVIDADE

— A Sunbeam International G-9, com o novo motor «synchro-magnético» para corrente 110/220 V., extremamente suave, e a mais moderna das máquinas eléctricas de barbear.

É a grande experiência mundial da Sunbeam que oferece uma máquina eléctrica de barbear por um preço tão aporrecional.

Agente exclusivo AZEVEDO & DUARTE, LDA.
Rua de Castro, 75-76 - LISBOA

Coeducação — tema em debate

DEPOEM: DR.^a DULCE REBELO, M. ARIA CAMILA MALHAVALS BICA,
DR.^a MARIA EMÍLIA CASTRO, DR.^a MARIA JOANA MARTINS,
DR. ROGÉRIO FERREIRA MARTINS E DR. RUI GRÁCIO

Levantar o problema da coeducação é falar do problema da educação, ou melhor de um determinado tipo de educação que, reflectindo toda uma ideologia e uma estrutura económica-social, recusou considerar a mulher como verdadeiramente igual ao homem, tanto na criação dos bens materiais como na busca dos bens espirituais.

Depois do período pré-histórico, em que a mulher participava na produção ao lado do homem, segundo uma divisão sexual de trabalho, a limitação das tarefas femininas ao âmbito do lar e dos filhos, tornou-se uma constante histórica, cuja causa e efeito eram simultaneamente o afastamento sistemático da mulher do trabalho social. Daqui a divergência das teorias pedagógicas, aplicadas aos dois sexos, daí a diferença de orientação entre educação feminina e educação masculina.

A ideia platónica de uma República em que homens e mulheres desempenhassem um papel idêntico e fossem coeducados, permanece isolada até ao séc. XVIII.

O cristianismo, apesar da exaltação dos valores da pessoa humana aceita e divulga o preconceito segundo o qual as funções exteriores eram reservadas ao homem e as funções interiores, dentro do grupo familiar, competiam, por natureza, à mulher.

Voz de Fénelon e a de Madame de Maintenon ao por em causa a missão tradicional da mulher, são abafadas pela caricatura das relações entre os dois sexos, que o teatro de Molière desenha ao sabor do senso comum da época. Um pedagogo tão inovador como Rousseau revela-se em relação à educação feminina de uma mediocridade conservadora e confrangedora: Sofia é a antítese de Emília, porque «a virtude das mulheres reside na sua docilidade e na sua ignorância... O seu destino é agradar e serem submetidas... Serva do marido, a mulher deve ser preparada para as tarefas domésticas. Mãe e ama de leite, deve ser mantida no sentimento de que só o amor e a maternidade a podem tornar feliz...» Só com os materialistas franceses, a mulher começa a ganhar a sua dimen-

são humana: «as mulheres são como os homens seres racionais e capazes de colaborar, pelas suas iniciativas inteligentes na melhoria da sociedade e da espécie... A sua inteligência é idêntica à do homem; portanto, é necessário instruí-la do mesmo modo. Longe de a limitar nas suas funções de mãe e de esposa, uma cultura intelectual válida torná-la-á mais apta para conviver com o marido e educar os filhos no amor da verdade e no dever-tamento público», dizia Condorcet, porta-voz de uma intelectualidade revolucionária, que, no en-

tanto, advogava o acesso da mulher à cultura não por ela própria, mas visando a melhoria da sua relação com o homem e com a prole. No início do século XIX, o jornal das mulheres, de Fanny Richomme, no seu primeiro artigo, «Progreso da Instrução nas mulheres», retomava a fórmula: Nas-cida num século de verdade, a mulher instrui-se e esclarece-se, compenetrando-se dos seus deveres sagrados de esposa e mãe». Mas precisamente,

Cont. na pág. central



Caixeiros — decisões dos tribunais arbitrais

A classe dos caixeiros de Lisboa foi informada, pela direcção do Sindicato respectivo, das decisões dos Tribunais Arbitrais relativos a novos contratos colectivos de trabalho para o pessoal dos ramos de Tecidos, Sapatarias, Camisaria e Malhas, Vestuário de Senhora e Luvária.

Alguns dos pontos em debate era a semana das 44 horas, subsídio de férias, subsídio de Natal e vencimentos. As decisões em relação aos pontos referidos foram as seguintes:

Semana das 44 horas — Em todos os contratos, a semana de trabalho foi reduzida de 48 para 44

horas. Em relação aos Grémios de Sapatarias, Vestuário de Senhora e Luvária foram aprovadas as propostas da antiga direcção do Sindicato: encerramento ao sábado às 13 horas, excepto no sábado anterior ao Natal e no sábado anterior ao Ano Novo e à Páscoa, em que os estabelecimentos encerrarão às 19 horas.

No caso de Tecidos e Camisaria e Malhas: encerramento às treze horas de sábado de 1 de Abril a 1 de Setembro (inclusive) e encerramento à segunda-feira de manhã nos meses de Outubro a Março.

Subsídio de Férias — Todos os tribunais concordaram com a proposta do Sindicato, excepto no que diz respeito ao ramo de tecidos: «A todos os empregados será dada uma importância no valor de 25 por cento, 50 por cento, 75 por cento e 100 por cento, conforme o escalão de férias a que têm direito. No Grémio de Tecidos foi alterada a proposta dos sindicatos, ficando:

«Subsídio de férias correspondente a 50 por cento, 75 por cento e 100 por cento do vencimento relativo ao período de férias, conforme o profissional tiver menos de dois, entre os dois e os

dez e mais anos de antiguidade...»

Subsídio de Natal — Outro ponto era o subsídio de Natal. Todos os tribunais alteraram a proposta do Sindicato.

Para os Tecidos, Sapatarias e Artigos de Vestuário de Senhora ficou estabelecido:

«Os empregados que tenham prestado bom e efectivo serviço, terão direito a receber na véspera de Natal um subsídio correspondente às seguintes importâncias:

- 50 por cento do ordenado até 2 anos de serviço.
- 75 por cento do ordenado de 2 a 10 anos.
- 100 por cento do or-

denado acima de 10 anos.

No Grémio de Camisarias e Malhas, a conquista dos caixeiros foi um pouco maior: subsídios de 50 por cento do ordenado até dois anos, de 75 por cento de 2 a 5 anos; de 100 por cento com mais de 5 anos.

Vencimentos

Quanto aos vencimentos, os melhores salários surgiram em Tecidos, seguindo-se Camisaria e Malhas. Houve uma tendência para a constituição de mais de dois es-

Cont. na pág. 4

O novo regime de doutoramento em Portugal

Três jovens professores portugueses doutorados em Universidades estrangeiras pronunciaram-se sobre o diploma que instituiu um novo regime de doutoramento, suas limitações e perspectivas.

(Pág. 3)

Os portugueses perante a integração europeia

Apesar da importância do problema, parece que a integração económica europeia não é tema que suscite o interesse das gentes do povo. «Ao acaso da rua», ouvimos a opinião de várias pessoas acerca desta questão.

(Pág. 5)

Para um conceito de opinião pública

Artigo de João Perestrelo

(Pág. 5)

Cooperativismo agrícola

Problemas do cooperativismo agrícola no Norte do País, seu presente e futuro, abordados numa entrevista com o director da Cooperativa Agrícola de Lafões, dr. António Bica.

(Pág. 12)

MESA REDONDA

Pessoal

Na alínea g) do seu relatório e contas respeitante ao exercício de 1960, a direcção da Cooperativa Agrícola de Lafões refere-se ao pessoal que a serve nos seguintes termos:

«Como já é hábito não queremos deixar de referir neste relatório as pessoas que trabalham na Cooperativa. A vida diária da Cooperativa está nas suas mãos. Os empregados são, ao fim e ao cabo, a sua organização e a sua dinâmica. É claro que se não pode dizer que sejam perfeitos nem que valham todos o mesmo. Há empregados melhores e piores, mas a verdade é que na sua maioria são trabalhadores interessados na vida da Cooperativa, desejosos de que ela cresça e crie prestígio e com vontade de apoiar as linhas de trabalho da direcção.

Nem por isso o pessoal deixou de ser reivindicativo, de exigir melhoria de ordenado e de condições de trabalho. Mas será isso defeito? Nós cremos que não. É justo que aquele que é obreiro do progresso da Cooperativa beneficie desse progresso.

Em resumo, a direcção procura a colaboração dos empregados para decidir sobre a organização do trabalho e os empregados esforçam-se, de um modo geral, por alcançar os objectivos que em conjunto com a direcção escolheram ou aceitaram como melhores.

Perguntarão os associados: e os empregados que se revelam deficientes, ou maus?

Esses tem a Cooperativa que eliminar. Desejável seria manter um serviço de aperfeiçoamento e recuperação de pessoal, mas a verdade é que isso é um serviço que compete ao Estado e não à Cooperativa.»



Subida

O aumento do custo de vida persiste. Em 1969 entre nós, a média anual do índice geral dos preços para o consumidor registou acréscimos de 10,2% no Porto, 8,8% em Lisboa e 8,2% em Coimbra. Em relação a este ano de 1970, sobretudo nas cidades de Lisboa e Évora, continua, em ritmo acelerado, a verificar-se o aumento contínuo de preços, quer no índice geral quer no de alimentação.

Portugal acompanha assim a tendência geral da subida dos preços dos produtos de consumo.

ASSIM VAMOS NÓS

Esta subida, que atinge, de maneira incistiva a zona da O. C. D. E., é a mais pronunciada que se conhece depois da guerra da Coreia, motivando que, na maior parte dos países, os produtos de consumo se elevassem, pelo menos, a 5%, o que representa mais do dobro da taxa média observada no início dos anos 60.

Despedimentos

Uma acção conjunta dos Sindicatos de Empregados de Escritório, Caixeiros, Telefonistas e Porteiros foi aprovada pelas direcções dos sindicatos, a propósito de despedimentos sem justa causa antes da entrada em vigor do acordo colectivo da Casa Grandella. Um documento a apresentar ao dr. Silva Pinto, comunicando a situação e pedindo a sua intervenção junto da empresa, está a ser elaborado pelo Sindicato dos Empregados de Escritório para posterior aprovação conjunta. As direcções sindicais reconheceram nas conversações prévias que, enquanto se mantiver a actual legislação (possibilidade indiscriminada de despedimento sem justa causa, antes de os novos acordos e contratos colectivos entrarem em vigor), não é possível uma acção eficiente por parte dos sindicatos neste campo. Os despedimentos têm surgido com maior incidência entre os empregados de escritório e caixeiros, os principais beneficiados do novo acordo.

A questão vai generalizar-se com a entrada em vigor do novo contrato colectivo de tecidos e camisaria e malhas que criará condições para despedimentos em massa. Nestes sectores, ao contrário do que recomenda a O. I. T., os empregados com dezenas de anos de serviço, ao mudarem de empresa, perdem todas as regalias obtidas pelo tempo de trabalho, o que é uma porta aberta a uma «política de despedimento», por parte da entidade patronal.

A entrega do documento com a presença das diversas direcções sindicais junto do dr. Silva Pinto é esperada com ansiedade pelos trabalhadores de várias empresas.

Advertência

Escreve-se na página de Economia e Finanças do «Diário de Notícias» de 15 do corrente:

«Não pode deixar de reconhecer-se que, pelo menos até esta altura, as realidades ficaram muito aquém das esperanças suscitadas pela última Lei de Meios, em cujo relatório se declarava: «Impõe-se que no próximo ano se desenvolva um esforço muito considerável em matéria de investimento, para que as metas fixadas no III Plano não fiquem comprometidas.»

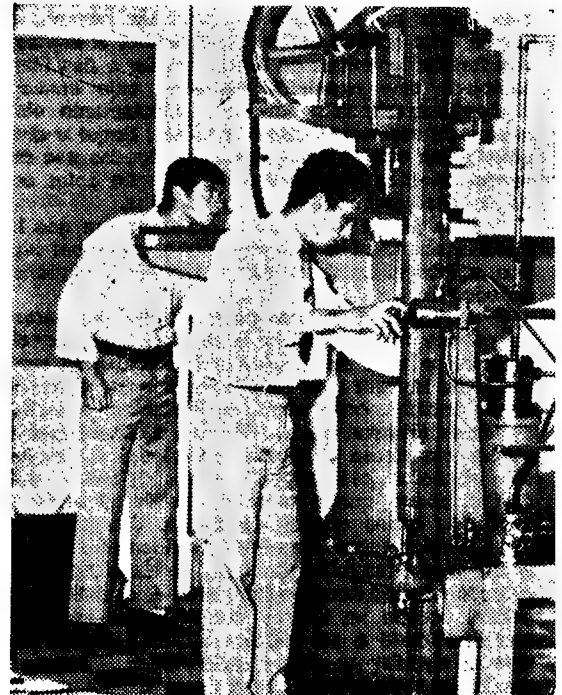
«Esta actualização, um tanto tardia da política económico-financeira nacional, encontra-se esboçada na Lei de Meios para 1970, documento

recebido com grande interesse. Ai se consignava, com particular ênfase, uma acção com vista a dinamizar o investimento, através de incentivos fiscais, do aperfeiçoamento do mercado financeiro, da informação e apoio a investidores nacionais e estrangeiros, e de uma participação mais activa do Estado na formação de capital.

«A cerca de dois meses do aparecimento de uma nova Lei de Meios, em que estado de execução se encontram estas orientações?»

E adverte-se logo em seguida:

«No entanto, ainda não se verificou a tão desejada e necessária dinamização do investimento — e Portugal está entre os países da O. C. D. E. que menor proporção dos seus recursos dedicam à formação de capital, o que não é animador, numa economia que se pretende em vias de desenvolvimento.»



Herdeiros

Segundo um inquérito, que serviu de base a um estudo do Centro de Economia e Finanças do Instituto Gulbenkian de Ciência, 1/3 (35%) da «elite» industrial portuguesa é constituída por «herdeiros». Assim, destes 52% herdaram as empresas fundadas pelos pais, 19% são herdeiros em segunda ou terceira geração e 29% dirigem empresas fundadas por sogros, irmãos ou tios.

Quanto ao nível de instrução desta «elite», no que se relaciona com o sector de «herdeiros» com instrução universitária ou superior é de 50% nas empresas de menor dimensão e de 47% nas empresas maiores, sendo de salientar que o curso de engenharia ocupa o primeiro grau de preferência. No entanto, nos herdeiros das gerações mais novas nota-se uma inclinação evidente pelo curso de Economia, de programa mais orientado para as actividades empresariais.

ASSIM VAI MUNDO

Subsídio de maternidade

As organizações sindicais francesas assinaram em conjunto com o Conselho Nacional do Patronato Francês (C. N. P. F.) e com pequenas e médias empresas, no passado dia 2 de Julho, um acordo relativo ao aumento do subsídio de maternidade.

Até aqui, as trabalhadoras que deixavam a empresa durante as 14 semanas, correspondentes às férias de maternidade, tinham direito apenas a 50 por cento do salário base. Como resultado da insuficiência deste subsídio, verificava-se que, pressionadas pela falta de recursos financeiros, não gozavam a totalidade da licença. A Confederação Francesa Democrática do Trabalho (C. F. D. T.) considerando esta situação insustentável, reivindicou o estabelecimento do subsídio em 90 por cento do salário-base, mas considera urgente a criação de um estatuto único que garanta a conservação integral da remuneração da trabalhadora grávida. Esta prestação suplementar agora verificada fica a cargo das Caixas de Segurança Social e de uma contribuição de 20 por cento a prestar pelas entidades patronais.

No entanto, este acordo só pode entrar em vigor se os poderes públicos o aceitarem e tomarem disposições no sentido da sua concretização antes de 1 de Janeiro de 1971.



Consequência

O tratado de cooperação entre a Alemanha Federal e a União Soviética aproveitará a Brã-Bretanha, afirma Jean Daniel, e explica porque. O tratado obrigará a França a praticar uma política de equilíbrio, aproximando-se da Grã-Bretanha e facilitando-lhe o que até aqui lhe dificultava: a entrada no Mercado Comum.

Contradições

Otto Wolf von Amerongen, porta-voz da Câmara Alemã do Comércio e da Indústria, a propósito do referido tratado: «É muito agradável poder contar com contratos fixos, independentes da nossa própria conjuntura económica.»

Diante da probabilidade de um marasmo prolongado da economia americana, luz ao patronato alemão a perspectiva do mercado soviético.

Tornam-se mais visíveis as contradições entre o capitalismo europeu e o americano.

Investigação

O orçamento da Holanda (13 milhões de habitantes e 40 mil km² de superfície) para investigação científica, durante o ano corrente, eleva-se a quatro biliões e 100 milhões de florins (cerca de 32 milhões de contos). Desta importância dois biliões e 600 milhões de florins são despendidos directamente pelo Governo e um bilião e quinhentos milhões pela actividade privada (comércio e indústria). Tal verba equivale a 2,4% da renda nacional bruta. Pensa-se que a repartição destas verbas será feita em partes iguais entre as Universidades holandesas e instituições não-universitárias: fundações agrícolas, instituições de investigação no domínio da Ciência Pura e Aplicada, Laboratório Nacional de Aeronáutica, etc.

O novo regime de doutoramento

O decreto-lei, publicado em Abril, que veio alterar as normas de doutoramento parece abrir perspectivas mais optimistas para o ensino em Portugal, sobretudo pelo acesso à cátedra e à investigação superior de pessoas que, normalmente, têm de partir para o estrangeiro à procura de adequadas condições de trabalho. Acresce ainda que passam a ser reconhecidos em Portugal os dou-

toramentos em certas Universidades de outros países, acabando-se em parte com o incongruente sistema anterior.

Mas estarão todos os problemas resolvidos? Achámos oportuno ouvir, a este propósito, três jovens portugueses há pouco doutorados em França e na Grã-Bretanha.

Que pensa do novo decreto sobre doutoramentos?

Dr. José Lopes da Silva:
Modificações apreciáveis

O recente decreto-lei que regula as provas de doutoramento, insere-se no conjunto de reformas que, desde o início deste ano, têm sido levadas a cabo pelo Ministério da Educação Nacional. Ele introduz modificações apreciáveis no sistema de provas vigente. Destaco por exemplo a alteração importante no que respeita aos famigerados «pontos», pois até aqui qualquer candidato era obrigado a dispersar-se no estudo de grande variedade de matérias, a maior parte delas sem ligação ne-

da prova complementar como acontece agora em França.

Dr.^a Gabriela Lopes da Silva:
Actualização e melhoramento

O presente decreto constitui mais um passo em frente para a actualização e melhoramento do nível do ensino Universitário em Portugal. O sistema de provas anterior era absolutamente obsoleto não só pelo seu carácter enciclopédico que é contrário à especialização exigida pela Ciência e Técnica actuais como pela pretensão de que os trabalhos realizados para a preparação da tese não fossem publicados até à apresentação desta. Isso dava origem a que o candidato vivesse em sobressalto com medo que outro investigador

brevidade exigida (convocação para uma reunião, a realizar numa segunda-feira, recebida no sábado, devendo as conclusões serem entregues no M. E. N. na terça ou quarta-feira...). O tempo não permitiu fazer mais do que algumas alterações ao decreto proposto que nos foi lido, pela primeira vez, durante a reunião. Penso que a desorganização deve provir da falta de hábito pelo que é remediável.

Dr. Jorge Gonçalves Calado:

Um grande progresso

Não se pode negar que o novo decreto sobre doutoramentos representa um grande progresso ao antigo regime. Em primeiro lugar, porque se define como sua finalidade específica a averiguação da capacidade para a investigação

doutorando a ser classificado, quando não a ser interrogado, por pessoas de reconhecida incompetência no domínio em questão. Basta lembrar que até aqui a maior parte dos membros do júri era constituída por professores em todo alheios à especialidade. Como é que, em sua consciência, estas pessoas se permitiam ter voz activa na decisão é que eu não sei. O júri agora é constituído por especialistas nacionais ou estrangeiros, e esta última circunstância parece-me ser também louvável. Discordo, no entanto, da diferenciação de classificações — aprovado com distinção ou aprovado com distinção e louvor — embora reconheça que, mesmo — embora recente — fórmula representa um progresso em relação ao sistema arcaico de 16-20. Também me parece desnecessária a discussão, prevista em certos casos, de um projecto de investigação apresentado pelo candidato dentro das matérias do grupo de disciplinas a que se submete para doutoramento. E, afinal, uma duplicação da finalidade essencial da tese. Mas isto são questões secundárias, que não invalidam o que há de bom e actualizante no novo sistema.

Claro que os defeitos que apontei, e outros, não eram ignorados por ninguém. Todos sabiam, mas ninguém fazia nada. E, a par disso, havia a orgulhosa estupidez de não se reconhecerem os doutoramentos feitos no estrangeiro, mesmo daqueles enviados pelo Estado Português, através dos seus Ministérios e departamentos, para Universidades e centros de reconhecido prestígio. Isto também acabou, felizmente.

Muito do que fica dito explica, é claro, o baixíssimo número de doutoramentos realizados nas Universidades portuguesas, uma média anual de 21 nos últimos dez anos. Mas não nos enganemos. Mesmo este número é optimista e não traduz a realidade. E se vejamos. Quantos destes serão doutoramentos genuínos em Portugal? Quantos não serão mais do que traduções apressadas de teses feitas em Universidades estrangeiras, com equipamento estrangeiro, com professores estrangeiros, infra-estruturas estrangeiras? Longe de mim enjugar o que vem do estrangeiro. Nada de confusões. No fundo, trabalhamos todos para o mesmo monte, e o mundo já começa a ser pequeno, como o era na Idade Média, para estes baírrismos nacionalistas. O que quero dizer é que os doutoramentos em Portugal eram praticamente inexistentes.

Um outro ponto que gostaria de levantar diz respeito mais à deontologia do título. Julgo que é preciso convencer as pessoas de que isto de ser Doutor não tem nada de transcendente ou carismático. É-se doutor como se podia ser outra coisa qualquer. Eu ensino e invisto porque gosto. Nada mais. Aliás, está ainda muito espalhada a ideia de que fazer investigação ou ensinar numa Universidade é uma carreira de «élite», destinada a privilegiados ou a carolas. Acho que devemos fazer o possível por abolir estas vaidades; de contrário, com a mania dos títulos e salamaques que por cá há, em breve teremos mais outra casta de pes-

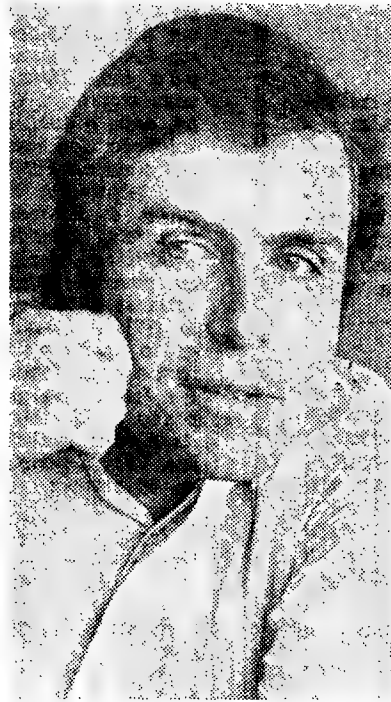
Cont. na pág. 8



Dr. José Lopes da Silva



Dr.^a Gabriela Lopes da Silva



Dr. Jorge Gonçalves Calado

nhuma com o trabalho da tese. O ter-se acabado com os juris compostos por todos os Professores da Escola e mais um certo número de outras Universidades representa igualmente um passo importante de simplificação que em nada prejudica o nível científico das provas. A maior abertura na admissão ao doutoramento e a redução substancial do prazo necessário entre a entrega da tese e a sua defesa (antigamente chegava a ser superior a um ano) constituem outros aspectos positivos. Finalmente acentuo ainda que, pelo novo diploma, a prova fundamental passou a ser a discussão da dissertação e portanto a análise do trabalho científico do candidato ao longo de vários anos e não a aptidão, sobretudo física, que ele tenha para preparar, num intervalo de tempo reduzido, vários pontos sobre assunto completamente distintos. Espera-se que este espírito renovador do decreto seja efectivamente aplicado e que conduza a uma renovação dos costumes. Há ainda certos aspectos em que se poderia simplificar com vantagem, como por exemplo, a eliminação do carácter obrigatório

publicasse o mesmo trabalho tirando-lhe assim a possibilidade de o apresentar por perda de originalidade. Por outro lado, a redução do júri que preside às provas de doutoramento está mais conforme a nossa época, até porque, de um modo geral, o número de pessoas dentro do assunto relacionado com a tese não é elevado e, portanto, um doutoramento representava uma perda de tempo para a maioria dos professores que a ele eram obrigados a assistir.

Tendo em vista a evolução do Ensino e da Investigação em todo o Mundo, é de esperar que o presente decreto perca actualidade muito mais rapidamente que o anterior. Em França, por exemplo, já se consideram hoje as provas de doutoramento ultrapassadas embora tenham sido reduzidas à discussão da tese podendo esta ser constituída pelo conjunto dos trabalhos publicados precedido de uma introdução e seguido de uma conclusão.

A maior inovação introduzida por este decreto foi a consulta prévia ao corpo docente universitário. Esta atitude louvável não resultou no entanto, na prática, pela

científica e do espírito criador e crítico do candidato. Até aqui parecia que o que interessava era avaliar a resistência física e psicológica do doutorando, pretendendo-se, afinal, que ele soubesse nada de tudo. Em relação à verdadeira finalidade do doutoramento, eu acrescentaria, no entanto, uma restrição: avalla-se, sim, da capacidade criadora e de investigação, mas quando sujeita a orientação qualificada. Isto parece-me muito importante, e talvez valha a pena retomar o assunto mais adiante. Mas, voltando às vantagens do actual regime: em segundo lugar, parece-me ser de destacar o estabelecimento da apresentação e defesa de tese ou dissertação original como prova fundamental do acto, e não o «show», mais ou menos circense, das qualidades de oratória, com elogios vácuos ou insultos à mistura, a que estávamos habituados. A instituição da defesa da tese como prova fulcral do doutoramento decorre, aliás, naturalmente do enunciado das suas finalidades. Em terceiro lugar, parece-me de saudar o fim do espectáculo, que consistia em ver o

CAIXEIROS — MELHORIAS

Cont. da pág. 1

calções, o que cria condições para a multiplicação de diversas irregularidades, pela difícil definição

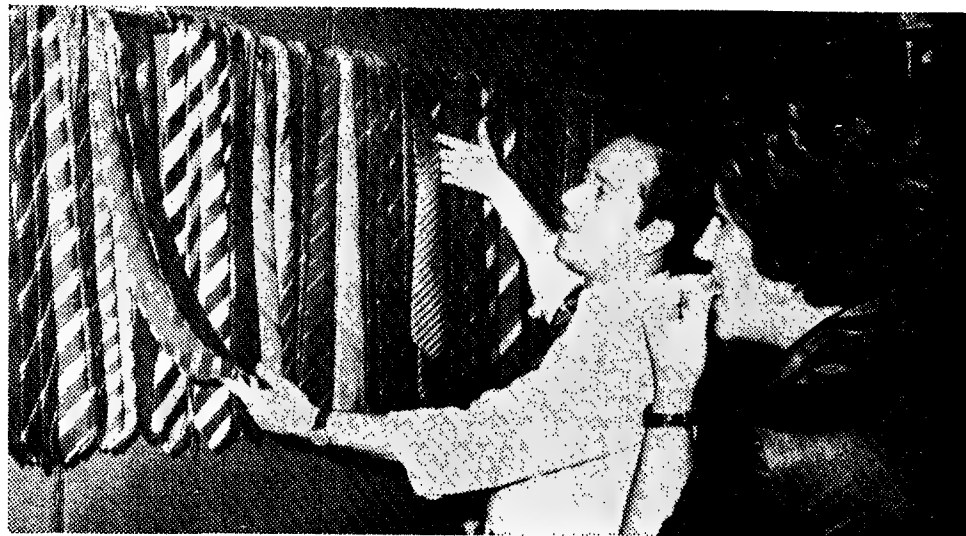
do escalão a que pertence cada empresa.

Os novos salários decididos foram os seguintes, de acordo com os respectivos grêmios:

Tecidos

As remunerações mínimas devidas aos profissionais passam a ser as seguintes:

CATEGORIAS	ESTABELECIMENTOS				
	1.ª	2.ª	3.ª	4.ª	5.ª
1.º Caixeiro	5000\$00	4500\$00	4000\$00	3800\$00	3500\$00
2.º Caixeiro	4700\$00	4200\$00	3750\$00	3600\$00	3350\$00
3.º Caixeiro	4400\$00	3900\$00	3500\$00	3400\$00	3200\$00
Caixeiro Ajudante	4000\$00	3500\$00	3150\$00	3100\$00	3000\$00
Praticante do 3.º e do 4.º ano	3500\$00	3000\$00	2750\$00	2700\$00	2650\$00
Praticante do 2.º ano	3000\$00	2500\$00	2350\$00	2300\$00	2250\$00
Praticante do 1.º ano	2000\$00	1500\$00	1350\$00	1300\$00	1250\$00
Caixa	4000\$00	3500\$00	3250\$00	3100\$00	3000\$00
Distribuidor-Moço (2.º ano) ...	4100\$00	3600\$00	3350\$00	3200\$00	3100\$00
Distribuidor-Moço (1.º ano) ...	3900\$00	3400\$00	3150\$00	3100\$00	2900\$00



Consideram-se de primeira, segunda, terceira, quarta e quinta categorias as empresas com rendimentos colectáveis respectivamente superior a 200 contos, entre 100 e 200 contos, de 60 a 100 contos, de 20 a 60 e inferior a 20 contos.

Camisaria e Malha

As remunerações mínimas devidas aos profissionais abrangidos constam da tabela seguinte:

Categorias profissionais	Estabelecimentos	
	1.ª	2.ª
1.º Caixeiro	4200\$00	3950\$00
2.º Caixeiro	3900\$00	3600\$00
3.º Caixeiro	3400\$00	3000\$00
Caixeiro ajudante	2900\$00	2500\$00
Praticantes 3.º e 4.º anos	2200\$00	1800\$00
Praticante 2.º ano	1700\$00	1400\$00
Praticante 1.º ano	1400\$00	1200\$00
Caixa	2900\$00	2500\$00
Distribuidor	2400\$00	2000\$00

Tem interesse mostrar o número de casas consideradas de primeira e segunda categoria.

1.ª categoria (rendimento colectável superior a 120 contos): foram abrangidas nesta categoria 78 empresas.

2.ª categoria (rendimentos colectáveis inferiores a 120 contos): foram abrangidas 209 empresas.

Vestuário de Senhora e Luvária

A decisão deste tribunal arbitral foi assim redigida:

«As remunerações mínimas devidas aos profissionais abrangidos pelo presente contrato colectivo de trabalho são as que constam da tabela seguinte:

Categorias	Empresas		
	1.ª	2.ª	3.ª
1.º Caixeiro	4500\$00	4100\$00	3700\$00
2.º Caixeiro	4000\$00	3600\$00	3300\$00
3.º Caixeiro	3400\$00	3100\$00	3000\$00
Caixeiro ajudante	2900\$00	2600\$00	2500\$00
Praticantes 3.º e 4.º anos	2200\$00	1800\$00	1500\$00
Praticante 1.º ano	1300\$00	1100\$00	1000\$00
Caixa: 3.º ano	2900\$00	2600\$00	2300\$00
até 2 anos	2500\$00	2200\$00	2100\$00

Sapataria

Dividiram-se as empresas em duas categorias:

até três empregados e com três ou mais empregados:

Profissões	ESTABELECIMENTOS		
	Até 3 emp.	Três ou mais	
1.º Caixeiro	3500\$00	3750\$00	
2.º Caixeiro	2900\$00	3100\$00	
3.º Caixeiro	2400\$00	2800\$00	
Caixeiro ajudante	2100\$00	2500\$00	
Praticante 1.º Ano	700\$00	900\$00	
Praticante 2.º Ano	900\$00	1100\$00	
Praticantes 3.º-4.º Ano	1100\$00	1500\$00	
Caixa	1600\$00	2000\$00	
Distribuidor		1800\$00	

Participação — a via que leva ao controle da empresa?

Alguns dos modelos teóricos com que pretende estudar a realidade satisfazem a ideia de justiça social a longo prazo de alguns economistas católicos. «Empresa», órgão da UCIDT (União Católica dos Industriais e Dirigentes de Trabalho), traz no seu último número um artigo, assinado por Fernandez Romero, que nos permite antever o dia em que os trabalhadores tomarão uma posição maioritária nas suas empresas. O tempo, após o qual, a participação dos trabalhadores no capital social será superior a 50 por cento é teoricamente reduzido, quando os benefícios destinados ao pessoal sejam superiores a 50 por cento (!!!). A fórmula para o cálculo desse tempo mete logaritmos em função da participação e da rentabilidade dos trabalhadores. Vale a pena isolá-la do estudo:

$$t = \frac{\log 2 p - \log (2 p - 1)}{\log (1 + r)}$$

p = grande participação
r = rentabilidade da empresa.

Um exemplo: Se os benefícios forem de 60 por cento e a rentabilidade de 30 por cento, os trabalhadores controlarão a empresa ao fim de 6,9 anos. Podemos ficar todos muito mais descansados.

dos porque, através da via participação, o problema ficará solucionado. No final do estudo, Romero aconselha aos empresários:

«O capitalista que deseja deixar o «controle» da sociedade ao seu pessoal, pode contar com a colaboração deste: quanto maior for a rentabilidade anual maior será o lucro de todos, todavia, antes passará o «controle» da empresa para as mãos do pessoal.»

COMPENSAÇÃO

Enquanto não surtem as primeiras empresas controladas pelos trabalhadores, «Empresa» dá-nos um «dossier» exemplar sobre participação.

Nun outro artigo, o eng. António Pessoa Monteiro escreve sobre as vantagens do sistema francês:

«A solução adoptada em França é bastante atraente porque a participação dos trabalhadores nos resultados da empresa é efectiva sem qualquer sacrifício da participação dos empresários: a participação é assegurada pelo sacrifício da participação do Estado, que deduz a participação dos trabalhadores nos impostos a pagar pela empresa.

Claro que haverá sempre empresários que receiam que esta participação, a cabo, em última análise, por obrigar a elevar a taxa de imposto, e traduzir-se efectivamente por uma participação com sacrifício dos empresários. Mas, na realidade, o que se procura com este sistema, e que se pensa que se virá a verificar, é que a receita do Estado aumente, mantendo-se a taxa de imposto. Com efeito, a participação só se verifica em relação

ao remanescente dos lucros, depois de retirada a remuneração legítima do capital próprio e das reservas; remuneração que está fixada em 5 por cento para este efeito. Ora sucede que a maior parte das empresas está longe de conseguir essa remuneração ao seu capital; e o estímulo da participação, compensará largamente a dedução nos impostos.»

No mesmo «dossier», o trabalhador António Cerejo adverte em seguida que «a participação só poderá ter valor se significar que duas entidades «tomam» parte e não que uma dá e a outra recebe» e que a «participação terá de afastar, definitivamente, o paternalismo e deverá reconhecer o facto sindical.»

ALEMANHA E FRANÇA

Analisando a situação na Alemanha, «Empresa» refere a posição da D. G. B. (principal confederação sindical alemã).

Em Março de 1968 a confederação tornou público um projecto visando tornar extensiva a participação denominada «co-gestão qualificada» a 400 empresas que no seu conjunto representavam 70 por cento do montante de negócios da indústria e ocupando 50 por cento dos efectivos industriais. O S. P. D., partido alemão no poder, apoia esta exigência.

A revista «Empresa» refere finalmente a reacção dos sindicatos franceses contra a participação referindo que «os parceiros se limitam a declarações ideológicas ou conflitos verbais em vez de definir uma doutrina eficaz e de bom senso.»

A participação em Portugal tomará certamente outras perspectivas. Pelo menos assim pensa o eng. Pessoa Monteiro: «O sistema adoptado em França relativamente à participação dos trabalhadores é bastante engenhoso para o fim em vista e parece oportuno tentarmos trilhar caminho semelhante.»

ANO EM QUE AS PARTICIPAÇÕES DO PESSOAL E DOS PROPRIETARIOS SE IGUALAM PARA DIFERENTES TIPOS DE INTERESSE E NUMA PROPORÇÃO DETERMINADA DA PARTICIPAÇÃO

(1) P/C	50/50	60/40	70/30	80/20	90/10
r					
5%		35,5	24,7	19,4	16,3
10%		18,5	13,0	10,1	8,4
15%		12,8	8,9	7,0	5,8
20%		9,8	6,9	5,4	4,5
25%		8,1	5,6	4,4	3,6
30%		6,9	4,8	3,8	3,1
35%		5,99	4,2	3,3	2,7
40%		5,3	3,7	2,9	2,4

(1) A proporção 60/40 (P/C) indica que o pessoal obtém 60% dos lucros destinados ao autofinanciamento.

SALDOS DE ARTIGOS PARA DECORAÇÃO ESTOFOS, CARPETES E TAPETES

CONTINUAMOS A SALDAR

CARPETES desde 150\$00 — TAPETES desde 15\$00

GRANDE LOTE DE RETALHOS DE TECIDOS desde 20\$00

FINS DE PEÇAS — ARTIGOS SEM DEFEITOS

RAUL NETO, LDA., Praça da Figueira, 18, 2.º (c/ elevador), esquina da Rua da Prata

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL

AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA

VOLKSWAGEN

AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREEIRO) TELEFOS. 727654-727665-713057



Carros e furgonetas
amplas facilidades
de pagamento,
peças legítimas,
estação de serviço
e oficinas

ao acaso
da rua

Os portugueses perante a integração económica europeia

— Posso entrevistá-lo para o «Diário de Lisboa»? Cara alegre, dispara deste modo: «até que enfim que vou aparecer com a minha opinião no jornal.» Toda a gente achava bem, ninguém se incomodava. «Qual é a pergunta?» Aí, os descobertos ao acaso na rua, escondiam-se outra vez na conversa do dia-a-dia. E. F. T. A.? Mercado Comum!? Estes tipos dos jornais estão cada vez mais doidos. Integração europeia!!!

De cara para cara, de leitor para leitor, descobrimos o que já sabíamos: que isto da E. F. T. A. e do Mercado Comum ainda não está bem explicado à população. Que as pessoas ainda sabem muito pouco sobre acordos comunitários, apesar de todos pensarem que nos estamos a integrar na Europa. Pelo menos naquela aragem de liberdade cultural que ela simboliza. O resto? Economia, E. F. T. A., Mercado Comum.

— «Desculpem-me, mas a isso não respondo.»

Duas freiras que, por curiosidade, atacámos no Rossio, acharam que «estas não eram perguntas de cristão». O repórter, a certa altura no meio da cidade, ao interromper a «vida de cada um» sentiu-se abstracção de Kafka. Pensávamos só entrevistar um certo sector. Bem sabíamos que a maioria das pessoas nunca ouviu falar em tal. No entanto, só para experimentar, pusemos o problema a uma vendedora ambulante.

— E. F. T. A., Mercado Comum!!! O homem é doido!

E, no entanto, ela também, posta a questão de outra maneira, pensava ser importante «negociar com os que estão mais perto».

Refugiámo-nos nos jovens. Alguns deles, mostraram ter opiniões próprias.

Na Rua da Misericórdia, encontramos o metalúrgico, Afonso Dias, de Vila Franca de Xira:

— O Mercado Comum e a E.F.T.A. são associações de tipo comercial que pretendem, sob o ponto de vista económico, representar na Europa o que os Estados Unidos representam na América. Simplesmente nos Estados Unidos, obedecem com maior ou menor autonomia às determinações de Washington enquanto que na Europa as coisas não estão centralizadas.

Em síntese, podemos definir o M. C. e a E. F. T. A., como associações comerciais entre países com vista a uma maior



José Contreiras

acessibilidade quanto aos produtos de importação, uma relativa garantia em comercial do melhor modo, os produtos de exportação acrescentando a isto, vanta-



Teresa Silva

gens alfandegárias evidentes.

Apesar de tudo, creio que este tipo de associações, não visa unicamente o aspecto económico, na essência. Todo este movimento tem no seu íntimo o fortalecimento de relações políticas entre países da Europa, mormente os situados a Oeste.

Creio que Portugal deveria voltar-se tanto quanto possível para a Europa, até porque, nós somos um país europeu «com vocação europeia». E, no aspecto económico, parece-me ser bastante difícil. Portugal comercial em exclusivo com a África, isolando-se da Europa.

Acerca de uma integração na E. F. T. A. ou no M. C. parece-me — olhando bem para dentro, que não é de grande importância neste momento, qualquer decisão desse tipo. Creio eu que antes do mais, e mesmo muito antes de resoluções a nível europeu, se devem procurar soluções para problemas sociais, económicos e políticos de carácter continental e de muito mais urgência.

Que nos importa a E. F. T. A. ou o M. C.?

A esposa, Teresa Jerónimo, antiga funcionária da UNESCO em França (Serviço de Imigração) pretendeu dizer mais alguma coisa:

— Deve acabar-se com o isolamento económico e político do País.

Na Rua Marquês de Sub-serra, o Ilvreiro Joaquim Osório de Castro, afirmou-nos haver uma nova via:

— O que poderá significar uma integração de Portugal na Europa. O problema está em saber até que ponto e em que sentido se pretende caminhar. Fundamentalmente existem duas e grandes potências América e U. R. S. S. e o problema está em sabermos se vamos vender-nos a uns ou aos outros, ou procurarmos um



António dos Reis

modo mais humano de vida. Parece haver três opções. Uma, alinhar com o capital ocidental europeu, outra alinhar com as correntes socialistas a toda a ideologia soviética ou chinesa e uma terceira consiste em alinhar decididamente por uma aventura de formas culturais e uma estruturação política nova.

Teresa Silva, «vive a ajudar os miúdos que estão na rua e a trabalhar com eles».

— Portugal deve integrar-se na Europa.

Encontramos a funcionária pública, Elisa dos Santos, na Rua Castilho que, não sabe muito bem, o que é isso da E.F.T.A.:

— Os meus colegas, também não estão a par disso. Devia saber o que era o Mercado Comum antes de ter opinião. Há uma ignorância impressionante entre os meus colegas de trabalho das relações económicas



Joaquim Osório

de Portugal com as associações de comércio europeu. Em geral, os funcionários públicos, estão absolutamente longe desses problemas. Principalmente os do meu Ministério.

Ainda na Rua Castilho.

Cont. na pág. 9

Para um conceito de «opinião pública»

JOÃO PERESTRELO

Vivemos, sem dúvida, numa época em que a «opinião pública» é considerada a grande senhora que comanda múltiplas decisões dos responsáveis e influi, poderosamente, em muitos dos nossos comportamentos individuais.

Todos citamos a opinião pública, todos — ou quase todos — falamos dela como de uma evidência.

Há no entanto uma realidade de que talvez não nos tenhamos dado conta: há 50 anos ninguém falava na opinião pública e a maioria daqueles que agora nela falam, tratando-a como uma evidência, são incapazes de dizer — fundamentalmente — o que ela é, em concreto.

A opinião pública sugere-nos, como que um fantasma inteiramente abstracto que ameaça impérios e coloca reis no trono.

Tentaremos — sem qualquer aparato crítico ou sequer analítico, que o não comportam umas tantas considerações jornalísticas — sugerir umas quantas noções, que nos levem a formular um conceito aproximado, desse famigerado fantasma que, por tanto dele falarem, certamente existirá.

A relação mantida entre os membros de uma sociedade, depende estruturalmente do uso comum de bens e valores — em partilha ou disputa —. Por exemplo: o território de uma cidade ou nação é partilhado ou disputado pelos vários concidadãos: partilhado, porque todos convivem no mesmo espaço; disputado, porque cada um ocupa os seus espaços e luta (em resposta ao «instinto de propriedade») pela autonomia do seu espaço, do seu domicílio da sua «propriedade».

Há toda uma série de valores e opiniões, cuja partilha ou disputa, estabelece uma rede de interdependências que representam o elemento espiritual da vida de uma sociedade.

A este nível, psíquico ou espiritual, verificamos — independentemente do seu valor intrínseco e objectivo — conceitos e afirmações que são unanimemente aceites pelos membros de

uma sociedade. Esta unanimidade, em coisas de pouca monta como em juízos e opções de mundo, representam um factor comum na «relação real» societária. Há convicções, certezas e mentalidades que se verificam serem comuns a uma sociedade, num grau de unanimidade prática: juízos sobre a história pátria, conceitos de vida e opções práticas são de tal modo comuns aos portugueses, p. ex., que tornam possível considerar como «estrangeiro» aquele que deles divergir notoriamente.

Mas, ao lado destes «valores» comumente aceites, há valores e conceitos que, efectivamente, são discutidos. Pode suceder que os grupos ou indivíduos que os defendem ou atacam, considerem a sua própria posição como dogmática, indiscutível, absolutamente certa e até evidente. Importante, do nosso ponto de vista é, porém, a consideração de um facto: esses valores e conceitos são efectivamente discutidos. Há, quer os partidários ou adversários queiram ou não, uma real divergência de opções. Podem estar em causa os mais profundos valores humanos, sociais ou pátrios: desde que, efectivamente, eles sejam discutidos, subsiste uma entidade social (que pode ser a família, a cidade ou a pátria) em que se mantêm valores ou conceitos não unanimemente aceites.

Assim, o facto religioso, ao nível pessoal e do grupo de crentes (congregados, porventura, em Igreja) assenta, em princípio, numa certeza absoluta ou convicção inabalável; em formações sociais surgidas por motivos não religiosos — na família, na nação, etc. — pode existir o pluralismo religioso, o que significa não unanimidade na aceitação dos valores religiosos.

É neste ponto que nos propomos indicar em que consiste a opinião pública. Não é, de modo algum, um fantasma ou corrente de opiniões que, poderosamente arrasta o comportamento dos indivíduos ou sociedade. É,

sim, o estado, ou melhor, o fenómeno social de divergência nas pessoas ou grupos a respeito de valores e conceitos, independentemente da sua importância, valor e grau de certeza intrínseca.

A opinião pública será pois o «fenómeno de tensão» e, enquanto tal, não conduz nem arrasta a parte alguma. Os conceitos, os valores e opiniões em causa é que poderão impor-se, ou as pessoas e grupos que os defendem impô-los por factores extrínsecos. No momento em que se impuserem ou forem impostos e colherem uma relativa unanimidade — deixando portanto de ser objectos de divergência — precisamente nesse momento deixarão o campo da «opinião» para passarem a fazer parte do «património comum» de uma sociedade (família, grupo ou pátria).

Parece-nos portanto inepto «apelar» para a opinião pública. Esta é um fenómeno social, a compreender como «peça» da vida comum e não uma soma de conhecimentos ou pareceres que, tendo visto a luz da publicidade e vogando no espírito de todos ou quase todos os cidadãos, começaria quase automaticamente a pesar na vida colectiva.

É claro que as opções e conceitos em estado de «opinião pública» poderão ser compartilhados por mais ou menos indivíduos, por grupos mais ou menos fortes, o que permitirá falar de «opiniões» maioritárias ou minoritárias, mas não de «a opinião» como um todo, atitude global da «alma da sociedade».

Serão as opiniões públicas ou, melhor, as diversas «correntes da opinião pública» que terão de ser consideradas ou pesadas pelos que se ocupam da vida pública. As diferentes «correntes», consideradas no seu valor intrínseco e nas forças em que se apoiam, é que interferem na vida social. A opinião pública, como categoria de pensamento, referir-se-á a um fenómeno global, não parecendo que se adapte, adequadamente, a qualquer «corrente», mesmo que maioritária.

Coeducação—debate acerca das va

O conhecimento mútuo por parte dos jovens

Cont. da pág. 1

neste século, com o desenvolvimento da revolução industrial, o proletariado feminino começa a criar problemas de concorrência à mão-de-obra masculina, nomeadamente nos trabalhos manuais que não exigem qualificação. A guerra e a manutenção do capitalismo, em breve, obrigam a um emprego crescente da mão-de-obra e da inteligência femininas. As razões económicas, o progresso das ideias democráticas, a intensificação da acção feminista impõem a revisão da imagem improdutiva da mulher. Qualitativa e quantitativamente, o panorama educativo transforma-se e cada vez um maior número de mulheres força as portas da Universidade. Independentemente de nos períodos de desemprego, se reviverem as tentativas de restrição das oportunidades profissionais e culturais da mulher, o processo é irreversível e mesmo nos países em vias de desenvolvimento a mão-de-obra feminina, dirigida predominantemente para o sector terciário, começa a preencher as lacunas que, no plano da agricultura e da indústria, a força de trabalho masculino só por si não resolve. Daí a necessidade de premente de um ensino técnico e profissional também para a mulher. Daí a assimilação progressiva do ensino feminino ao ensino masculino. Daí, numa palavra, a importância da coeducação.

Em quase todos os países europeus, a coeducação foi, desde muito cedo, uma realidade introduzida pela força das circunstâncias, nos pequenos centros rurais, cujos efectivos escolares não justificavam a existência de duas escolas. Mas a nível oficial, só no final do século XIX a coeducação foi encarada como uma via pedagógica, sendo a Sué-

cia um dos primeiros países europeus em que se aplicou, em 1876, com a fundação da primeira escola mista em Estocolmo, ampliando-se o método, depois de 1904, às «Realschulen» oficiais e às escolas particulares de quase todas as cidades suecas.

Na Noruega, desde 1884 que a coeducação foi observada no ensino superior, atingindo progressivamente os estabelecimentos secundários e primários. Ibsen inovou o método na Finlândia, com a primeira escola mista fundada em 1883 em Helsingfors. Actualmente, a coeducação está totalmente difundida na Inglaterra, na Áustria, na Bélgica, na Itália, em França, etc.

Em Portugal, a coeducação foi, desde 1949, restringida aos estabelecimentos de ensino exclusivamente infantil, e só agora se fala em escolas mistas ao nível de experiências pedagógicas.

Desde 1921 que a Liga Internacional para a Nova Educação, estabelecida, no art.º 6.º, o fim de «... organizar uma colaboração educativa, tanto durante as aulas, como fora delas, que permita a cada sexo exercer livremente sobre o outro uma influência benéfica», fixando, assim, directrizes de acção para uma realidade em que homem e mulher, desenvolvendo-se num clima de diálogo, na consciência assumida da sua complementaridade, se poderiam encarar mutuamente esclarecidos, desinibidos e mais aptos para construir uma vivência positiva a dois no plano da amizade e do amor.

Comunicando desde tenra idade, e de um modo contínuo, os jovens conhecem-se e julgam-se melhor, as suas opções têm menos oportunidade de serem motivadas irracionalmente, a sua realização afectiva processa-se de um modo mais natural. Na

medida em que, na vida, homem e mulher estão associados em quase todas as tarefas e em que o papel social de cada sexo é indispensável para o equilíbrio geral, parece-nos que a coeducação traz uma nova dimensão à educação, pois a considera numa perspectiva dinâmica de inserção social.

Algumas experiências coeducativas

As experiências efectuadas são favoráveis ao sistema coeducativo. A título de exemplo, citamos alguns dos resultados de uma pesquisa realizada na Bélgica, em 1963, junto da população escolar de três classes superiores do Ateneu de Liège. Foram inquiridos 103 raparigas, de idades compreendidas entre os 15,5 anos e os 18,5 anos, e 93 rapazes, cujas idades oscilavam entre os 16 e os 18 anos e 8 meses. Entre as questões postas, insistiu-se, particularmente, nas vantagens da coeducação e sua influência no rendimento escolar. Quanto ao primeiro aspecto, 87 % das raparigas e 83 % dos rapazes consideraram que a escola mista agia positivamente, no plano de desenvolvimento da personalidade, favorecendo a maturidade, a sociabilidade e a afirmação de si. Sobre os efeitos no rendimento escolar, verificou-se que 37 % das raparigas e 43 % dos rapazes indicavam, como influências positivas, a emulação, o benefício resultante da troca de pontos de vista, maior segurança no trabalho, maior espírito de grupo e solidariedade, melhor compreensão social.

Quase todos os jovens se congratulavam pela possibilidade que a escola mista lhes proporcionava de conhecerem, mais profundamente, o indivíduo do outro sexo e a si próprios. 89 % das raparigas

Unidos no trabalho, unidos no amor e separados nos bancos de escola?

Maria Camila Malhavaís Bica, 33 anos, professora primária, manifestou-se sobre o assunto:

— Na zona onde lecciono, em Montes Velhos, no Baixo Alentejo, não se pratica a coeducação, mas já estive em zonas rurais em que a escola mista era imposta pela própria circunstância da insuficiência de estabelecimentos escolares e de pessoal docente. Só há «prós», na minha opinião, nas turmas mistas, se nestas os dois grupos forem equilibrados numericamente e quanto à idade. A escola deve ser um reflexo da vida e separando moços e moças é apenas um disparate. Os jovens só se encontram nas férias ou em festas e, nas aldeias, escasseiam as possibilidades destes encontros, concebendo-se, através de um contacto esporádico, ideias falsas sobre o outro sexo. Ouvi uma vez um adolescente que, depois de alguns meses de frequência de uma escola particular mista, dizia «Vê, as moças são assim... não acreditava que fossem tão camaras, etc.». Com a coeducação, rapazes e raparigas deixam de se olhar com intenção mais sexual, quando inesperadamente são postos em contacto, para se olharem de modo mais humano. A ideia de que o convívio com a rapariga ou vice-versa deve ser feito às ocultas dos pais e dos mestres, carrega este convívio de sentido «pecaminoso». O indivíduo do outro sexo surge como um elemento perturbador, misterioso. Em S. Mamede de Fátima, numa escola em que as mesmas classes funcionavam separadas por sexos, um colega meu criou a caixa de correio

dos moços e a caixa de correio das moças, onde colocavam as cartas que dirigiam uns aos outros e que eram distribuídas, fechadas, evidentemente, no início das aulas. Repare que se tratava do nível primário e esta forma de convívio revelou-se estimulante na aprendizagem. Nunca leccionei uma classe mista e se não conheço na prá-

do Liceu D. Filipe de Lencastre, respondeu-nos:

— Não compreendo esse entusiasmo súbito pela coeducação. Entre nós, mesmo ao nível secundário, há muito que é praticada na província, no Porto, no Liceu Garcia da Orta, em Lisboa no Liceu D. Pedro V e nas secções do 3.º ciclo do Liceu D. João de Castro. Nós só praticaremos a

sidade de generalizar a todos os ciclos, em todas as escolas, acabando com essa forma de racismo sexual que prejudica a naturalidade das relações entre jovens. Nas escolas em que estão separados, nota-se que, sobretudo, aos 15-16 anos, grande parte do absentismo às aulas é ocasionado pelo encontro com indivíduos do outro sexo,

no Liceu Francês e por ter experimentado as vantagens deste tipo de educação, matriculei lá desde a idade infantil, a minha filha. O meu outro filho que frequenta o ensino oficial está, apesar da influência familiar, muito menos preparado para o convívio com as raparigas. Tive agora oportunidade de o constatar, quando ambos frequentaram um campo de férias no estrangeiro. O estar diários uns com os outros, que a coeducação proporciona, age num sentido desmistificador de imagens que obscurecem a relação homem-mulher, permite uma escolha mais racional dos companheiros e companheiras, um maior amadurecimento da personalidade. Alguns pedagogos e professores receiam que o regime misto, no período da puberdade, traga inconvenientes, facilitando o «flirt». A partir da minha experiência pessoal acho que é a ausência de convívio na fase da puberdade que condiciona o jovem, negativamente. A educação e toda a série de actividades complementares, no nosso ensino, estão estruturadas em função de imagens de «feminilidade» e «virilidade» que têm de ser revistas, imagens absolutamente ultrapassadas em relação aos estímulos e necessidades do mundo de hoje.

Por exemplo, no Liceu Francês há Moral ao nível do 1.º ciclo, só para as moças, no 1.º ano costura e no 2.º culinária, numa orientação de actividades para um modelo tradicional de rapariga.

Porque não culinária também para os rapazes? Porque não costura e puericultura também para eles? Porque não actividades mecânicas, carpintaria e trabalho técnico também para a rapariga? A aprendizagem deve ser comum porque na vida as tarefas são comuns e a imagem não degradada do homem e da mulher encaminha-se para

uma nova noção do casal. Há que rever a educação em geral porque os problemas do ensino especializado já não têm sentido no mundo actual.

Perdura no nosso País a teoria conservadora da mulher como anjo do lar. Ultimamente notou-se uma tendência para o regresso da mulher ao lar, em palcos como a França e os Estados Unidos porque, penso, no momento lhes interessa mais que a mulher seja consumidora do que produtora. De um modo geral, nós, na família, solicitamos mais os rapazes em relação aos estímulos técnicos, através de filmes, brinquedos e conversas. Não possuo especial admiração por uma civilização técnica, mas considero que é essencial preparar os jovens para ela com o ensino não diferenciado, pelo que a rapariga obterá maior possibilidade de escolha racional. Nas aulas mistas os interesses de um sexo influenciam o outro; compete aos professores deixar que, por exemplo, quando do estudo do caminho-de-ferro, funcionamento da locomotiva, o aparecimento do automóvel, a arquitectura moderna, tudo problemas que podem ser abordados no ensino da História, o interesse do rapaz pela parte técnica estimule a rapariga que, se não tem irmãos ou pais evoluídos, não goza de oportunidades iguais de exercitar e despertar as suas capacidades, porque há toda uma «política» que insiste em oferecer comboios eléctricos aos rapazes e trens de cozinha às raparigas.

Também lecciono no Colégio de S. José, das Irmãs Dominicanas, e soube que este ano, pela primeira vez, haverá presença masculina na 1.ª e 2.ª classes, num colégio de freiras. Toda e qualquer experiência coeducativa se reveste entre nós de aspectos muito positivos e mesmo urgentes de aplicação.



Dr. Rui Grácio



Dr.ª Dulce Rebelo



Dr.ª Joana Martins

tica as suas vantagens e inconvenientes, conheço suficientemente a necessidade de compreensão mútua e de colaboração que os jovens experimentam. Unidos no trabalho, unidos no amor, quando separados nos bancos da escola? Isto parece-me absurdo. Só a coeducação pode conduzir à naturalidade e autenticidade das relações humanas e o sistema escolar português bem precisa de se tornar autêntico, de corresponder e desenvolver as necessidades do aluno.

Prática da coeducação e problemas das instalações

A dr.ª Maria Emília Castro, que há quatro anos exerce o cargo de reitora

coeducação, por ordem expressa do Ministério da Educação Nacional e, nesse caso, levantar-se-iam problemas de várias ordens quanto às instalações que possuímos.

Na coeducação diminui o absentismo às aulas

A dr.ª Maria Joana Martins, de 32 anos, professora do ensino liceal disse-nos:

— Num dos centros em que lecciono — a Escola Alemã — pratica-se uma coeducação relativa, funcionando classes mistas na instrução primária e no curso de língua alemã. A partir deste ano, vai-se experimentar a coeducação no 1.º ciclo, e creio que, em breve, se verá a neces-

o que não aconteceria se vivêssem, no dia-a-dia, as actividades escolares e circunculares. Na Escola Alemã, existe uma coeducação circum-escolar apreciável, nas visitas de estudo e de convívio. São os próprios jovens que pedem, para serem levados com os professores e os colegas de ambos os sexos, por exemplo, à piscina da Praia Grande, ignorando aquele sentimento de atracção de um encontro isolado a dois. Considero absurdo que, a nível oficial, a coeducação só se pratique na pré-escolaridade e na Universidade. Não convívio no período mais vasto da infância e adolescência, geralmente dos 7 aos 17-18 anos, fica vedado aos jovens o conhecimento do outro sexo de uma forma real e genética. Foi sempre educada em regime misto,

Problemas de

Roger assistente português de Moçambique

O te... esta-se... sabe... eação e... instru... se trata... Ora, s... a melho... solver... contra... em que... que me

pre me... mistos... blema... que os... sam ex... a um c... cação... ções, r... mente... turma d... que são... xistir... isso. E

vantagens e problemas suscitados

vens

e 80 % dos rapazes consideravam absolutamente possível manter uma relação de camaradagem com o outro sexo, e concluíam que, desta relação, resulta o desaparecimento dos «tabus» e preconceitos sexuais, o desaparecimento de uma curiosidade idiota, efeitos interessantes do conhecimento do outro sexo sobre a compreensão de si mesmo, etc. As raparigas referem, ainda, um conjunto de factores derivados deste convívio com os rapazes, no plano escolar: maior troca de ideias, maior imparcialidade e crescimento de interesses, leituras mais escolhidas, estudo mais reflectido. É evidente que as vantagens da coeducação impõem-se mais nitidamente à rapariga, pela própria situação de igualdade que ela sente criar-se quando é sujeita aos mesmos métodos pedagógicos que os rapazes.

Ainda outra pesquisa, esta dirigida pelo pedagogo Dale, a 550 professores, demonstrou que os possíveis perigos das interferências de ordem sexual no rendimento escolar, que podem ocorrer entre os 15 e os 18 anos, são largamente compensados pela acção benéfica que cada sexo exerce sobre o outro, atenuando as formas extremas de comportamento, e alimentando uma mutação fecunda de ideias e troca de pontos de vista. Destes professores entrevistados, 91 % pronunciaram-se a favor da coeducação.

Neste momento, era oportuno procurar conhecer as ideias de pedagogos e de professores sobre as experiências coeducativas em Portugal e as questões práticas de disciplina, de diferente dinâmica de grupo, de organização de instalações e material, de mudança de atitude do pessoal docente, que, fatalmente, irão surgir quando da aplicação difundida do método.

Problemas devidos a um certo sistema de educação

Rogério Ferreira Martins, assistente da cadeira de Português, na Universidade de Montpellier, afirmou:

O termo coeducação presta-se a confusões. Não se sabe se se refere à educação em geral ou apenas à instrução. Suponho que se trata desta última.

Ora, se há um problema, a melhor maneira de o resolver não é ser pró ou contra «a priori», mas ver em que ele consiste. Pelo que me concerne fui sem-

que se consegue esse resultado.

Por um regime de coeducação escolar

O dr. Rui Grácio ofereceu-nos um depoimento do seguinte teor:

Se a coeducação é a educação em comum de meninos e meninas, de rapazes e raparigas, ela existe no nosso País: nos lares de inúmeras famílias coabitam (e coeducam-se) irmãs e irmãos, primos e primas...

Mas a questão em debate é a da coeducação escolar. Os pais que a recla-

da que sejam, acaso, uma minoria, não tenham o direito e a possibilidade de propiciar aos filhos a educação escolar da sua preferência, direito que poderia colher argumentos na própria Constituição Portuguesa (art. 42.º).

O mesmo direito assiste naturalmente, segundo me parece, aos adversários da coeducação escolar. E aos indiferentes e aos indecisos o de verem abrir-se um debate público que os desperte e oriente em matéria de indubitável interesse e importância.

O regime da coeducação escolar, inscrita no programa de reformas educativas de setecentos, só se instala no século XIX, primeiro nos Estados Unidos da América do Norte, depois na Europa, sobretudo em áreas de dominância protestante. Mas, frequentemente, são razões de natureza financeira e de comodidade administrativa que levam à instituição daquele regime, verificando-se então, muitas vezes, um trânsito progressivo em parte das famílias, das autoridades pedagógicas e da opinião pública interessadas.

Tem de reconhecer-se que adeptos e adversários não se determinam geralmente por princípios fundamentados de ordem pedagógica e psicológica. A motivação radica-se antes em sentimentos profundos e por vezes inconscientes, de maneira que preconceitos se opõem a preconceitos numa controvérsia que incide principalmente sobre duas questões.

Uma é a do convívio entre rapazes e raparigas, especialmente no ensino secundário. Os adeptos da educação mista alegam ser ela a mais favorável à criação de atitudes sãs, assentes no conhecimento, na compreensão e no respeito recíprocos, susceptíveis de evitar que se chegue à idade adulta com ilusões, receios irrazoáveis e malícia

questão), sob a vigilância discreta e compreensiva, firme, se necessário, de educadores avisados.

Esta parece ser a atitude dos educadores de alguns colégios confessionais, da área de Lisboa, pelo menos, que organizam nas suas instalações sessões de de convívio entre rapazes

tilhos estivessem em idade pertinente, gostaria de ter, com o direito, a possibilidade de lhes propiciar um regime de coeducação escolar. As minhas razões são as que ficaram nas linhas e entrelinhas desta nota, mais as que poderia buscar na experiência vivida da coeducação escolar.

rante as turmas. Todos estes aspectos, porém, concernem à vida docente e se nos nossos dias se impõe, mais do que nunca, uma constante actualização dos conhecimentos do professor ela não pode deixar de se processar também no campo da pedagogia, confrontando-se experiências e de-



«É a ausência de convívio na fase da puberdade que condiciona o jovem, negativamente»

e raparigas. Assim também muitos centros paroquiais.

A outra questão controversa é a da coinstrução escolar. É possível que a resistência à implantação de estudos diferenciados proceda em parte da fidelidade rotineira a um sistema de ensino que é «masculino» nas suas origens e tradições... Mas, por outro lado, não parece que uma psicopatologia sexual dos adolescentes, pois deles geralmente se trata na controvérsia, permita definir com nitidez diferenças significativas no plano da inteligência e das aptidões, salvo uma superioridade média dos rapazes nas relações numéricas, das raparigas no domínio verbal, bem como, entre os 12/16 anos, uma maturação física, mental e social um pouco mais tardia nos primeiros. Quanto aos interesses, às atitudes, às estruturas mesmas da personalidade tudo indica que a diferenciação realmente observável resulte, pelo menos em grandíssima parte, de condicionamentos sociais, especialmente do processo de identificação pelo qual as crianças são conduzidas, no nosso tipo de civilização, a assumir o papel que se entende ser próprio do seu sexo.

Mas as civilizações mudam e a nossa está em processo de patente mudança, e a escola pode contribuir para acelerar, ou para frenar... Depende da opção que se fizer.

II

No problema em debate — a coeducação escolar — a questão de fundo também é a das opções, opções perante a ordenação da vida social, as funções e papéis dos dois sexos, a moral sexual, os valores culturais, etc. Os dados da psicologia, ainda insuficientes, as experiências pedagógicas concludentes, ainda por fazer, são circunstâncias e meios a atender e a utilizar ao serviço do rumo por que se optar.

III

A minha opção, pois que me pedem que a manifeste, é bem clara. Se os meus

uma, longínqua, como aluno de liceu, outra, actual ainda, como professor, em aulas mistas de classes terminais do ensino liceal.

«Os mitos só se desfazem em contacto com a realidade»

Dr.ª Dulce Rebelo, especializada em pedagogia, bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian:

— A coeducação pressupõe uma orientação pedagógica diversa da actual, uma maior colaboração entre os professores e uma atitude diferente destes pe-

batendo-se problemas, a fim de serem resolvidos.

Quando a criança, transpostos os umbrais do seu lar, ingressa no ensino infantil (financeiramente só acessível a algumas famílias), encontra companheiros da mesma idade com quem convive e participa em descobertas comuns; e pena é que este início de vida social se restrinja de imediato ao avançar na escolaridade e em anos, pois logo no ensino primário as meninas são separadas dos rapazes.

Uma disciplina bem orientada, com direitos e deveres, um ajustamento entre alunos e professores que,

Cont. na pág. 9



Quando o absentismo às aulas é ocasionado pelo encontro com indivíduos do outro sexo

pre mestre em colégios mistos e nunca houve problema nenhum. Mas creio que os problemas que possam existir só são devidos a um certo sistema de educação, preconceitos, inibições, medos, etc. Pessoalmente creio que a melhor forma de educar indivíduos que são destinados a coexistir é prepará-los para isso. E não é separando-os

mam para seus filhos poderiam alegar, e muitos o fazem de facto, que consideram nefasto, neste domínio também, deixar-se a escola distanciar mais da vida, aqui da vida social concreta, onde não é difícil observar que se generalizam, diferenciam e reforçam as formas de convívio juvenil. Custa-me aceitar que, nesta matéria, os pais, ain-

insalubre perante o outro sexo.

O problema não é simples, muitos dos seus dados transcendem a vida escolar e, quanto a esta, não há porventura experiências concludentes. Poderá dizer-se que quando perilhada, conviria que a coeducação fosse praticada ao longo de toda a escolaridade (ensino superior fora de

KONI



a chave da segurança

De um molho de chaves vulgares, destaca-se a mais importante. KONI é realmente importante para si. A sua segurança encontrou a chave certa.

Representante:
SOGERIM - SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
Av. António Augusto de Aguiar, 23-ABC-Lisboa
Telef. 560156

Inovações no regime de doutoramento

Cont. da pág. 3

soas auto-investidas em importantes, não já a dos doutores DR ou dos engenheiros ENG.º, mas a dos doutores por extenso...

Onde fez o seu doutoramento e que pensa do sistema seguido?

Dr. José Lopes da Silva:
Redução do acto solene

A particularidade do sistema francês reside na importância, cada vez mais reduzida, do acto solene em que é conferido o grau de Doutor. Neste sistema podemos considerar três fases: na primeira, naturalmente a mais longa e mais importante, o candidato realiza um trabalho sob a orientação de um supervisor; a segunda fase consiste na redacção da tese, posto o que esta é discutida com o supervisor, e a seguir com cada um dos membros do júri, que julgarão do seu valor e dos conhecimentos do candidato, considerando-o, então, apto, ou não, para poder ascender ao grau de Doutor. Nestas condições, a fase final, isto é, o acto a que chamamos defesa de tese, passa a ter mais o significado de uma «consagração» pública.

Dr.ª Gabriela Lopes da Silva:

É leviano pretender hierarquizar

Eu fiz o que se chama em França «Doctorat d'Université» e que consiste numa prova semelhante ao «Doctorat d'Etat» mas que representa, de um modo geral, menos trabalho na medida em que o segundo nunca é feito em menos de quatro anos, ao passo que o primeiro pode conseguir-se em tempo variável com as exigências do professor responsável pela prova. Em geral a duração é de dois a três anos, ou seja, a mesma de um Ph. D. em Inglaterra.

Donde se conclui que é leviano pretender hierarquizar os doutoramentos pelos seus nomes ou pelo país em que foram feitos pois os critérios variam de país para país e, até, consoante a Universidade dentro de um mesmo país.

Dr. Jorge Gonçalves Calado:

Clima de inteira liberdade

Sou doutorado em Química pela Universidade de Oxford, que está longe de ser um protótipo das Universidades inglesas em geral. As minhas opiniões têm portanto sempre em conta o caso especial de Oxford (e Cambridge e até certo ponto algumas outras como Canterbury), embora também conheça em linhas gerais o que se passa nas outras Universidades inglesas.

Em Oxford e no domínio da Química o doutoramento consiste essencialmente na realização de uma tese de investigação sem a frequência obrigatória de cursos de pós-graduação. A tese, que leva uma média de três anos a realizar, é oportunamente discutida por dois especialistas na matéria. Tudo muito simples, como vê. Mas repare-se que o doutoramento se segue a um curso cujo último ano é inteiramente dedicado à concepção e realização de um projecto de investigação — é a chamada Parte II do curso. Assim, quando o estudante de Oxford inicia o doutoramento, já tem atrás de si a experiência e a bagagem que um ano

de investigação junto de um supervisor competente lhe dão. O clima é de inteira liberdade — ou não estivessemos em Inglaterra — sem horários rígidos a cumprir, e em plena independência, na certeza de que tudo, desde cálculos no computador, à construção da aparelhagem na oficina, tem de ser executado pelo candidato.

Um exemplo, apenas: no dia da minha chegada ao Laboratório foi-me entregue a chave que dá acesso a todas as portas do edifício, e que, aliás, ainda hoje conservo. A qualquer hora do dia e da noite eu podia entrar e utilizar-me das facilidades do Laboratório. Assim dá gosto trabalhar, e não raro o fazia consecutivamente, durante o dia e ao longo da noite. Imagine-se, agora, a complicação que era eu trabalhar à noite numa das nossas Universidades, a série de licenças e requerimentos que era preciso pedir, e, é claro, tudo fechado à noite. E aqui sou português e sou assistente da Universidade...

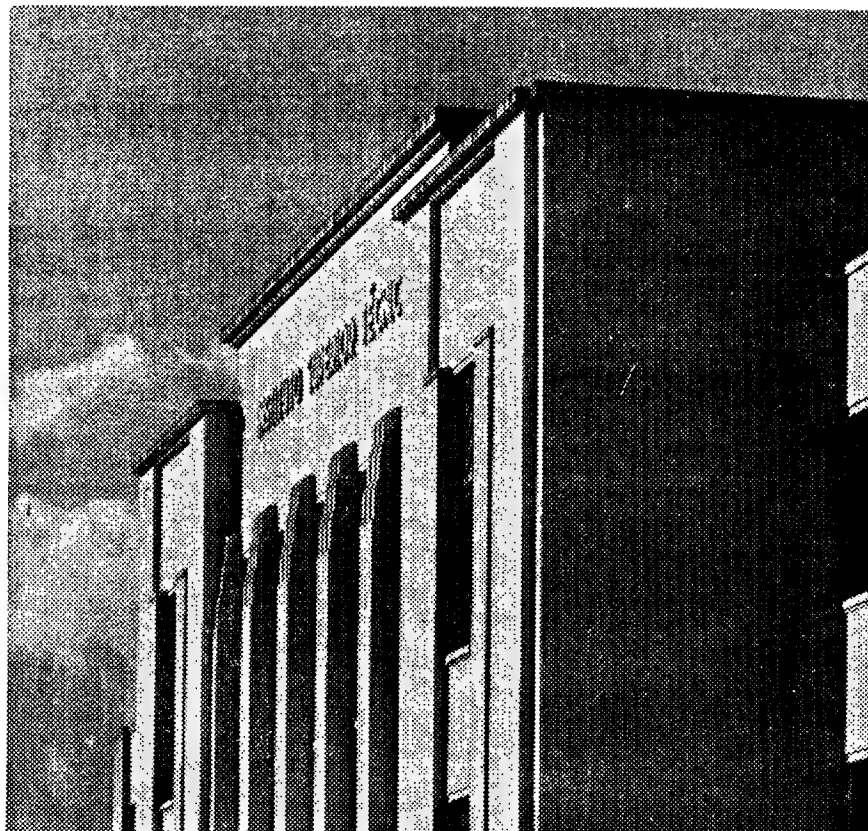
Depois, não é só isto — pela primeira vez tive a sensação de estar numa Universidade, o que até então desconhecia. Não me refiro

novos programas de investigação e, pelos conhecimentos que adquiriu, de melhorar o nível do ensino que pratica. Mas, como é evidente, não chega o diploma em si. É indispensável por exemplo, que existam condições de trabalho nas nossas Universidades que permitam a criação de grupos de investigação coerentes. O problema põe-se sobretudo para os que se doutoraram no estrangeiro. É indispensável que eles encontrem no País, no intervalo de tempo mais curto possível, a possibilidade de continuarem os seus programas de investigação iniciados lá fora, o que infelizmente nem sempre se verifica. Evitar-se-ão desta maneira casos de frustração que levam mais tarde ou mais cedo a um abandono da carreira de investigador.

Dr. Jorge Gonçalves Calado:

Orientadores responsáveis

Para se fazer investigação é necessário três coisas: infra-estruturas, cabeças e dinheiro. Por infra-estruturas entendo quadros de



apenas à existência de infra-estruturas, uma biblioteca onde não falta um livro ou revista, pessoas com quem discutir o trabalho, tirar dúvidas e tomar chá, confiança ilimitada, mas, também, todo um clima cultural que se respira e ajuda a viver. Acima de tudo, estamos vivos, e porque o estamos, temos gosto em trabalhar.

Qual o papel que o novo decreto pode ter no desenvolvimento da investigação e na qualidade do ensino?

Dr. José Lopes da Silva:
Indispensável a existência de condições de trabalho

Terá o novo sistema consequências benéficas no ensino e na investigação? Parece-me que sim na medida em que veio facilitar o acesso ao grau de Doutor sem lhe retirar nível científico e dado que um Doutorando deve constituir um elemento capaz de conduzir

pessoal, biblioteca e oficinas bem apetrechadas, espaço físico para as pessoas se mexerem, etc. Por cabeças entendo chefes e orientadores responsáveis. Fazer investigação qualquer pessoa medianamente formada pode fazer se convenientemente orientada, mas a contribuição para o progresso será praticamente nula, se não houver a tal orientação cintilante. Tem sido este, quanto a mim, o principal entrave ao desenvolvimento da investigação em Portugal — a falta de orientadores capazes. Claro que eles não aparecem ao acaso ou quando aparecem não se conservam de qualquer maneira. É por isso que acho extremamente importante tudo quanto se faça para estimular o doutoramento — é entre os doutorados que irão surgir os poucos capazes de orientar e é dentre os poucos orientadores que aparecerão os raros génios. Todos sabem que os génios não precisam nem de infra-estruturas nem de dinheiro — isto relativamente, claro! — para realizar trabalho genial (estou a pensar no caso de um Rutherford, não é?). Mas os bons orientadores são também capazes de produzir trabalho de bom nível com estruturas e condições financeiras mo-

destas. A falta de dinheiro nunca constitui a razão fundamental para a baixa produtividade da nossa investigação. Ora parece que agora nas nossas Universidades há ou começa a haver dinheiro e que se começa a criar as estruturas fundamentais. Pode ser que daqui em diante entre o véu de doutorandos surjam também as tais cabeças...

Quanto ao ensino é evidente que só terá a lucrar com a multiplicação, que se espera, dos doutoramentos. Acabar-se-á com as cenas degradantes de ver pessoas incompetentes a pretender ensinar aquilo que não sabem; acabará o oportunismo daqueles que vêm no ensino um meio fácil de angariar mais uns milhares de escudos ou o prestígio que lhes falta noutras circunstâncias. Excesso de optimismo? Talvez... Mas não me pesa ser optimista por uma boa causa.

Encontrou em Portugal as condições para prosseguir os seus estudos?

Dr.ª Gabriela Lopes da Silva:

A formação tem valor...

O assunto que estudei, detectores de radiações feitos à base de germânio, não tem aplicação cá, pois não há nenhum laboratório a trabalhar neste campo. Eu explico o que parece ser disparatado: meu marido obteve uma bolsa para ir fazer o doutoramento em França, precisamente quando eu acabei o curso do I. S. T., pelo que ainda não tinha tido quaisquer contactos profissionais. Tendo sido sempre meu desejo dedicar-me à investigação, procurei integrar-me num grupo que tivesse actividades afins com um grupo de cá, e, aí, realizei um estágio, durante o qual contactei o laboratório português, com vistas a uma quantia de continuidade, quando do meu regresso. Tal foi-me recusado, por haver uma certa oposição à entrada de elementos do sexo feminino para o organismo em causa. Em face desta resposta, achei que não valia a pena pensar no regresso, e escolhi para domínio de investigação o assunto já citado, que me dava uma maior satisfação pessoal. Não considero, no entanto, que tenha perdido tempo, pois, ao preparar um doutoramento, há a considerar o aspecto formativo e o aspecto informativo; o primeiro é válido qualquer que seja a especialização conferida pelo segundo, e consta essencialmente de uma aprendizagem de método de trabalho, por exemplo, concepção e realização de experiências, interpretação dos resultados, etc.; o segundo é uma aquisição de conhecimentos sobre determinado assunto, quer através de um estudo bibliográfico, quer a partir dos trabalhos realizados por nós próprios. Se a especialização não tem aplicação imediata, por incidir sobre um domínio extraordinariamente dispendioso, e, portanto, neste momento, fora do alcance no nosso País, a formação tem, decerto, valor, num momento em que se pretende impulsionar a investigação científica em Portugal.

Dr. Jorge Gonçalves Calado:

Há progresso. Vamos ver

Julgo que ainda é cedo para me pronunciar sobre se encontro em

Cont. na pág. 11

A coeducação em debate

Cont. da pág. central

com prudência, compreensão e firmeza teriam de saber lidar com estes grupos mistos, a introdução no currículo de estudos de uma cadeira de educação sexual poderiam aliviar, com êxito, nos inconvenientes que se possam apontar a uma coeducação. O espírito de camaradagem que se desenvolve entre os jovens presentes nas mesmas aulas, com os mesmos problemas de estudo, colaborando nos mesmos grupos de trabalho ou participando nas mesmas actividades circunscritas, é uma base de entendimento e um estímulo para iniciativas que, às vezes, não ocorrem em grupos só de rapazes ou só de raparigas. Traria a escolaridade mista mais dificuldades aos pedagogos do que actualmente? É uma hipótese só verificável ou não, na prática, mas presentemente pais e professores não deixam de se atormentar com os inconvenientes da separação dos jovens nos diferentes estabelecimentos de ensino. Apontemos alguns deles:

— Em vários liceus, adolescentes de ambos os sexos têm sofrido sanções por faltarem às aulas, ocupando o tempo a ela destinado em incursões aos liceus femininos ou (no caso das raparigas) aos liceus masculinos,

na fim de se entreterem a conversar com os jovens do sexo oposto.

— Devido ao facto de os adolescentes de ambos os sexos só terem oportunidade de se encontrarem nos seus grupos restritos de amigos e amigas, que se reúnem para divertir ou assistir a qualquer espectáculo, fora, portanto, das ocupações escolares, quando em alguns liceus masculinos são admitidas raparigas no 6.º e 7.º anos os rapazes (com mais frequência do que se julga) não são capazes de as considerar como colegas na mesma actividade, notando-se forte tendência para cada um ter a sua companheira exclusiva, em prejuízo de uma saudável camaradagem entre todos, criando-se até rivalidades entre estes grupos duais.

— Numa escola técnica de Lisboa, uma jovem professora teve grandes problemas em fazer-se aceitar pelos seus alunos, jovens adultos. Procurando um professor, que os conhecia bem — resolver a situação incómoda da sua colega, conversou com eles e chamou-lhes a atenção para o procedimento incorrecto. Reconheceram o seu erro e prometeram emendar-se, mas em sua defesa alegaram que, pelo facto de não terem na escola raparigas

como colegas, a professora era para eles um pólo de atracção.

— Sabemos quanto é difícil, numa aula de Português, por exemplo, conseguir uma leitura dialogada (em que é necessária a intervenção de personagens de ambos os sexos), só com rapazes ou com raparigas. Os alunos sensíveis ao falso da situação aproveitam a circunstância para ridicularizar os colegas que tomam a seu cargo os papéis desajustados ao seu sexo.

A este propósito lembramos um grupo de rapazes do 4.º ano liceal que, amante do teatro, se propôs representar para os colegas o 2.º acto da obra de A. Garret, «Frei Luís de Sousa», o objectivo era valorizar a estrutura dramática da peça, por uma interpretação moderna.

Os jovens viram-se em sérias dificuldades para apresentarem com a dignidade conveniente as figuras femininas, a fim de evitarem a hilaridade geral dos seus companheiros. Esse mesmo grupo, activo e empreendedor, escreveu uma peça onde se impunha a presença feminina. A peça esteve em riscos de não ser representada, porque as «artistas» recrutadas entre as raparigas conhecidas, tinham horários escolares diferentes dos deles, o que prejudicava grandemente a comparência aos ensaios. Se rapazes e raparigas pertencessem ao mesmo liceu, talvez à mesma turma, sem dúvida teria sido tudo mais fácil, havendo inclusivamente maior possibilidade de escolha que no círculo restrito das relações pessoais.

A escola deve preparar os jovens para a vida, para a sociedade onde homens e mulheres vão trabalhar lado a lado. Limitar esse contacto social entre sexos humanos pode prejudicar as relações futuras. Se tiverem uma convivência permanente os jovens de ambos os sexos aprenderão a conhecer-se melhor, a apreciar as qualidades mútuas, respeitando-se admirando-se e encarando-se como seres iguais em possibilidades de realização, o que no nosso contexto social assume relevância especial, pois infelizmente ainda impera a noção de que o homem nasceu dotado de benefícios que não atingem as mulheres. Os mitos só se desfazem em contacto directo com a realidade.



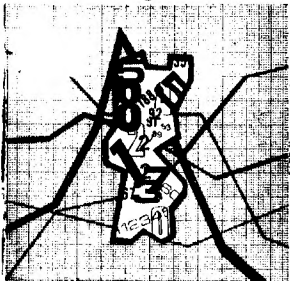
«PORTUGAL ATRAVÉS DE ALGUNS NÚMEROS»

Blasco Hugo Fernandes
Biblioteca Popular n.º 2
Prelo Editora, 1970

Poucas obras, publicadas recentemente entre nós, poderiam preencher

BLASCO H. FERNANDES

JGALPORTUGALPORTU através de alguns números



bp2

o espaço que este pequeno livro de 110 páginas acaba de ocupar. Estudo encomendado para uma colecção de características populares, o seu autor soube como poucos assumir a responsabilidade que essa classificação implica e veio apresentar-nos a situação real e imediata do País através dos números estatísticos, de modo a que toda a gente entenda e tome consciência do terreno que pisa — todos, mesmo a grande massa dos trabalhadores e contribuintes, dos pequenos comerciantes e dos agricultores que possuem noções elementares de leitura e do xadrez económico.

«Portugal através de alguns números» é um exemplo sadio de humildade do técnico e sociólogo perante a realidade que o cerca, perante os problemas quotidianos do seu semelhante menos favorecido. Blasco Hugo Fernandes, especialista de temas económicos com experiência directa, sobretudo no campo da agricultura e suas (graves) implicações na vida do cidadão português, começa por definir, para toda a gente, o que são noções tão correntemente afloradas como PNB (Produto Nacional Bruto), Rendimento Nacional, rendimento per capita. Exemplifica, objectivamente, com quadros e mapas comparativos. Sugere, de vez em quando, tipos de soluções já levadas a cabo para os problemas referidos, na circunstância.

Serve-se, no fundo, da linguagem objectiva e correcta dos números e das estatísticas, nacionais e internacionais, para demonstrar, sem paixão, quase sem comentários, mas com segurança a realidade socio-económica da Nação portuguesa, através de curtas análises à situação agro-industrial, da educação, da saúde e assistência, da habitação e da cultura.

Trata-se de obra autenticamente didáctica e com uma função cívica importante: informa objectivamente, solicita sem esforço o interesse por problemas que a todos respeitam, desfaz a tendência de considerar esses pro-

blemas unicamente ao alcance das «élites». Ao mesmo tempo, «Portugal através de alguns números» constitui um aviso sério sobre a realidade económica do País, num momento muito significativo da nossa batalha pelo futuro.

Para ler, e urgentemente.

«JAPÃO A TERCEIRA POTÊNCIA»

O socialismo não é o único método para arrancar, hoje, do subdesenvolvimento, o Japão — afirma-se nos últimos tempos com frequência. Se o leitor quer saber como o Japão arrancou, este livro de Robert Guillain, o *especialista* do jornal «Le Monde» acerca do Extremo Oriente, dar-lhe-á muitos elementos, se bem que não corrobore em absoluto a tal afirmação frequente. Guillain afirma, a pág. 52, que a «descolagem» não é de hoje, mas de «a seguir à vitória sobre a Rússia czarista», de 1905 portanto.

Seja como for, o Japão é, do ponto de vista económico, a 3.ª grande potência mundial. Qual o segredo do seu crescimento? Para Guillain, o segredo reside principalmente nos empresários japoneses. Transcrevemos das pgs. 66, 67 e 70: «O seu papel no Estado, já importante antes da guerra, ganhou ainda maior vulto porque foi relativamente poupada por aquele flagelo e pela depuração que se lhe seguiu e porque deixou de ter a concorrência do clã militar. Decididamente, a maior parte do poder nesta pais dominada pela economia, pertence naturalmente ao meio dirigente da economia, ou seja aos grandes patrões, aos empresários do Japão industrial em



plena expansão. É deles que procedem as grandes directrizes; são eles que detêm as alavancas mais importantes do comando, pois possuem o motor que tudo arrasta: a indústria. (...) «Representam um poderoso colégio por detrás do Governo, ou acima dele, cujas inspirações e conselhos ditam efectivamente ao gabinete os seus principais deveres e contra os quais ele não pode ir. Em última análise, de um pequeno-almoço no Clube da Indústria ou na Federação das Organizações Económicas, no seu *building* ultramoderno, saem por vezes decisões ou «disparos» mais importantes do que tudo quanto possa decidir o Conselho de Ministros. (...) «Sato e os seus ministros são praticamente gerentes, os delegados no poder da classe dos empresários; eleitos, com certeza, pelo sufrágio popular mas graças aos subsídios da classe que os patrocina; investidos, certamente, pelo Parlamento, mas não sem o indispensável consentimento do poder económico».

Como o leitor vê, o livro de Robert Guillain é uma obra bem informada que esclarece muitos aspectos do «caso singular» japonês.

Ao acaso da rua

Cont. da pág. 5

o estudante António Reis afirmou-nos:

— Em minha opinião, continuar a defender a existência de um «mercado único português» equivale a tomar uma opção irrealista. Toda a legislação que em 1961 se publicou sobre o assunto não passou o papel: continuam a existir barreiras alfandegárias e moedas diferentes quase dez anos volvidos! Nem de outro modo podia ser entre económicos de tal forma diferentes. Se ligarmos essa situação ao restante condicionamento interno, não custa perceber o porquê do impasse e da estagnação a que se chegou. A abertura de fronteiras, a concorrência obrigar-nos-iam a encarar a sério uma rápida industrialização.



Elisa dos Santos

Mas, dada a posição de «adequação» aos interesses internacionais que o eng.º Rogério Martins definiu, dá-me a impressão que a seguir esta outra via não conseguiremos mais do que um desenvolvimento com pés de barro.

JARDIM INFANTIL

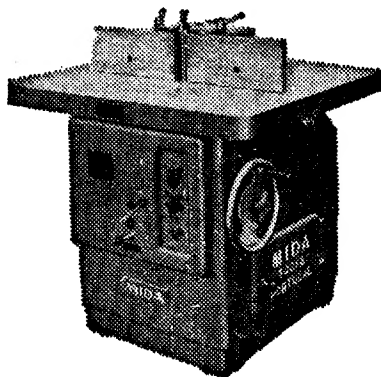
- MODERNA PEDAGOGIA
- TRANSPORTE PRIVATIVO

CAMPO GRANDE, 170-1.º, Dt.º

INSCRIÇÕES EM SETEMBRO
NOS DIAS ÚTEIS DAS 10 H. AS 13 H.

ALVORADA

«MIDA»



TUPIA VERTICAL
Modelo TV - 6

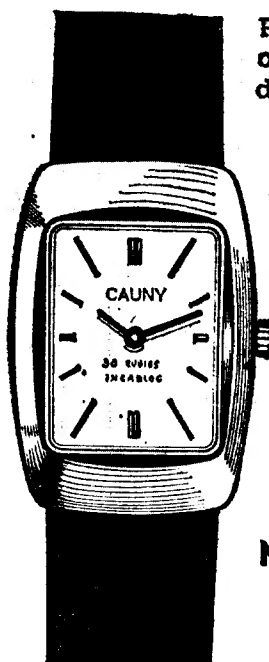
UMA FABRICA
ALTAMENTE
ESPECIALIZADA
NO FABRICO
DE MAQUINAS
PARA AS
INDÚSTRIAS
DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

Fábrica: — TROFA Tel. 94923/4/5

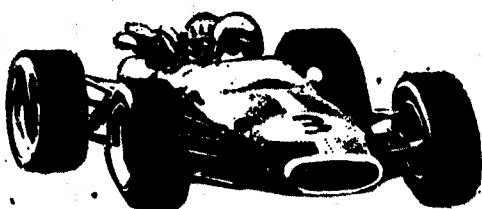
FILIAL EM LISBOA:

AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)



Para o desportista de bom gosto,
o contróle exato da hora, lhe
dará o relógio Suiço

CAUNY

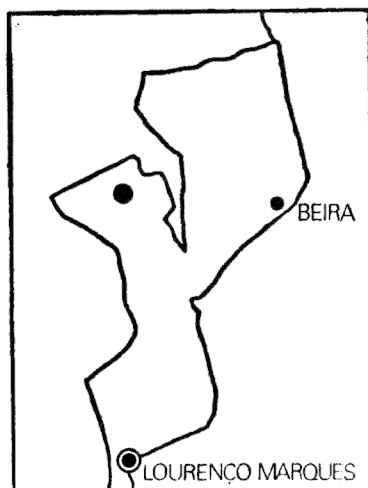


MAIOR EXACTIDAO

MAIOR PERFEIÇÃO

MAIOR BELEZA

uma chama viva onde quer que viva também em Cabora Bassa



Foi recentemente celebrado um contrato entre a Moçacor e a Zamco (Zambeze Consórcio Hidroelétrico, Lda.) mediante o qual se acerta a distribuição de Gazcidla, em regimen de exclusividade, a todos os aldeamentos de trabalhadores fixados em Cabora Bassa para a construção da barragem que ali irá surgir dentro em breve. A presença de Gazcidla em mais um empreendimento com a envergadura e projecção da Barragem de Cabora Bassa, não pode deixar de constituir um justo motivo de orgulho.

GAZCIDLA
uma chama viva onde quer que viva

CINEVIZ 11-02-70



Cabora Bassa ou Kahoura Bássá: garganta rochosa da bacia do Zambeze; futura e grandiosa barragem que garantirá 18 mil milhões kw de energia por ano (3 vezes superior ao total de energia produzida na Metrópole em 1969 e 40 vezes superior ao total de Moçambique em 1967). Segundo a lenda indígena, «cabora bassa» significa «acabou o trabalho». De momento, o trabalho apenas começou — trabalho gigantesco, concretização de um legítimo sonho nacional que, pelo inerente desenvolvimento das economias, será raiz de benefícios à escala internacional.

tem a palavra o leitor

Uma escola inovadora

«Como diplomado pelo Instituto de Estudos Sociais, também consternado pela notícia do cancelamento das matrículas naquela Escola, venho por este modo:

1 — Agradecer a atenção da (Mesa-Redonda) do «D. L.» de 18-9-70.

2 — Esclarecer que os cursos do IES não apontam para Assistência Social, onde ao que eu saiba nenhum diplomado exerce o seu mister como assistente social. Outrossim já alguns trabalharam no I. A. à Família; este esclarecimento vem a propósito do que se afirma na introdução à entrevista da referida (Mesa-Redonda).

3 — E, se me permite, aclarar que o que está em causa neste momento é a existência de uma Escola, que corre o risco de ser aniquilada precisamente quando o tipo de formação que ministra se vai mostrando cada vez mais necessário.

A muitos títulos o I. E. S. foi jovem, inovador e até democrático.

— Virou-se para a problemática social e em especial para as Ciências do Trabalho com notável espírito de independência e objectividade, como se pode ver consultando as sebetas de alguns professores, numa época em que essas matérias estavam completamente ausentes no ensino superior.

— Durante dois anos manteve aulas nocturnas tal como agora aparecem

em Económicas (5 anos depois).

— Só cobra de 500\$00 a 700\$00 por ano a cada aluno; (se quereis ver se uma Escola é de elites e «para» essas elites, consultai o preço das propinas).

— Chegou a preparar-se cursos livres com participação de alunos na escolha das matérias a ministrar — o que infelizmente não foi ávante.

As garantias profissionais para os diplomados (presentes e futuros) não é tudo o que as entidades competentes devem assegurar. Elas devem manter e ajudar a desenvolver-se numa Escola de grande interesse para o País, que pode acompanhar de perto o desenvolvimento da ciência e as necessidades específicas em formação quer do sector privado quer do público e aplicar de imediato consoante aqueles dados) novas matérias e novos métodos. E isto porque se não encontra anquilosada em formas antigas.

De resto, por muitas garantias que se dêem no papel, qual será no futuro a situação dos diplomados por um curso de uma Escola que se fechou ou a que se tirou a vitalidade?»

Carvalho Abrantes

Que futuro para os diplomados do I. E. S.?

«Como foi anunciado em «Mesa-Redonda»... os alunos e diplomados do I. E. S. reuniram-se

no passado dia 18 para apreclarem a grave situação decorrente da suspensão das matrículas para novos alunos, no corrente ano lectivo.

Foi eleita uma comissão mista incumbida de estabelecer contactos e efectuar diligências no sentido de «clarificar» a situação, bem como de apresentar superiormente as justas pretensões da massa estudantil e dos diplomados (cujo número já ultrapassa os 300). Perante a impossibilidade de uma audiência com o sr. ministro das Corporações a comissão avistou-se com o chefe do gabinete do ministro e com o Director do Instituto. Segundo se afirmou, a reforma do I. E. S. estava a ser objecto de estudo atento, possivelmente integrada já na perspectiva mais ampla da reforma do ensino superior.

Reconhecendo embora que os estudos deste género são por via de regra delicados e morosos, os alunos e diplomados em expectativa durante longos anos (praticamente desde a criação do I. E. S. em 1962), têm naturais anseios e justas aspirações que desejariam ver de imediato satisfeitas, como sejam:

— Definição inequívoca, pelo M. E. N., do nível superior dos cursos regulares do I. E. S.;

— Possibilidade de prosseguimento de estudos nos cursos complementares existentes na Universidade;

— Definição de um estatuto profissional.

Actualmente os alunos do I. E. S., concluído o curso, se desejarem prosseguir estudos só o poderão fazer no estrangeiro (p. ex. em França), visto que a matrícula nos cursos complementares existentes lhes tem sido sistematicamente vedada. A alternativa será o ingresso em qualquer curso universitário, com sujeição ao exame de aptidão, sendo por conseguinte irrelevantes os anos «gastos» no I. E. S.

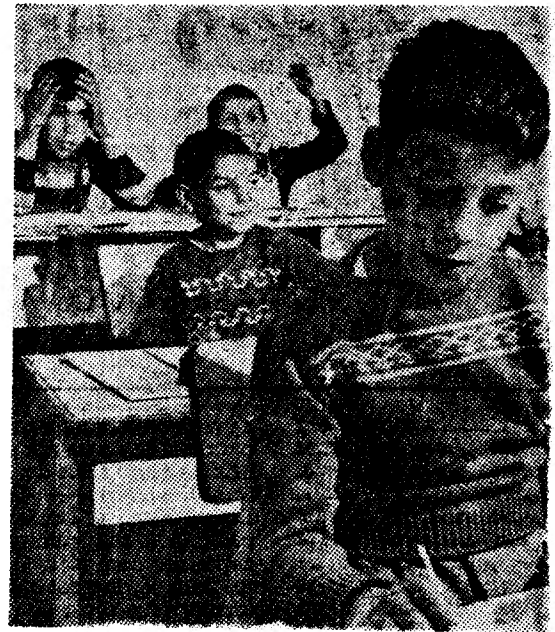
Os alunos e diplomados estão dispostos a efectuar junto das entidades competentes todas as possíveis diligências com vista à concretização das suas aspirações. Alguns diplomados pensam também, seriamente, na criação de uma associação tipo sindical que lhes possibilite, por via legal, a defesa dos seus interesses profissionais.»

José de Oliveira

Reconhecimento

«Como aluna do Instituto de Estudos Sociais, venho manifestar a V. o meu sentimento de reconhecimento, pelo acolhimento que se dignou dispensar aos alunos e diplomados do referido estabelecimento de ensino, concedendo-lhes a realização da Mesa-Redonda do dia 18 de Setembro p. passado.»

Branca Baptista Bastos



TV e informação infantil

«As crianças escolarmente mais fracas, com titulum o conjunto mais assíduo de telespectadores», eis o resultado de uma dupla pesquisa efectuada em Inglaterra, antes e após a Telvisão. Efectivamente, a T. V. e os demais meios de comunicação, que deveriam ser utilizados numa escola realmente activa e actual, age como elementos de dispersão. Segundo um inquérito realizado numa escola de Paris, concluiu-se que a criança é um consumidor prodigioso de informações extra-escolares: 931 horas de informação por imagem e 240 informações sonoras no ano escolar... ou seja, 1171 horas por 1080 horas de aula.

Um professor entrevistado pelo jornal «Monde», definiu o conjunto de influências, que chegam à criança, através dos meios de comunicação (Rua, Rádio, Cinema, Televisão), como uma expressão tornada hoje popular: «a escola paralela». A escola deve considerar o mais possível os esforços exteriores de informação para fazer deles a base de um ensino muito próximo das questões que, de facto, se põem ao aluno.

Em suma, o que é necessário é que a escola «arme» os jovens, não submetendo-os à televisão e à publicidade, mas desenvolvendo neles capacidade crítica e de opção face a uma sociedade para cuja modificação estejam livremente preparados. Só assim a escola será capaz de acompanhar o progresso técnico ao serviço dos homens. E assim a escola deixará de estar à margem da vida.

Inovações no regime de doutoramento

Cont. da pág. 8

Portugal as condições para prosseguir os meus trabalhos. Os principais problemas foram de espaço — laboratório onde me instalar — e de infra-estruturas. Tudo é lento, tudo demora. Não há as coisas, não se podem fazer, ou se se podem, leva tempo. Mas mesmo aqui há progresso em relação à situação existente há 4 anos, antes de eu partir para Inglaterra. Talvez seja mais estimulante trabalhar aqui e agora. Vamos a ver!

Quais são as viabilidades de doutoramento em Portugal para um assistente?

Dr. José Lopes da Silva:
Reorganizar toda a investigação

O número de doutorados em Portugal tem sido muito pequeno: segundo o preâmbulo do decreto em discussão só se realizaram 168

actos entre os lectivos de 1960/61 e 1967/68, o que é francamente baixo, e ainda mais, se pensarmos que nele se incluem todos os que tendo obtido o grau de doutor no estrangeiro se apresentaram a provas em Portugal, utilizando os resultados obtidos lá fora. A razão de ser disto não pode estar só no diploma que regulamentava até aqui as provas de doutoramento, mas muito mais nas dificuldades que os assistentes têm tido para realizar um trabalho exclusivamente no País.

Com o regresso de vários doutorados no estrangeiro a situação tende a melhorar, na medida em que aumentou o número de pessoas capazes de orientarem doutorandos, mas só poderá ser resolvida se, como disse, forem criados os centros de investigação suficientes para acolherem os candidatos ao doutoramento. Isto implica uma reorganização cuidada de toda a investigação o que parece ser intenção do Ministério da Educação Nacional. E de desejar que, análogamente ao que se passou com o diploma dos doutoramentos, o projecto dessa reorganização seja facultado a todos aqueles que estão ligados à investigação, a fim de poderem exprimir as suas opiniões.

Dr.ª Gabriela Lopes da Silva:
Carência de meios e de pessoas

Com o presente decreto o número de doutoramentos aumentará com certeza pois muitos eram aqueles que se desencorajavam perante o esforço, especialmente físico, que exigia o anterior sistema de provas. Mas o diploma perderá toda a sua dimensão se não forem criadas condições de trabalho nas Faculdades, para os assistentes. Actualmente sofre-se de uma enorme carência de meios materiais e, além disso, de pessoas capazes de orientar um trabalho científico que conduza a um doutoramento num intervalo de tempo razoável.

Dr. Jorge Gonçalves Calado:
Um sistema de bolsas à escala nacional

Em relação a esta questão eu gostaria de perguntar: Quais são e quanto são os laboratórios universitários onde se realiza investigação de bom nível? Na minha Escola contam-se pelos dedos, e tal-

vez os de uma só mão cheguem para isso... E o panorama não é mais desolador graças à acção do Instituto de Alta Cultura que tem disseminado pelas várias Escolas Superiores do País uma série de viveiros ou núcleos de investigação.

Há ainda um outro aspecto que não foi encarado e que me parece importante e urgente e que é o da verificação das condições económicas para a realização do trabalho de tese. O assistente, uma vez embalado no doutoramento, não pode exercer docência. Parece-me, de facto, que é impossível conciliar as duas coisas, uma vez que a situação actual da Universidade exige (ou devia exigir) felizmente uma dedicação total que é incompatível com a tranquilidade necessária a quem está empenhado num trabalho de investigação de fôlego. Põe-se então o problema de saber como é que uma pessoa vive uma vez que tenha de abandonar temporariamente o serviço docente. Aqui eu sonho com um sistema de bolsas à escala nacional, mas bolsas que permitam de facto uma dedicação total ao trabalho, e não esmola, que se destinem a complementar salários auferidos em actividades dispersas. Bolsas, bolsas, bolsas... Mas elas são necessárias a tantos níveis...

«Não há viabilidade sem reforma agrária»

ENTREVISTA COM O DR. ANTÓNIO BICA

A avicultura surgiu em Portugal, como realidade económica de certo peso, há ainda poucos anos. Na Beira Alta, sobretudo, teve um desenvolvimento rápido pela expansão de pequenas explorações agrícolas, visando embora o mercado, as quais permitiram a alteração dos dados económicos tradicionais de uma lavoura sem horizontes nem futuro: a impossibilidade real de explorar em termos rentáveis uma agricultura depauperada e assente na enorme dispersão da propriedade levou os agricultores a procurar novas formas de rendimento. A experiência da avicultura racionalizada resultou. As pequenas empresas familiares, na região de Lafões e concelhos vizinhos, multiplicaram-se, apesar da distância considerável a que se encontram dos centros principais de comercialização. Os intermediários, entretanto, montaram uma rede, necessariamente imperfeita e muitas vezes especuladora. A breve trecho, a solução cooperativa impôs-se. Em 1964

aguardamos a autorização para aumentar a área. Muitos avicultores dos concelhos vizinhos — Castro Daire, Viseu e Tondela — pediram a sua admissão e contamos com eles. O facto, para já, merece um comentário: o sócio não procura fortalecer a cooperativa, com a sua presença, mas procura a cooperativa quando ela demonstra força. Assim, é nos anos de crise no mercado que maior número de produtores procuram a cooperativa: em 1964, a crise deu-lhe nascimento; em 1967, entraram 136 agricultores (crescimento de 90%); e em 1970, com nova crise, a mais grave de todas, já foram admitidos 137. Presentemente, são sócios da Cooperativa 455 avicultores da região, ou seja, cerca de 50% do total.

— *Supomos tratar-se de uma iniciativa inédita, pelo facto de visar somente a comercialização dos produtos derivados dos novos aviários. Somente ou essencialmente?*

— Essencialmente, sim. Na verdade, que mais há aqui para comercializar? Trata-se de uma região on-

outras formas de prestação de serviços: fornecimento de rações, assistência técnica, fornecimento de pintos, e, talvez em breve, também de adubos derivados. Encaramos a comercialização de carne de porco, pois julgámos existir boas condições de produção, na zona. Contudo, as exigências técnicas e as contingências da criação têm evitado resultados compensadores. A carne de vaca — sobretudo de vitela — era outra hipótese. Dado, porém, que não existe produção industrializada, seria necessário que todos os pequenos produtores fossem sócios da Cooperativa para tornar a comercialização rentável. O que se nos afigura difícil, para já. Resta-nos, por agora, a recolha de cerca de 500 litros de leite, diariamente, por contrato com uma União de Cooperativas do ramo.

As vantagens da dispersão

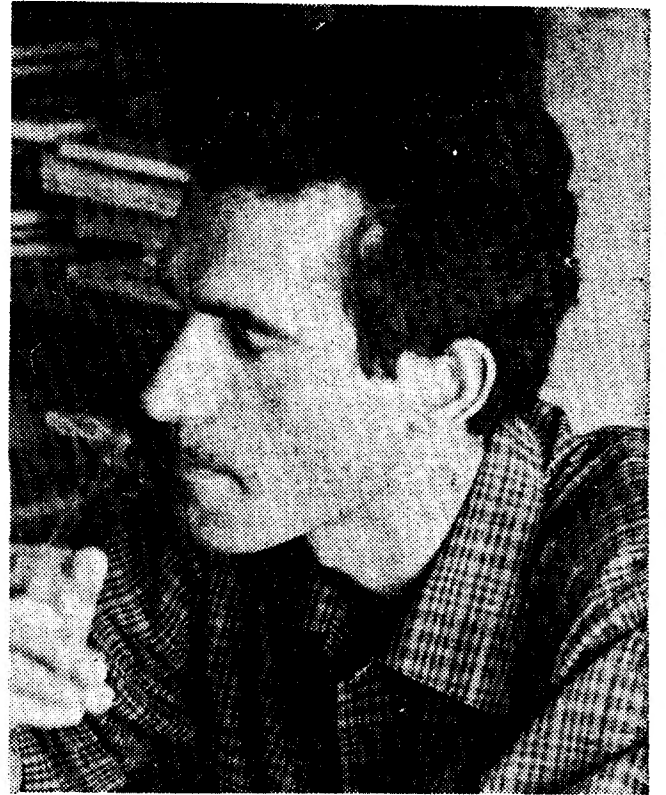
— *No Relatório e Contas da Cooperativa, verifica-se que em 1969 o valor*

um programa seguro de investimentos. Actualmente dispomos da sede própria que construímos, de maquinaria actualizada, de carros e camiões, ... serviços competentes e que garantem a rede de comercialização em que trabalhamos. As dificuldades dizem respeito ao futuro — ao futuro do próprio cooperativismo agrícola nas regiões do Norte. Ao futuro da avicultura dispersa.

— *Porquê?*

— Porque está em causa a viabilidade deste tipo de pequena produção. Há factores a favor dela: pequeno custo, aproveitamento dos estrumes e da mão-de-obra caseira. Mas outros factores são-lhe negativos: deficiência de preparação técnica, afastamento dos grandes centros de comercialização, transportes caros, portanto. Do resultado desta luta de factores depende o desaparecimento ou expansão da Cooperativa de Lafões.

— *Parece-nos, pois que o dilema é este: manter a produção dispersa ou optar pela concentração industrial. Será?*



ANTÓNIO BICA: «é nos anos de crise que o agricultor mais procura a solução cooperativista»

transição lenta para outro tipo de explorações. Vejamos outras vantagens: o estrume dos aviários é um fertilizante muito bom, que começa a permitir resultados surpreendentes e novas culturas; o dinheiro ganho pelos agricultores neste tipo de exploração contribui para melhorar o nível do ensino para os filhos, pois está provado que quando o camponês tem possibilidades, manda mesmo os filhos para a escola, até onde for possível. Neste aspecto, é enorme o alcance social da actividade. A existência de aviários está a contribuir, também, para um melhor índice de alimentação na casa agrícola, depauperada pelo desaparecimento dos rebanhos. Outras razões de ordem económica: serão menos significativas as oscilações periódicas do mercado; a pequena exploração aguenta-se melhor do que o grande industrial, exactamente porque não funciona segundo um ponto de vista capitalista, não exigindo portanto lucros imediatos e significativos; e garante uma constância maior no abastecimento do mercado, desde que — e isto é fundamental — se agrupe em cooperativas que façam uma boa comercialização, garantam assistência técnica eficaz e ponham de parte interesses especulativos, respeitando a igualdade de direitos de todos os produtores.

— *Num terreno praticamente virgem, como o desta região, a ideia cooperativista, o lavrador aderiu facilmente?*

— O lavrador entende que é vítima dos circuitos comerciais — respondeu o dr. António Bica — por isso adere à Cooperativa, mas como coisa que é feita para o servir e da qual ele não faz parte. A direcção é para ele, não dele. Resultado: existe uma grave crise de dirigentes, por agora. As Cooperativas deste género continuam entregues a dirigentes da terra, ou que julgam ser o cooperativismo uma boa solução. O que cria um pe-

rigoso estado de dependência de uma instituição muito útil em relação a certas pessoas.

O futuro do Cooperativismo Agrícola

A concluir esta longa conversa com o dr. António Bica, na sede da Cooperativa Agrícola de Lafões, em Vouzela, desejamos saber o que pensava do futuro do cooperativismo agrícola, sobretudo no Norte do País. Profundo conhecedor das realidades vitais do nosso povo e da região especifica a que nos referimos, o nosso entrevistado não se mostrou muito optimista:

— O futuro é totalmente inviável sem uma reestruturação agrícola, ou reforma, cada vez mais necessária. Infelizmente, os nossos técnicos têm cometido erros consecutivos, porque são mais permeáveis a exemplos vindos do estrangeiro do que a um estudo profundo e aturado da nossa realidade. Há anos foi aprovada a lei do parcelamento, mas que é feito dele? Agora fala-se em agricultura de grupos, a exemplo do que se está a fazer em França, mas esquecem-se de que esses agrupamentos são feitos por empresas já organizadas a nível capitalista e competitivo nos mercados internacionais. Ora, nós, aqui no Norte, ainda vivemos num regime de pequenas explorações muito dispersas. Não é viável qualquer mecanização, e a mão-de-obra escassa e é cara. Portanto, teremos de assentar nesta ideia básica: primeiro a reforma agrária, depois as cooperativas. E nunca o contrário. Não são as cooperativas que vão resolver os problemas económicos de cada região. Da boa solução deles é que resultam as cooperativas, no sentido de concretizar os resultados obtidos. E é deles que estamos, ainda, muito longe.



Instalações de sede própria da Cooperativa Agrícola de Lafões

— ano de crise — foi decidida a criação da Cooperativa Agrícola de Lafões, destinada a comercializar a carne de frango e os ovos, únicos produtos destinados ao mercado saídos do embrião industrial que nascia na região. No ano seguinte, a cooperativa entrava em funcionamento. O seu caminho, até aos nossos dias, tem sido de progresso. Acerca da experiência falámos com o presidente da direcção, dr. António Bica. E do futuro do cooperativismo agrícola do mundo específico da lavoura norte-nha.

A área (estatutária) abrangida pela Cooperativa Agrícola de Lafões equivale aos concelhos de S. Pedro do Sul, Vouzela e Oliveira de Frades.

— Contudo — informa-nos o dr. António Bica —

de impera o minifúndio e uma economia caseira, de auto-abastecimento. Antes de 1959, não existiam hábitos de mercado. A batata, o milho, os legumes, a fruta, sempre foram encardados como produtos destinados a satisfazer unicamente as necessidades da casa agrícola. A «criação» também. A avicultura veio alterar os dados do problema: o agricultor, servindo-se da mão-de-obra caseira, construiu pequenos aviários, com um mínimo de condições. Mas, fazendo-o, teve de encarar as condições do mercado. A comercialização deficiente que se fez nos primeiros anos era a condenação irrevogável da pequena indústria que surgia. Assim nasceu, por iniciativa do progresso, a cooperativa. Evidentemente que esta, destinando-se a servir os agricultores seus associados, teve de encarar

dos produtos comercializados ascende à verba muito importante de 47 000 contos. Como chegaram a resultado tão apreciável?

— Através do cumprimento de um programa, cauteloso mas progressivo, traçado e executado com segurança. As dificuldades iniciais foram grandes, tanto mais que nunca beneficiámos de qualquer auxílio ou subsídio oficial. Os problemas do crédito obrigaram-nos a ginástica difícil, mas conseguimos equilibrar as contas e iniciar

— O problema é esse, na verdade. Por mim, acho ser de interesse, por ter o maior interesse, esta dispersão em pequenas explorações. Em primeiro lugar, assentamos nesta verdade, para mim inequívoca: é impossível a sobrevivência da pequena agricultura de auto-abastecimento. Depois, e por isso mesmo, a experiência agrícola tem o maior interesse, porque mentaliza o agricultor a trabalhar para o mercado, obtendo um rendimento que permita a



MESA REDONDA